

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

Jeferson Moreira Gonçalves

Do toque ao *touch*:
a hiperconexão como regime contemporâneo

São Paulo

2022

JEFERSON MOREIRA GONÇALVES

Do toque ao *touch*:
a hiperconexão como regime contemporâneo

Versão Original

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação. Área de concentração: Ciências da Comunicação. Linha de pesquisa: Processos Comunicacionais: Tecnologias, Produção e Consumos. Orientador: Prof. Dr. Wagner Souza e Silva

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
Dados inseridos pelo(a) autor(a)

Gonçalves, Jeferson Moreira
Do toque ao touch: a hiperconexão como regime contemporâneo / Jeferson Moreira Gonçalves; orientador, Wagner Souza e Silva. - São Paulo, 2022.
109 p.: il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação / Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo.
Bibliografia
Versão original

1. Byung-Chul Han. 2. Cultura Digital. 3. Big Data. 4. Psicopolítica. I. Souza e Silva, Wagner. II. Título.

CDD 21.ed. -

302.2

Nome: GONÇALVES, Jeferson Moreira.

Título: Do toque ao *touch*: a hiperconexão como regime contemporâneo.

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Ciências da Comunicação.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora.

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Aos que olham para o presente, encontram questões e não se contentam com as respostas dadas, sobretudo aos estudantes e pesquisadores negras e negros que vieram antes de mim, por terem me permitido a possibilidade de questionar. E aos que virão depois com novas questões em um novo tempo.

AGRADECIMENTOS

Apesar de o trabalho de pesquisa acadêmica, muitas vezes, ser um exercício solitário, este trabalho certamente não é fruto apenas da minha dedicação individual. Tive a sorte de estar cercado por uma rede de apoio que permitiu, especialmente nos últimos dois anos tão incertos diante da pandemia do COVID-19 – que coincidiu com a produção deste trabalho –, manter a vontade de seguir acreditando no que havia proposto.

Antes de tudo, agradeço imensamente ao meu orientador e companheiro de empreitadas acadêmicas desde os tempos da graduação, Wagner Souza e Silva, por sua dedicação, atenção e suporte em um tempo que tivemos que reconfigurar todas as rotas traçadas. Wagner me mostrou que há sim um modo de se fazer a pesquisa sem que ela se torne um peso, mas que faça parte da nossa vida como uma companheira amiga. Minha admiração sobre o seu trabalho segue para além desta dissertação.

Agradeço aos meus pais, Luzia e Eduardo, por desde muito cedo terem me dado o privilégio de sonhar e acreditar nesses sonhos comigo - por mais que isso fugisse da nossa realidade, me incentivando sempre a seguir estudando e questionando, pois sabiam que assim eu poderia cultivar um caminho mais frutífero e não limitador. Agradeço também aos meus irmãos que se uniram aos meus pais nessa tarefa de criar um grande sonhador.

Agradeço aos professores Daniela Ramos e Eli Borges Júnior pela participação no meu exame de qualificação e pelo olhar atencioso e cuidadoso sobre a minha pesquisa. Muitos dos apontamentos feitos naquele momento conduziram o caminho que essa dissertação tomou.

Agradeço de modo especial a todos os meus amigos, e - que bom -, foram muitos que fizeram com que o percurso durante o mestrado fosse regado também a momentos leves e alegres. Passamos boa parte dos últimos dois anos separados fisicamente, mas tive o apoio quase diário, em alguns casos, de amigos que me incentivaram e caminharam comigo nesse trajeto, entre eles: Artur Tilieri, Bianca Caballero, Breno França, Bruna Eduarda, Felipe Carvalho, Felipe Curcio, Gabriela Sarmento, Giovanna Lukesic, Isabela Coronelli, Isabella Pipitone, Julia Barreto, Julia Moura, Julio Viana, Luciana Castilho, Mirella Kamimura, Rafael Briet, Thalita Cardoso, Thiago Quadros, Tom Barreto e Vivian Arias, entre tantos outros que compartilharam comigo algum momento nesses últimos dois anos e meio. Agradeço ao Henrique Fredel por ter deixado tudo mais quente e colorido nessa fase final de pesquisa,

obrigado por incentivar tanto em tudo que faço, por sempre ter se um bom abraço e me inspirar a ser uma pessoa melhor.

Agradeço à USP e à ECA por me formarem em parte do que sou e por, de quebra, terem me dado de presente boa parte das pessoas citadas acima. Agradeço também ao PPGCOM, ao PAE, e a todos os seus professores, funcionários e alunos, por terem me permitido adentrar no universo da pesquisa e me acolher tão bem.

Agradeço, por fim, a cada leitor que este trabalho possa vir a ter, tanto pelo seu interesse, quanto por acreditar que no trabalho teórico e crítico podemos colocar luz a questões de nosso tempo que podem hoje não estar tão visíveis.

"A arquitetura do presente trabalho se situa na temporalidade. Todo problema humano exige ser considerado a partir do tempo. O ideal seria que o presente sempre servisse para construir o futuro. E esse futuro não é o do cosmos, mas sim o do meu século, do meu país, da minha existência. De modo algum devo propor preparar o mundo que me sucederá. Pertencço irredutivelmente à minha época. E é para ela que devo viver. O futuro deve ser uma construção constante do homem existente. Essa edificação se vincula ao presente, na medida em que o considero como algo a ser superado."

Frantz Fanon, 2020, p. 27.

"Toda vacina começa com uma cuidadosa compreensão acerca da doença inimiga."

Shoshana Zuboff, 2020, p. 26.

RESUMO

GONÇALVES, J. M. **Do toque ao *touch*: a hiperconexão como regime contemporâneo.** Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Vivemos em um momento em que crise parece funcionar como uma palavra relevante para descrever a contemporaneidade, especialmente se olharmos para os últimos dois anos com a pandemia do COVID-19. Diferentemente de outros momentos históricos, a crise atual, assim como os sujeitos de hoje, são atravessados por tudo que se insere na cultura digital. Neste trabalho, buscamos examinar o nosso tempo presente a partir da concepção de que somos hiperconectados, tratando a hiperconexão como o próprio objeto dessa pesquisa. Se mais da metade do globo terrestre está conectada à internet por meio de dispositivos de comunicação digital, especialmente pelas telas desses dispositivos, podemos dizer que nosso tempo é regido por um regime de hiperconexão, uma vez que muitas de basicamente todas as nossas práticas sociais e culturais estão interligadas e impactadas pelas mídias digitais. A pesquisa se pauta na construção de um arcabouço teórico e crítico a partir da obra do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han publicada no Brasil entre os anos de 2017 e 2022, assim como possíveis atravessamentos de outras publicações contemporâneas por meio de revisão bibliográfica. Como resultado, foram sistematizadas três frentes para caracterizar esse regime da hiperconexão: primeiramente, foi observada a sua sustentação nas imagens, sobretudo nas *imagens técnicas* e nas dinâmicas de circulação que estas ganharam ao longo da evolução da sociedade; em segundo, como a configuração social hoje se pauta a partir da ideia neoliberal de *desempenho*, prática essa em que o sujeito se vê como empresário de si mesmo, fato que se amplia nas mídias digitais, a partir da *desmediatização*, em que todos somos produtores e consumidores de conteúdos e informações no digital, mergulhados em uma lógica cultural de consumo capaz de alterar até mesmo os modos de percepção da temporalidade, originando uma aceleração social do tempo; por fim, notamos o atual estágio das comunicações como sob uma forma de organização chamada de *psicopolítica*, que é sustentada pelo emprego de algoritmos e *big data* para modulação de usuários nas plataformas digitais. Assim, este trabalho busca respostas para o questionamento central de como conceber, de modo crítico, uma cultura digital que possa configurar um cenário futuro mais democrático e igualitário, em que a subjetividade humana seja respeitada.

Palavras-chave: Byung-Chul Han; Cultura Digital; Big Data; Psicopolítica.

ABSTRACT

GONÇALVES, J. M. **Do toque ao *touch*: a hiperconexão como regime contemporâneo.** Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

We live in a time when crisis seems to work as a relevant word to describe contemporaneity, especially if we look at the last two years with the COVID-19 pandemic. Unlike other historical moments, the current crisis, as well as the subjects of today, are crossed by everything that is part of digital culture. In this work, we seek to examine our present time from the point of view that we are hyperconnected, treating hyperconnection as the very object of this research. If more than half of the globe is connected to the internet through digital communication devices, especially through the screens of these devices, we can say that our time is governed by a regime of hyperconnection, since many of basically all our social and cultural activities are interconnected and impacted by digital media. The research is based on the construction of a theoretical and critical framework from the work of the South Korean philosopher Byung-Chul Han published in Brazil between 2017 and 2022, as well as possible crossings of other contemporary publications through bibliographic review. As a result, three fronts were systematized to characterize this regime of hyperconnection: first, its support was observed in the images, especially in the *technical images* and in the dynamics of circulation that they gained throughout the evolution of society; second, how the social configuration today is guided by the neoliberal idea of *performance*, a practice in which the subject sees itself as an self-entrepreneur, a fact that is expanded in digital media, by the *demediatization*, in which we are all producers and consumers of digital content and information, immersed in a cultural logic of consumption capable of changing even the modes of perception of temporality, giving rise to a social acceleration of time; finally, we note the current stage of communications as under a form of organization called *psychopolitics*, which is supported by the use of algorithms and big data for modulation of users on digital platforms. Thus, this work seeks answers to the central question of how to critically conceive a digital culture that can configure a more democratic and egalitarian future scenario, in which human subjectivity is respected.

Keywords: Byung-Chul Han; Digital Culture; Big data; Psychopolitics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Obra Balloon Dog, de Jeff Koons.....	41
Figura 2: Prints das imagens que foram publicadas pelo usuário @bascule em sua conta no <i>Twitter</i>	66
Figura 3: Prints da tela de pré-visualização das imagens publicadas na conta do usuário @bascule no <i>Twitter</i>	66
Figura 4: Prints da tela de pré-visualização das imagens publicadas na conta do usuário @_jsimonovski no <i>Twitter</i>	67
Figura 5: Imagem e print da tela de pré-visualização da imagem publicada na conta @cropping_bias no <i>Twitter</i>	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IA - Inteligência artificial.

IoT - Internet of Things ou Internet das Coisas, em português.

MIT - Instituto de Tecnologia de Massachusetts.

FOMO - Fear of missing out, sigla em inglês.

SRI - Simbólico, Real, Imaginário.

SUMÁRIO

1. Introdução	14
2. Textura da hiperconexão	21
2.1. Tocando imagens	21
2.2. Sujeito em crise	28
2.3. O enxame digital	35
2.4. Deslizando sobre imagens	42
3. Estruturas da hiperconexão	46
3.1. Formação de um regime	46
3.2. Hipermodernos e hiperconectados	49
3.3. Sujeitos em rede	53
3.4. Aceleração do tempo no digital contemporâneo	56
4. Comunicação hiperconectada	65
4.1. Uma vida em que os dados são reis	65
4.2. Valor e capital da psicopolítica	72
4.3. Fantacias conectadas	82
4.4. Eliminando distâncias	86
4.5. Menos toque, mais touch: uma crise atual	89
5. Considerações finais	95
6. Referências bibliográficas	100

1. Introdução

"Ao apertar as teclas da minha máquina, toda a minha existência se concentra sobre as pontas dos meus dedos, estou no mundo por intermédio das pontas dos meus dedos."
- Vilém Flusser¹

Vale iniciar dizendo que esta pesquisa foi desenvolvida durante dois anos da pandemia do COVID-19, fato esse que impactou diretamente tanto o processo de fazê-la, quanto o próprio objeto de pesquisa. Talvez ainda seja cedo ou difícil dizer todos os impactos que esses últimos acontecimentos trouxeram às mais diversas áreas, mas nos parece importante lembrar que momentos históricos como esses deixam marcas, mudam caminhos, abrem e fecham portas, e o que se segue disso é o residual que podemos reconstruir e recriar.

Esta pesquisa nasce da necessidade de se pensar o tempo presente por meio de um caráter inter e multidisciplinar, reunindo produções contemporâneas que contribuem à área, somadas a conceitos que nos cabe perpassar para dar conta de localizar o momento que vivemos. Sua inserção na linha de pesquisa "Processos Comunicacionais: Tecnologias, Produção e Consumos" nos é valiosa e perspicaz, pois conseguimos atuar nas esferas das dinâmicas das mídias digitais dentro de sua atuação nos processos de comunicação. Assim como avaliar as atuações de produção e consumo que os usuários desenvolvem hoje dentro de ambientes digitais. Esse cenário foi o que nos permitiu caminhar para a construção de uma ideia que guiou esta pesquisa, considerando que hoje o universo da cultura digital se mostra presente nos mais diversos aspectos de nossas vidas. Seja por manutenção e procura de contato, trabalho, questões burocráticas, o digital está, cada vez mais, dentro do comum de nossas vidas. Este pensamento nos leva à construção da hiperconexão como um regime contemporâneo.

Entendemos também que é de fundamental importância elaborar de modo teórico e crítico os fenômenos trazidos com a ampliação dos usos do que se refere ao digital, pois isso nos possibilita uma compreensão mais sustentada em argumentos capazes de serem aplicados aos caminhos que essas novas tecnologias vão tomando. É importante trazer à luz as questões técnicas das imagens, das dinâmicas das plataformas e da manutenção do capital, por exemplo. É a reunião desse pensamento crítico e filosófico que nos possibilita compreender e buscar mais questões de nosso tempo. Este trabalho, portanto, é essencialmente teórico, por visar contribuir para a disseminação dos conceitos aqui apresentados e por propor esse modelo de reflexão aos estudos da comunicação.

¹ (FLUSSER, 2008, p. 35).

Nosso eixo teórico central neste trabalho gira em torno da produção bibliográfica do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, no que se compreende de suas obras publicadas no Brasil entre 2017 e 2022. Han é professor da Universidade de Berlin, na Alemanha, e, apesar de ser radicado na Europa e dialogar com os conceitos e estudos dos clássicos Europeus, carrega em sua forma ensaística de argumentação muitos dos ensinamentos e práticas de sua vivência não ocidental. Acreditamos que esse autor contemporâneo é pertinente ao trabalho para se pensar as comunicações hoje, justamente por ele ser capaz de criar uma narrativa inter e multidisciplinar em suas obras, trazendo questões filosóficas clássicas aplicadas a situações do cotidiano do nosso momento presente, como, por exemplo, o *big data*, os algoritmos, os modelos de comunicação e as formas de vida na contemporaneidade.

Articulando as principais ideias de Byung-Chul Han com demais autores, buscamos aqui examinar alguns efeitos que a vida contemporânea cada vez mais conectada, como muito ouvimos, tem criado novas dinâmicas para os sujeitos e também para as próprias práticas das comunicações. O regime da hiperconexão nos traz questionamentos contraditórios, já que nos oferece novas potências, mas também nos vulnerabiliza e nos submete a procedimentos sem que saibamos seus usos e efeitos. Nossa tarefa aqui é então trazer à superfície esses debates, em um entendimento de que já somos hiperconectados, a partir dessa leitura crítica e levantamento bibliográfico, para que nossa análise seja ampla, assim como esse próprio fenômeno. É importante traçar os caminhos e desdobramentos desse regime para que possamos construir ao longo do tempo um espaço hiperconectado que se pautar na figura humana.

As temáticas do digital já são trabalhadas há certo tempo pelas comunicações, assim como as suas mediações e efeitos de produção. Castells (1999, 2003, 2018), McLuhan & Fiore (2018) e Crary (2016), por exemplo, pautam muitos conceitos e desdobramentos do digital na vida dos sujeitos e nas práticas comunicacionais, o que nos permite unir parte desses pensamentos aos desdobramentos contemporâneos propostos por Han (2017-2022), que nos apresenta uma *sociedade do desempenho, desmediatizada* e com sua própria lógica de controle social, político e econômico, a *psicopolítica*. Localizamos, ainda, demais leituras a fim de trazer mais debates para as questões do digital em uma sociedade hiperconectada, como as dinâmicas apresentadas por Flusser (2002, 2008, 2017), Zuboff (2021), Bucci (2021), Lipovetsky & Serroy (2014), entre outros. Nosso entendimento central é encarar a cultura digital como uma esfera da hiperconexão, em que o toque é cada vez mais substituído pelo *touch*. Usamos esse jogo de palavras para apresentar um cenário em que se sobressai tudo que se compreende por digital, tecnológico, fabricante de dados e de valor a partir

desses dados. É dentro desse contexto que o objeto de pesquisa deste trabalho é a própria hiperconexão, pois entendemos que esse fenômeno se apresenta como um regime da sociedade contemporânea, marcado por uma evolução acentuada em suas técnicas de midiatização, sobretudo a partir dos progressos tecnológicos e da aceleração dos fluxos de capital. Esse cenário foi retratado no documentário *O dilema das redes* (2020), da *Netflix*, que mostrou recentes escândalos envolvendo a disseminação de propaganda política, *fake news* [desinformação] durante a pandemia do COVID-19 e o impacto psicológico, sobretudo nos adolescentes, assim como expôs a verdadeira matéria prima das empresas mais lucrativas do mundo hoje: dados produzidos por usuários. Na era do *big data*, a psicopolítica (HAN, 2018c) se configura como um dispositivo de controle econômico e de atuação psíquica, ao qual estamos todos condicionados enquanto sujeitos usuários de plataformas.

A partir desse objeto nos surgem questões que centralizam a produção dessa pesquisa, sendo elas: como localizar e encarar a cultura digital hoje entendendo-a como um regime de hiperconexão, a partir de reflexões teóricas contemporâneas? Como podemos entender as telas como verdadeiros espelhos e cada vez mais presentes na nossa vida, e qual a relação com as suas imagens? Quais são os efeitos da hiperconexão, sobretudo do acúmulo de dados no que se refere à ordem econômica do sujeito e como encarar essas dinâmicas dentro das comunicações? Essas perguntas, juntas como tentáculos, nos levaram ao objetivo central desta pesquisa: traçar um exame sobre o presente do digital a partir da obra de Byung-Chul Han, localizando a crise que ronda o sujeito contemporâneo que busca continuamente pelo *touch*.

Este objetivo central nos guiou para o entendimento de outros objetivos específicos, sendo eles: (a) estudar a centralidade das telas dentro da hiperconexão e sua relação com as imagens ali apresentadas em suas percepções e recepções; (b) estabelecer a estruturação da hiperconexão enquanto um regime, já que se situa na contemporaneidade de maneira sem precedentes e com técnicas próprias; (c) analisar os impactos da hiperconexão no próprio entendimento das comunicações e na vida dos sujeitos, em seus campos psicológicos, econômicos e socioculturais, sobretudo a partir da possibilidade de calcular tudo a partir do *big data*.

Os procedimentos metodológicos aqui utilizados se pautaram na revisão bibliográfica, a fim de configurar-se como um estudo sobre o estado da arte acerca do tema e de seus correlatos, aliada a uma reflexão crítica e filosófica do tema dentro das comunicações. Para se debruçar sobre a revisão bibliográfica da obra de Byung-Chul Han, nos foi importante estar atentos também às produções que se interconectam com as diferentes áreas do saber dentro

das ciências sociais aplicadas, como a filosofia, a sociologia, a ciência política e a psicanálise, até mesmo para verificar a potência dos estudos da comunicação, da imagem e da mídia como um campo interdisciplinar. Para contribuir com o tema de uma forma contemporânea e eficaz, como ele mesmo sugere, realizamos uma observação de usos e aplicações desses meios com a intenção de recolher exemplos e casos que sirvam como demonstração dos tópicos levantados no trabalho, sobretudo nos efeitos para a comunicação dentro de um mundo hiperconectado. Esse recolhimento de material, aliado a um estudo de estado da arte, permite que, a partir do observado durante o processo, se encontrem novas contribuições e argumentações que acabam sendo interessantes para se tratar de um tema em constante alteração e evolução. Debruçado sobre a obra de Han, esses casos nos ajudam a compreender a dimensão da hiperconexão nas esferas da comunicação.

A começar, no **primeiro capítulo** desta dissertação, buscamos examinar as texturas da hiperconexão, no sentido de compreender a parte constitutiva e os arranjos desse fenômeno hoje. Entendemos a partir daqui a localização da imagem como a mídia da hiperconexão, disseminada em todas as telas e *feeds* que nos rodeiam. Especialmente nos últimos dois anos com a pandemia do COVID-19 e as necessidades de isolamento virtual, os temas centrais da nossa vida passaram a ser atravessados pela presença de telas e dispositivos de comunicação digital. Trabalho remoto, aulas *on-line*, telemedicina e serviços de *delivery* a partir de aplicativos se tornaram artefatos comuns do nosso dia a dia.

As interações com esses serviços e plataformas se concentram nas telas, e é nesse sentido que iniciamos o reforçamento da disseminação do *touch* em oposição ao toque. Não mais o toque passa a marcar nossa conexão e comunicação, mas o *touch* nas telas digitais. Esse *touch* nas telas é um tocar as imagens, já que são elas que nos são apresentadas. Apresentamos então um percurso a fim de localizar as imagens técnicas que hoje rondam e moldam nossas experiências na mídia digital, fazendo um percurso passando pela fotografia e pelas especificidades de adição que as imagens técnicas passaram a ganhar.

O sujeito em crise que a hiperconexão caracteriza é fruto do que Han (2017a) vai chamar de *Sociedade do Desempenho*, marcando um tempo contemporâneo em que as violências que nos afligem se concentram na ordem neuronal, já que também eliminamos o aspecto negativo de tudo, mirando apenas na positividade, buscando liquidar todas as limitações e coerções. A sociedade do desempenho fabrica sujeitos produtores, já que a busca por performance e produção é seu novo patamar de atuação, a um modo em que quem não produz, não aparece - ou não existe. Essa construção também é fruto do capitalismo neoliberal contemporâneo, que, pautado na individualidade e no ideal de liberdade, busca

romper e acabar com todo e qualquer tempo de pausa e de descanso, ou seja, o tempo de não produção de capital.

O exame enquanto modo de organização da sociedade, como postula Han (2018a), nos mostra um modelo contemporâneo de gestão em que conectados os sujeitos produzem um zumbido constante. Esse som confuso gerado, especialmente no digital, transforma a mídia digital em uma mídia essencialmente de afetos, em que tudo circula e se dissemina de modo rápido e contínuo. Além disso, exploramos a questão da *desmediatização* para entendermos as atuações na produção e consumo de informações, mensagens e imagens em um momento em que esses papéis se misturam, se confundem e se convergem. O que fica de residual na experiência com as telas é o nosso deslizar de dedos, o espaço liso enquanto superfície nos ajuda a explorar essa crise também sensorial que a hiperconexão nos ocasiona.

Compreendemos também que, diante do elaborado e da percepção das proporções que hoje o digital toma em nossa vida, a hiperconexão se apresenta como um regime, uma ordem organizativa. Exploramos essa ideia geral no **segundo capítulo**, a fim de compreender melhor as estruturas da hiperconexão. Por se configurar basicamente como uma forma de administrar e governar o sujeito e as sociedades contemporâneas, a hiperconexão é encarada como um regime, pois ela é munida de técnicas, interesses e formas de operação próprias. Esse regime, no entanto, muitas vezes não é visto como algo proibitivo, mas sim como uma ferramenta de exercício da liberdade, a partir da máxima que coloca o indivíduo como responsável pelo seu próprio sucesso.

Localizamos nesse cenário o tempo hipermoderno que marca nossa experiência contemporânea. Pautados na perspectiva de Lipovetsky (2004, 2005) compreendemos que, ainda de forma sem precedentes - especialmente pela inserção de dispositivos de adição de dados - nossa marca temporal é pautada no individualismo. Não mais se dispõem de uma série de estruturas sociais coletivas que estabilizam as fraquezas humanas, nem isso é incentivado, pelo contrário. A hipermodernidade também se prospera numa cultura ordenada pelo acúmulo de capital, seja ele simbólico ou não. Contamos *likes* e *shares* como definidores do nosso sucesso, enquanto fornecemos substratos para que o maquinário aditivo das plataformas possa movimentar e criar mais capital a partir do acúmulo de dados.

Nessas estruturas da hiperconexão, os algoritmos, muitas vezes, ainda se apresentam sob um aspecto de neutralidade, pois estão inseridos dentro da técnica, do considerado não-humano. Mas as técnicas aqui apresentadas são também produtos das técnicas humanas e, portanto, produtos humanos carregados de valor e concepções. As dinâmicas apresentadas pelos algoritmos e pelo *big data* passam a criar novos dispositivos e atuações das esferas de

poder, tudo isso de maneiras sem precedentes. Nem mesmo o tempo escapa das estruturas da hiperconexão, a aceleração das técnicas e das tecnologias nos parecem mudar as lógicas que já tínhamos sobre o tempo.

A constante falta de tempo que, frequentemente, nos é pautada em rodas de amigos está atrelada aos formatos da vida social contemporânea e aos modelos econômicos vigentes. A promessa encantadora de muitos artefatos digitais com o discurso de "economizar tempo" passa a mudar a ordem de percepção dos sujeitos. A falta de tempo também pode ser entendida como uma falta de conclusão em uma dinâmica de vida em que tudo está interligado, nada parece ter fim ou terminar, como o *feed* do *TikTok*, por exemplo.

Finalizando, no **terceiro capítulo** buscamos examinar o que podemos na comunicação a partir da hiperconexão, abordando questões e problemas encontrados a partir das temáticas tratadas neste trabalho. A digitalização total de todas as ações feitas pelos usuários a partir do *big data* faz com que cada ação humana em conjunto com os dispositivos digitais possam ser rastreados e contabilizados. Essa atuação, no entanto, pode carregar uma série de elementos pré-estabelecidos a partir de quem programou essas técnicas. Abordaremos exemplos que nos acendem um sinal de alerta sobre as atuações desses meios e plataformas e, até mesmo, a falta de controle burocrático e estamental sobre eles.

Os exemplos também nos servirão para o entendimento do que Byung-Chul Han (2018a) nos apresenta como psicopolítica. Neste modelo, sobretudo a partir da possibilidade de atuação dos algoritmos, nossas capacidades e atuações passam a ser controladas não só de modo físico e coercitivo, mas também de modo psíquico. A psicopolítica se estabelece como um exercício de poder da sociedade do desempenho, já que os sujeitos não mais consideram que estão presos ou amarrados a alguma coisa dentro dos ambientes digitais. Pelo contrário, a configuração das redes e da cultura digital imprimem nos seus usuários uma ideia de liberdade e de livre circulação. Essa é a receita perfeita para fabricar valor e explorar os usuários que não se vêem nesse local laboral enquanto estão desempenhando suas funções dentro das plataformas, seja buscando entretenimento, seja criando e compartilhando conteúdos. Para exemplificar e teorizar esse pensamento, tomamos por base a obra de Bucci (2021) e sua própria intersecção com a Teoria Psicanalítica. O autor nos conta que hoje o capital atua diretamente na constituição subjetiva dos sujeitos, isso porque - especialmente as *big techs* - atuam em um modo superindustrial de fabricação de valor com atuação do imaginário.

As plataformas digitais, por meio de seus objetos tecnológicos amplamente ofertados, passam a dominar as esferas de fabricação de valor a partir do olhar dos usuários, criando os

trabalhadores do olhar. Nesse jogo laboral, os rastros dos nossos dados e desejos são utilizados para criar e produzir mais valor por meio de ofertas segmentadas, publicidade, venda de anúncios em um alto grau de exatidão devido, justamente, às potencialidades matemáticas dos dados acumulados nessas plataformas.

Esse trabalho exercido pelo olhar explora o que há de mais íntimo nos humanos, brinca com seus próprios jogos de fantasias e se apodera de suas faltas, pois assim pode preencher tais lacunas com mais consumo. Tudo isso acontece sobre as telas, marcando um domínio econômico do regime de hiperconexão. Esse modelo também é caracterizado como capitalismo de vigilância, como aponta Zuboff (2020), para dialogar que essa nova ordem não é em si a tecnologia, mas sim uma ordem que a guia.

O próprio modelo de atuação das plataformas hoje, em conjunto com a atuação do *big data*, permite que casos como os ocorridos nas eleições presidenciais norte-americanas de 2016 e brasileira de 2018 aconteçam. Exploramos brevemente ocorridos desses dois momentos para mostrar como a ordem política e democrática é também atravessada pelo regime de hiperconexão, dispondo de artefatos não antes possíveis para o domínio psicopolítico dos usuários e, neste caso, eleitores. A segmentação de perfis para propaganda política e os disparos em massa de mensagens para grupos previamente estabelecidos pode romper com a ordem do jogo democrático e criar espaços em que só exista uma voz.

Terminando este trabalho, buscamos notar como a mídia digital e o regime de hiperconexão eliminam distâncias. Esse ponto é uma das contradições da temática, pois são benéficos os encurtamentos e facilidades de comunicação que a cultura digital nos trouxe, no entanto é pertinente notar e pontuar que essa eliminação, vista de modo mais abrangente e teorizante, é uma própria eliminação do outro e do diferente. Para seguir as lógicas da ordem econômica, a partir do domínio psíquico e com o *big data*, as plataformas e dispositivos de mídia digital passam a valorizar cada vez mais o que é igual e semelhante, essa é uma prática comum na programação dos algoritmos de redes sociais.

Nos parece que é essa prática do regime de hiperconexão colabora para a eliminação do outro, de um modo em que se elimina o ouvir o outro, criando talvez não um rompimento da comunicação, mas um novo cenário de atuação em que o toque é continuamente substituído pelo *touch*. É por meio do *touch* que constituímos e construímos a nossa vida e as nossas formas de comunicação na contemporaneidade, o deslizar passa a ser a regra social, cultural e econômica de nosso tempo.

2. Textura da hiperconexão

"A modernidade, ao contrário de suas conotações mais populares, não é o mundo em estado drasticamente transformado. Como mostraram alguns críticos, é sobretudo a experiência híbrida e dissonante de viver intermitentemente no interior de espaços e velocidades modernizadas e, no entanto, habitar ao mesmo tempo os resquícios de 'mundos da vida' pré-capitalistas, sejam sociais ou naturais."
- Jonathan Crary²

2.1. Tocando imagens

De certa forma, nos parece que a palavra crise marca nossa experiência na contemporaneidade. O diferencial de todas as crises que experienciamos hoje, em todos os mais diversos aspectos, é atravessada pelo que é digital. A pandemia do COVID-19 foi atravessada pelo digital, a dificuldade de pessoas conseguirem acesso à distribuição de renda é atravessada pelo digital, as fake news - tão em debate - são atravessadas pelo digital, nosso sofrimento psíquico também passa a ser atravessado pelo digital. Isso tudo porque o digital não é mais concebido de modo exterior a nossa vida, mas como componente de constituição.

Neste sentido, podemos observar que surge também uma crise da ordem dos sentidos, uma crise sensorial. Isso porque diante da infinitude de possibilidades ofertadas por dispositivos digitais, vemos nossos sentidos sendo configurados e reconfigurados, marcando as adaptações características da experiência humana. Dentre os sentidos mais impactados, buscamos aqui a visão e o tato, que em certas experiências na mídia digital parecem entrar em uma perfeita sinestesia de prazer mediatizado. As telas marcam a ponte que separa o sujeito de seu objeto de prazer - como veremos mais a frente, não como um instrumento de distanciamento, mas como um artefato de proximidade. O toque é continuamente substituído pelo *touch*, alimentado pelo olhar cada vez mais excitado por um *feed*³ interminável.

² (CRARY, 2016, p. 75).

³ O termo *feed* tem sua origem e significado do inglês, que seria "alimentar". *Feed* é uma palavra utilizada muitas vezes para se referir a página de um aplicativo, site ou portal, como por exemplo o feed de notícias ou feed do *Instagram*. Neste sentido, o tempo pode ser encarado como a tela, "tela do *Instagram*", sendo que ela é onde ocorre as interações dos usuários. É no feed que o usuário vê, consome, interage e produz dentro do digital. De maneira mais técnica, a partir do suporte do *Google*: "O feed é um fluxo de conteúdo que permite rolagem. O conteúdo é exibido em blocos de aparência semelhante que se repetem um após o outro. Por exemplo, um feed pode ter conteúdo editorial (como uma lista de artigos ou notícias) ou fichas (uma lista de produtos ou serviços, entre outros)." Disponível em: <<https://support.google.com/adsense/answer/9189559?hl=pt-BR>> Acesso em 07/08/2022.

Nem sempre a distância é em si uma decisão individual. A exemplo, temos os últimos dois anos da pandemia do COVID-19. Nesses últimos meses inscreveu-se um momento histórico em que somos mais do que nunca conectados e mediados pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), em detrimento dos contatos físicos. Como McLuhan e Fiore (2018) propõem, esses meios nos questionam e eles são abrangentes em implicações pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais que moldam nossos aspectos mais diversos. Ainda no pensamento dos teóricos, "nenhum entendimento de mudança social e cultural é possível sem saber de que forma as mídias operam como ambientes. Todas as mídias são extensões de alguma faculdade humana - psíquica ou física" (MCLUHAN; FIORE, 2018, p.26).

Crary (2016) inscreve que a acentuação do consumo de mídia digital e tecnologias de comunicação impede que criemos momentos de familiaridade, já que o produto dessas interações com a tecnologia passa a "integrar o cenário de nossas vidas" (2016, p. 53). É difícil também estabelecer momentos de pausa e *play* dentro desses dispositivos, isso porque a função deles é "proporcionar ao usuário uma realização ainda mais eficiente de suas próprias tarefas e funções da rotina" (2016, p. 53). Mas se todas nossas tarefas agora estão inscritas no dispositivo, passamos a um momento em que é necessário avaliar nossas experiências conectadas, questionar seus caminhos e desdobramentos, como Crary (2016) ressalta: "mais do que pensar sobre o funcionamento e os efeitos particulares de novas máquinas ou redes específicas, importa avaliar como a experiência e a percepção estão sendo reconfiguradas pelos ritmos, velocidades e formas de consumo acelerado e intensificado" (CRARY, 2016, p. 48).

Enquanto que, de certa forma, os sentidos de distância como visão e audição, passam a ser privilegiados nas estruturas da comunicação eletrônica, desde a massificação de televisores e mídias audiovisuais, os sentidos de proximidade como olfato, paladar e tato, parecem estar menos ressaltados. Mas se considerarmos o *touch* como a representação máxima do tato contemporâneo, encontramos uma nova forma de avaliar os sentidos. O *touch* da mídia digital, ainda que se conecte ao tato - um sentido de proximidade - vem carregado com uma carga simbólica e paradoxal de distanciamento. Ao deslizarmos sobre as telas, mantemos um distanciamento, um espaço que somos incapazes de penetrar.

Borges Júnior (2021a) desenvolve a ideia de que o *touch* é um gesto próprio da era digital. Partindo da conceituação de gesto como "o grito que persiste", ancorado no diálogo das obras de Flusser (2008, 2014) e Agamben (2008), o autor destaca que a dimensão do gesto nos ajuda a perceber que parte de nossas ações pode nos ser compreendidas para além

dos limites dos meios e fins. Como nos diz ele, "o gesto é a 'comunicação de uma comunicabilidade' (Agamben, 2008, p. 13): a expressão não apenas de um grito em si, mas de um 'ainda posso gritar'." (BORGES JÚNIOR, 2021a, p. 168). O gesto assim, nas palavras do autor, torna-se uma resistência à ordinariedade do mundo.

Daqui, uma lição importante: é pelos gestos que nos afirmamos política e eticamente. É por eles que de fato nos comunicamos a fim de construir um "comum". É por eles, e somente por meio deles, que nossas ações aparecem ao outro e ao mundo. (BORGES JÚNIOR, 2021a, p. 169).

Os gestos são também traços de nossa época, se entendermos nossas manifestações através dos gestos, veremos que ao longo da história alguns se ressaltaram, enquanto que outros caíram em desuso. De expressões a maneiras de se relacionar, observar a mutação dos gestos nos ajuda a observar as mudanças da sociedade e da cultura. A disseminação das mídias digitais, sobretudo das telas, traz para o contemporâneo um novo gesto - o *touch*. Borges Júnior (2021a) atenta sobre que por meio do *touch*, a imagem digital é uma imagem que pode ser tocada.

[...] o *touch* é, assim, uma espécie de passaporte para uma outra modalidade de acesso à imagem. Se o tato cresce em importância já com a explosão dos botões e das teclas, o *touch* será a explosão definitiva desse jogo entre concretude e abstração. Para que esse seja efetivamente operado, é necessário que, na própria relação com a imagem, mantenhamos um vínculo com o concreto, ou seja, o toque sobre ela. É então que se rompe definitivamente aquela separação estrita entre a imagem e nós, desintegrando as convencionais classificações entre "espectador" e "imagem", "observador" e "observado", assim como em um limite mais profundo, entre "sujeito" e "objeto". Esse rompimento se dá, portanto, com a possibilidade de tocar a imagem, de acessá-la a ponto de ingressarmos nela, habitando-a e, assim, fazendo dela nosso próprio "mundo real". (BORGES JÚNIOR, 2021a, p. 175).

Analisando por esse ponto de vista, o *touch* é uma eterna busca por tocar as imagens, pois por meio dele podemos ingressar e fazer parte da constituição das imagens, assim como elas de nós mesmos. Borges Júnior (2021a, p. 175) ainda afirma que, pelo *touch*, "ao invés de inscrevermos a imagem como parte de nosso mundo, somos inscritos como parte dela, convertidos então em zeros e uns, passando a fazer parte de seu mundo próprio". Se toda dinâmica se inscreve na tela e a tela é uma representação imagética de códigos, a crise sensorial ocasionada pelo *touch* é um eterno retorno às imagens, em que somos inscritos no seu mundo. São essas imagens que, por meio de realidade aumentada, edições e modulações,

viram fruto do desejo, da excitação, do engajamento e da busca por conexão. Apresentadas de modo cada vez mais dinâmico e dotadas de técnicas cada vez mais potentes em termos de aprimoramento, podemos sugerir que o digital é, a partir de tudo e contudo, um domínio do imagético, uma esfera de imagens de todos os tipos e que nós somos consumidores de imagens ao nos relacionarmos com esses dispositivos de mídia digital. A disseminação dos *smartphones* e das redes sociais deram a cada usuário o aparato produtor e circulador de suas próprias imagens e de suas próprias construções de realidade, neste jogo não mais vemos apenas vemos as imagens, mas também somos vistos por elas. A fotografia, por exemplo, então, distancia-se do seu caráter documental, guardador da memória e se inscreve também como um produto de uma *sociedade do espetáculo*⁴.

Para chegarmos ao estágio atual das imagens nos dispositivos de mídia digital, é importante retornarmos ao surgimento das técnicas de fotografia por entre o século XIX. Nesse momento, as imagens produzidas buscavam representar a realidade em sua mais fidedigna possibilidade. Seguindo os preceitos do Renascimento, as técnicas fotográficas buscavam a objetividade e o anseio para servir aos artistas de métodos representativos que lhes pudessem configurar uma maior exatidão em suas obras, essas técnicas permitiram ao homem a possibilidade de livrar-se de suas imagens interiores (MACHADO, 2002), já que lhes forneciam um caráter científico e próximo de um conceito de realidade. Pelas lentes objetivas, a imagem fotográfica adquire um lugar que por muito foi considerado distante das possíveis influências oriundas de seu autor, ela passa a garantir credibilidade. Na explicação de Bazin (2018), o fenômeno essencial da evolução da pintura à fotografia reside em um fator psicológico, "pois a satisfação completa do nosso afã de ilusão por uma reprodução mecânica da qual o homem se achava excluído. A solução não estava no resultado, mas na gênese" (p. 31).

Pela primeira vez, entre o objeto inicial e sua representação nada se interpõe, a não ser outro objeto. Pela primeira vez, uma imagem do mundo exterior se forma automaticamente, sem a intervenção criadora do homem, segundo um rigoroso determinismo. (BAZIN, 2018, p. 32).

Vilém Flusser (2002, 2008), distingue as imagens em dois tipos: as imagens tradicionais e as imagens técnicas - estas últimas surgidas após a invenção da fotografia e hoje presentes de forma totalizante na nossa vida. Flusser considera que as imagens são uma tentativa humana para representar algo, uma falta - o que, mais a frente, com o apoio da

⁴ Guy Debord utiliza o termo *sociedade do espetáculo* para caracterizar um modelo de cultura de mídia que se fortalece a partir de meados do século XX. O autor define que o espetáculo é "o capital em tal grau de acumulação que se torna imagem" (DEBORD, 1997, p.25).

Teoria Psicanalítica, vamos entender como parte fundamental da constituição do sujeito. As imagens são também uma forma de comunicar algo, de colocar razão à existência. Para o mesmo autor (2017), a comunicação é um processo artificial criado pelo homem para livrar-se da realidade de seu maior medo, a finitude da vida. A comunicação e a circulação dessas imagens, portanto, criam estratégias para a manutenção da vida, para a existência do sujeito.

A comunicação humana é um artifício cuja intenção é nos fazer esquecer a brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte. Sob a perspectiva da “natureza”, o homem é um animal solitário que sabe que vai morrer e que na hora de sua morte está sozinho. Cada um tem de morrer sozinho por si mesmo. E, potencialmente, cada hora é a hora da morte. Sem dúvida não é possível viver com esse conhecimento da solidão fundamental e sem sentido. (FLUSSER, 2017, p. 87)

Sob um olhar flusseriano, esse caráter artificial da comunicação, no entanto, nem sempre é consciente. Flusser diz que após aprender algum código “tendemos a esquecer a sua artificialidade” (2017, p.86), mas seria esse mesmo processo de artificializar a comunicação para esquecer da condição da morte que transformaria a vida em uma experiência “vivível” (2017, p.92). Munidas do caráter da imaginação, as imagens seriam uma forma de abstração para representar as dimensões do mundo, nesse sentido elas são “resultado do esforço de abstrair duas das quatro dimensões de espaço-tempo, para que se conservem apenas as dimensões do plano” (FLUSSER, 2002, p. 7). Essa ideia é o que vai caracterizar o que Flusser chama de imagens tradicionais.

Caberia às imagens tradicionais a representação do mundo pré-histórico, um momento do tempo em que não existe a escrita e, portanto, as imagens fariam a representação pictórica das manifestações naturais e culturais. Nesse tempo, a imaginação tem um caráter importante, pois é ela que permite a abstração e a codificação dessas imagens, o que permitiria a sua produção. Assim como a decodificação, que permitiria a interpretação de alguma determinada imagem, todos esses aspectos estavam inscritos na capacidade imaginativa.

Ao dissertar sobre o tempo das imagens tradicionais, Flusser vai considerar que ele seria um tempo de eterno retorno (FLUSSER, 2002, p. 8). O retorno sempre presente, em forma circular sobre a imagem e sobre a realidade, vai atribuindo significados às imagens. Esse tempo também não segue uma ordem linear, ele seria regido pelo tempo mágico, pois carrega uma ordem imaginativa para a sua decodificação.

O tempo que circula e estabelece relações significativas é muito específico: tempo de magia. Tempo diferente do linear, o qual estabelece relações causais

entre eventos. No tempo linear, o nascer do sol é a causa do cantar do galo; no circular, o cantar do galo dá significado ao nascer do sol, e este dá significado ao cantar do galo. Em outros termos: no tempo da magia, um elemento explica o outro, e este explica o primeiro. O significado das imagens é o contexto mágico das relações reversíveis. (FLUSSER, 2002, p. 8).

A ruptura desse mundo pré-histórico entraria em ação quando as imagens deixam de representar a realidade, quando elas perdem a necessidade de serem decodificadas. Nessa crise, as imagens passam a esconder o mundo, criam uma idolatria e:

[...] o homem, ao invés de se servir das imagens em função do mundo, passa a viver em função das imagens. Não mais decifra as cenas de imagem como significados do mundo, mas o próprio mundo vai sendo vivenciado como conjunto de cenas. Tal inversão da função das imagens é idolatria. (FLUSSER, 2002, p. 9).

A escrita então surge como outro momento histórico superando as imagens tradicionais e criando um novo tipo de pensamento, não mais o imaginativo, mas o conceitual, pois

[...] a escrita funda-se sobre a nova capacidade de codificar planos em retas e abstrair todas as dimensões, com exceção de uma: a da conceituação, que permite codificar textos e decifrá-los. Isso mostra que o pensamento conceitual é mais abstrato que o pensamento imaginativo, pois preserva apenas uma das dimensões do espaço-tempo” (FLUSSER, 2002, p. 10).

Especialmente após a invenção da imprensa, a escrita é mais amplamente difundida e o tempo adquire um aspecto linear. O texto concentra sua interpretação em começo, meio e final, e essa racionalidade retira a capacidade imaginativa do tempo mágico das imagens tradicionais. Porém, ao se livrarem do imaginativo, os textos perdem seu poder de elaborar explicações para o mundo, já que os conceitos também ficam pobres de significados. Flusser vai dizer que o homem "passa a ser incapaz de decifrar textos, não conseguindo reconstituir as imagens abstraídas. Passa a viver não mais para se servir dos textos, mas em função destes” (2002, p. 11). A isso o autor atribui o termo textolatria, dando conta do momento em que os textos e conceitos se distanciam de qualquer relação com a realidade, pois são demasiados abstratos e dominados por lógica.

Então, nesse momento, se inscreve a Pós-história, pois aqui as imagens técnicas surgem como um esforço de se recuperar a capacidade imaginativa deixada de lado pelos textos. Ainda que gerem oposição à textolatria, as imagens técnicas são produzidas por aparelhos que se baseiam na técnica científica elaborada pelos textos. Flusser diz que as “imagens técnicas são, portanto, produtos indiretos de textos – o que lhes confere posição

histórica e ontológica diferente das imagens tradicionais” (FLUSSER, 2002, p. 13). A imagem técnica carrega um maior nível de abstração, pois ela "abstrai uma das dimensões da imagem tradicional para resultar em textos (abstração de segundo grau); depois, reconstitui a dimensão abstraída, a fim de resultar novamente em imagem” (FLUSSER, 2002, p. 13).

Na Pós-história, o maior diferenciador das imagens é que agora elas são interpretadas pela programação de um aparelho, uma máquina, que consegue ilustrar conceitos e transformá-los em cenas e ainda mais imagens. Flusser atenta para esse ponto em que, se as imagens técnicas conseguem ilustrar o mundo e a realidade, elas também são capazes de, seguindo uma programação, acentuarem a performatividade de um determinado conceito, pois escondem o cálculo. A técnica por trás das máquinas passa a não importar, pois "a nova superficialidade desiste da tarefa de elucidar a pretidão das caixas" (FLUSSER, 2008, p.43).

As imagens técnicas passam a representar, portanto, as imagens que consumimos hoje, como as fotografias. Adicionado aos operativos da máquina fotográfica de uma imagem, nas mídias digitais temos uma série de novas operações técnicas que compõem a materialidade dessa mídia, como filtros facilmente escolhidos, retoques, edições e montagens a um *touch* de distância. Desse modo, não só as "mãos" do fotógrafo ou operador implicam em sua ordem de sentido e percepção, mas também as mãos de uma série de usuários dessas mídias que lhes atribuem novos ambientes, sentidos e ressignificações.

Régis Debray (1993), propõe que o nosso olhar, desde o surgimento da televisão em cores, se situa em uma *era do visual*. Para o autor, as imagens técnicas causaram um sujeito esquizofrênico, devido a incapacidade de discernir entre o que é real e o que não é, causando uma cegueira simbólica. Essa esquizofrenia da *era do visual* entraria no lugar da obsessão à era anterior, a *era da arte*, que, por sua vez, foi precedida pela *era do ídolo*.

O custo desses benefícios de operacionalidade, para o exterior, residiria em uma certa cegueira simbólica, no interior. Há já alguns decênios, a extensão dos espaços observáveis parece estar sendo paga com a amputação dos territórios da utopia. Quando o espectro da radiação eletromagnética estava reduzido à luz visível pela retina, o invisível tinha uma realidade infinitamente maior. (DEBRAY, 1993, p. 362).

Essa categorização das eras do olhar, nos ajuda a conceber um momento atual frente às imagens, e também às mídias. Se na era do ídolo, o que o autor denomina como Logosfera, a imagem era divina e soberana - ela olhava o homem -, na *era da arte*, a Grafosfera, o homem olhava a imagem, empregando a razão e a ciência característica do Renascimento. No entanto, na *era do visual* ou Videosfera, hoje, o homem olha as imagens e é visto por elas. A

disseminação de imagens na contemporaneidade em todas as suas telas cria uma relação direta de olhar e ser olhado.

Esse levantamento nos atenta para concebermos um exame sobre as mídias e sua materialidade no contemporâneo digital. Assim, é possível atentar-se às mídias digitais como parte constitutiva da experiência humana hoje em seus processos de sentidos e significações. Pela máxima de McLuhan, “as novas comunicações não são as pontes entre o homem e a natureza: são a natureza” (MCLUHAN, 1974, 247). Esse entendimento coloca as mídias como categoria de análise nas humanidades, não apenas como resultados de processos, mas também como agentes transformadores desses processos e, de fato, constituintes. A própria definição de mídia é uma estrutura complexa que passou e passa por várias atualizações, mas podemos considerar aqui o postulado de Kittler (2019), ao dizer que a mídia seria o acúmulo de três funções: processamento, armazenamento e transmissão.

Kittler baseia a sua argumentação a partir do contato com a teoria de informação de Claude Shannon, pautando-se no modelo que considera como agentes: fonte, emissor, sinal, receptor e canal. A partir daí começa uma jornada técnica e matemática para dar conta da codificação, do processamento e da decodificação das mídias. Kittler (2019) também vai considerar que não há significação fora das mídias de sua base material, pois sem isso não haveria também sentido ou percepção.

As materialidade da comunicação são um enigma moderno - talvez o maior. Investigá-las só têm sentido desde que saibamos de duas coisas: não existe sentido - como aquele que os filósofos hermenêuticos sempre têm procurado nas entrelinhas - sem que haja um portador físico. Tampouco existem, porém, meras materialidades como informações ou geradores de comunicação. (KITTLER, 2017, p. 279)

As mídias produzem a presença de algo que então estava ausente, e, a partir disso, podemos examinar suas atuações. As ações humanas interagem em conjunto com as ações também das mídias, pois estabelecem redes que se cruzam, perpassam e formam paralelas em sentido e significação. Esse é um ponto importante para pensarmos nas imagens e nas telas que hoje mais que simbolizam, nos constituem.

2.2. Sujeito em crise

Não seria equivocado iniciar dizendo que vivemos em uma sociedade conectada, já que entre os 7.83 bilhões de pessoas que habitam o globo terrestre, 5.22 bilhões utilizam telefones celulares, 4.66 bilhões possuem acesso à internet e 4.2 bilhões de pessoas utilizam redes sociais, ou seja, 53,6% da população constitui diariamente suas realidades (e suas fantasias) a partir das interações mediadas por essas plataformas. Esses dados do levantamento *We Are Social*, da Hootsuite (2021)⁵, revelam ao nosso ver um *update* conectivo dessa sociedade, que a partir de evoluções tecnológicas, digitalização de práticas sociais e também democratização de acesso, configura-se como uma sociedade hiperconectada.

A hiperconexão dá-se por fatos também apresentados no estudo da Hootsuite (2021), pois hoje, no mundo todo, o tempo médio diário gasto por um usuário de internet é de 6,5 horas, isso representa 27% da quantidade de horas disponíveis em um dia. Quando analisamos a nossa realidade mais próxima, do Brasil, encontramos um dado ainda mais expressivo: 75% da população brasileira acessa a internet, configurando o país como o segundo em que seus usuários ficam mais tempo conectados à rede. O tempo médio diário de um usuário brasileiro na internet é de mais de 10 horas, o que equivale a mais de 41% do tempo disponível em um dia. Assim, podemos dizer que estamos em um regime de hiperconexão, em uma sociedade em que há mais *touch* do que toque, pois se há uma coisa que nos envolve dentro dessa hiperconexão é a presença das telas.

Esse regime, no entanto, não deve ser elaborado ou concebido de uma forma que não integre e constitua as demais evoluções e modificações da sociedade contemporânea e suas práticas sociais. O processo evolutivo que desemboca na hiperconexão é fruto também das próprias evoluções tecnológicas sobressaltadas em uma sociedade capitalista neoliberal, que faz de todos seus componentes agentes ativos de produção, geração de lucro e acúmulo de capital. Nosso olhar para essa sociedade contemporânea é o que o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (2017a) nos apresenta, ao examinar o presente como uma sociedade do desempenho, extremamente cansada e fatigada de muitas de suas próprias práticas.

Ao compor sua análise, Byung-Chul Han (2017a) começa empregando um exercício de avaliar as formas de violência que as sociedades foram submetidas ao longo da história. O autor nos conta, por meio de um retorno às grandes epidemias, que a época da violência bacteriológica foi superada com o advento dos antibióticos, e que os mesmos medos ao redor

⁵ HOOTSUITE WE ARE SOCIAL. Digital 2021 Global Overview Report. Disponível em <<https://wearesocial.com/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital>>. Acesso em 01/05/2021.

de uma violência viral são atenuados graças ao conhecimento das técnicas de imunidade (cabe aqui destacar que, de certa forma quase irônica, nosso tempo presente está marcado por uma violência viral de proporção global, mas que trataremos seus efeitos mais adiante). A analogia proposta por Han é uma maneira de tentar explicar que, hoje, na sociedade do século XXI, os potenciais riscos aos sujeitos não se restringem apenas a agentes externos, ao diferente. Mas sim, também e em grande acentuação, ao próprio sujeito, ao igual. E, recorrendo à construção da imunidade, para que ela exista, é necessário certo grau de diferença.

As patologias sociais da contemporaneidade, para Han (2017a), são desdobramentos de violências neuronais, que afetam os sujeitos em escala global e caracterizam a própria sociedade. Essas violências, sobretudo, partem das relações entre trabalho, capital e com o outro. Numa reportagem que deixou o autor mais conhecido no Brasil, ele nos conta que "hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização"⁶, e essas concepções surgem porque não mais temos uma carga de negatividade ao redor de nossas ações e práticas, mas sim um excesso de positividade. Na positividade nenhum sistema imunológico consegue atuar, pois não reconhece ali um agente intruso a ser combatido, encontra apenas o mesmo.

Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas enfartos, provocados não pela *negatividade* de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de *positividade*. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho. (HAN, 2017a, p. 7-8, grifos do autor).

Como a violência neuronal é uma violência sistêmica, se apresenta na ordem das próprias atribuições socioculturais da contemporaneidade. O excesso de positividade, para Han (2017a), é um processo que visa suprimir e desqualificar qualquer tipo de diferença, pois "mesmo que o estranho não tenha nenhuma intenção hostil, mesmo que ele não represente nenhum perigo, é eliminado em virtude de sua *alteridade*" (p. 9). Todo esse processo é uma forma de evitar os embates, os enfrentamentos e as contradições. Para exemplificar esse processo, Han recorre à época da Guerra Fria, na qual dispositivos de atuação militares foram utilizados para eliminar, em todos os sentidos, o que fosse diferente e estrangeiro. Assim, "a

⁶ GELI, Charles. Byung-Chul Han: "Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização". El País, Barcelona 07/02/2018. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html. Acesso em 01/05/2021.

positivação do mundo faz surgir novas formas de violência. Essas não partem do outro imunológico. Ao contrário, elas são imanentes ao sistema" (HAN, 2017a, p. 19).

O excesso de positividade se qualifica pois, na leitura de Han (2017a), a sociedade não se enquadra mais como uma sociedade disciplinar - como elaborado por Foucault⁷ - mas como uma sociedade de desempenho. Uma certa negatividade concentrava a sociedade disciplinar e exercia sua coerção sobre os indivíduos, nessa sociedade o verbo modal era o das proibições e limitações. No entanto, sobretudo diante dos avanços técnicos nas mais diversas esferas sociais, hoje experienciamos o verbo modal do *sim*. Como Han acentua, "o plural coletivo da afirmação *Yes, we can* expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho" (2017a, p. 24).

A sociedade do século XXI não é mais uma sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais "sujeitos da obediência", mas sujeitos de desempenho e produção. **São empresários de si mesmos.** Nesse sentido, aqueles muros das instituições disciplinares, que delimitam os espaços entre o normal e o anormal, se tornam arcaicos. A analítica de poder de Foucault não pode descrever as modificações psíquicas e topológicas que se realizam com a mudança da sociedade disciplinar para a sociedade do desempenho. Também aquele conceito de "sociedade de controle" não dá mais conta de explicar aquela mudança. Ele contém sempre ainda muita negatividade. (HAN, 2017a, p. 23-24, grifo nosso).

O paradigma ocasionado pela sociedade de desempenho habita já o próprio inconsciente social, ao que Han (2017a) nos conta em um sentido de maximizar a produção de tudo. A produção em si é um desdobramento do excesso de positividade, pois a negatividade não permitiria sua total disseminação a qualquer custo. A esfera do poder não cancela a do dever, pois os sujeitos hoje continuam disciplinados já que "o poder eleva o nível de produtividade que é intencionado através da técnica disciplinar, o imperativo do dever" (p. 26). Tal ponto, nesse aspecto de agenciamento produtivo de si mesmo é próprio do estágio do neoliberalismo contemporâneo, o que dialoga com os questionamentos propostos por e Dardot e Laval (2016) para refletirmos se há condições de se preservar a humanidade em um sistema econômico que cada vez mais determina o indivíduo.

A gestão neoliberal de si mesmo consiste em fabricar para si mesmo um eu produtivo, que exige mais de si mesmo e cuja autoestima cresce, paradoxalmente, com a satisfação que se sente por desempenhos passados. [...] A coerção econômica e financeira transforma-se em autocoerção e ato de culpabilização, já que somos os únicos responsáveis por aquilo que nos acontece. (DARDOT; LARVAL, 2016, p. 344-345).

⁷ FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2011

Essa gestão de si mesmo causa um paradoxo à própria concepção de liberdade. O sujeito de desempenho não mais está amarrado às coerções do sujeito de obediência, pois ele é senhor e soberano de si mesmo. Porém, a ausência da instância de domínio não leva à liberdade, mas "faz com que liberdade e coerção coincidam" (HAN, 2017a, p. 29). As dinâmicas contemporâneas levam os sujeitos a uma liberdade coercitiva ou a uma livre coerção (HAN, 2017a), o desempenho é uma autoexploração. Assim, "os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal" (p. 30).

O excesso de positividade que vai ocasionar o atual estágio da sociedade é fruto de um excesso de estímulos e informação, estabelecendo uma economia da atenção. Ainda que não represente nenhum progresso civilizatório (HAN, 2017a, p. 31), a técnica *multitasking* acaba sendo uma das características centrais dos sujeitos hiperconectados. O tédio e a pausa hoje foram substituídos pelo *multitasking*. Na sociedade do desempenho, a *Vita contemplativa*, que permitiria compreender o inaparente, não tem espaço de manifestação. Mas é justamente esse estado de contemplação que nos permite ver além de nós mesmos (p. 36). Tomando as ideias de Nietzsche, Han (2017a) vai elaborar que "em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto" (p. 37). A sociedade acelerada quer suprimir toda forma de resistência, pois "hoje o tempo áureo desapareceu totalmente em prol do tempo de trabalho, que se está totalizando. Mesmo a pausa está integrada ao tempo de trabalho. Ela é apenas uma pequena quebra no tempo de trabalho, no qual a gente se recupera para novamente se pôr integralmente à disposição do processo de trabalho" (HAN, 2019a, p. 99).

A característica humana de empregar a sua atenção em diversos estímulos ao mesmo tempo não é necessariamente um progresso evolutivo. Han (2017a) nos diz que isso é, na verdade, um retrocesso, já que "na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades" (p. 32). Han nos lembra que, na natureza, os animais precisam ficar o tempo todo atentos ao ambiente, não podendo concentrar-se em um ação específica, mas é essa pausa que permite contemplação e a formação. As mais recentes evoluções culturais e estruturais colocam os humanos cada vez mais próximos das dinâmicas da vida selvagem, já que o viver passa a ser substituído pelo sobreviver, cercados por uma dinâmica de desempenho.

Jonathan Crary (2016) complementa que o sono e o descanso são o último estágio ao qual o capitalismo vem resistindo, ainda que já esteja vencendo e suprimindo até o ato do tédio e da contemplação. O autor nos diz que a sociedade contemporânea é uma sociedade

24/7, que nunca para nas 24 horas dos 7 dias da semana. Tal análise se encontra com o pensamento de Byung-Chul Han, já que a sociedade de desempenho expurga toda e qualquer interferência ou interrupção ao processo de produção. Na elaboração de Crary (2016, p. 41):

[...] o [modelo] 24/7 incita o indivíduo a adquirir, ter, ganhar, desejar ardentemente, desperdiçar e desprezar, por outro se entremeia a mecanismos de controle que tornam supérfluo e impotente o sujeito submetido a suas demandas. [...] transforma-o em objeto de escrutínio e regulação ininterruptos, os que se coadunam perfeitamente com a organização do terror estatal e com o paradigma militar-policia da dominância absoluta.

De acordo com Crary (2016), a nossa forma de viver hoje é dominada pelos padrões de consumo e produção da lógica capitalista, e todas as nossas ações seguem rumo a uma forma que possibilite o seu lucro e rentabilidade, até mesmo o nosso sono e nosso tempo de distração e descanso. Todas as rupturas que as plataformas das mídias digitais trouxeram à tona estão *(re)configurando* nossos modos de vida, esses dispositivos, ao mesmo tempo, se fortalecem no padrão neoliberal e passam a integrar o sujeito de desempenho. Quando até mesmo a possibilidade do descanso e da pausa entram no cenário da produção, nossa vida passa a integrar um patamar de trabalho ininterrupto.

Han (2017a) argumenta que a falta de descanso passa a comprometer as outras habilidades humanas como o ver, o escutar, o falar e o relacionar com os outros. Ainda usando o pensamento de Nietzsche⁸, Han vai pontuar que, por falta de descanso, a sociedade caminha para a barbárie, a uma espécie de *Vita activa*⁹ sem relaxamentos. O excesso de positividade e a expulsão do distinto colaboram ainda a uma intensa reprodução do eu e do mesmo, privando os indivíduos cada vez mais de uma relação com o outro, mas essa falta provoca "acima de tudo uma crise de gratificação" (HAN, 2017a, p. 83).

Diante da sociedade do século XXI que extingue as fronteiras coercitivas externas e sobressalta o desempenho individual como uma forma libertária de ação, o sujeito está desgastado consigo mesmo e exausto, incapaz de sair ao mundo externo e encontrar o outro (HAN, 2017, p. 91). Essa dinâmica favorece uma pobreza de alteridade, que vai também destruir cada vez mais a relação com o outro, pois "nos círculos virtuais o eu pode mover-se praticamente desprovido do 'princípio de realidade', que seria um princípio do outro e da resistência" (HAN, 2017a, p. 91). O paradigma da sociedade de desempenho é o mesmo que acompanha o regime da hiperconexão, oferecendo aos seus usuários inúmeras possibilidades de encontro, mas, ao mesmo tempo, impondo barreiras a esses encontros.

⁸ NIETZSCHE, Friederich. **Humano, demasiado humano**. Brasil: Lebooks Editora, 2019.

⁹ ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. (1958). Tradução de Roberto Raposo. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

A expulsão da negatividade estruturou a sociedade do século XXI sob um pilar de cansaço. A partir de Peter Handke (2020), que publicou "Ensaio sobre o cansaço", em 1989, Han (2017a) vai afirmar que o cansaço é um estado fundamental e intrínseco que constitui hoje os sujeitos; o cansaço contemporâneo, no entanto, não é apenas um cansaço que possa ser superado ao descansar, mas é uma força social que incapacita os indivíduos, transformando-os em agentes de produção 24/7.

Os dispositivos de tecnologia digital, hoje, surgem também como forma de "economizar" nosso tempo, para que tenhamos ainda mais tempo para fazer mais coisas, revelando o efeito contraditório presente na sociedade contemporânea. Mas a sua própria definição em ser um fim em si mesmo (CRARY, 2016, p. 53) impede que seus usuários façam uma pausa ou que se dediquem a compreensão ou projetos coletivos. Ainda que ofereça prazer ou status a quem os possui, o dispositivo, ao mesmo tempo, "introduz uma consciência de que tal objeto é marcado pela transitoriedade e decadência" (CRARY, 2016, p. 53).

Também Han (2017b) vai traçar uma crítica à concepção moderna de que o excesso de transparência é algo benéfico. O autor argumenta que a exposição excessiva leva à destruição do Eros e à pornografia, especialmente porque as mídias digitais operam de um modo a construir um *espaço de proximidade*, em que, mais uma vez, o distinto é eliminado, restando apenas os que são iguais e sem nenhum traço de negatividade.

Essa *proximidade digital* presenteia o participante com aqueles setores do mundo que lhe *agradam*. Com isso, ele derriba o caráter público, a consciência pública; sim, a consciência *crítica*, privatizando o mundo. A rede se transforma em esfera íntima ou zona de conforto. A proximidade pela qual se elimina a distância também é uma forma de expressão da transparência. (HAN, 2017b, p. 81, grifos do autor).

Em conjunto com a evolução dos aparatos tecnológicos da sociedade de desempenho, passa a operar uma certa padronização da experiência, já que o excesso de positividade eliminou o diferente e as mídias digitais nos oferecem cada vez mais reflexos do que já interagimos. Esse fenômeno, ao que Crary (2016) nos diz, implica a perda da identidade e da singularidade subjetivas, assim como enfraquece as construções de símbolos que serão compartilhados entre uma massa. Tal ponto nos remete a construção de Arendt (2001), quando ela nos revela a estranheza que é viver em um tempo que aparentemente perdeu a característica da esfera pública de constituir um mundo comum. Parece que a dificuldade não é suportar uma sociedade de massas, "antes é o fato de que o mundo entre elas perdeu a força de mantê-las juntas, de relacioná-las umas às outras e de separá-las" (ARENDT, 2001. p. 62).

A essa dificuldade de nos relacionarmos a um comum, podemos inferir uma crise sensorial, que afeta nossas habilidades de representação e significação.

2.3. O exame digital

É interessante perceber que a tela de um dispositivo digital, como um smartphone, por exemplo, quando desligada e em sua versão "tela preta"¹⁰, torna-se um espelho. Antes de pensarmos em *selfie*, esse é o espelho que vemos ao nos confrontarmos diante de uma tela, vemos a nossa própria imagem e representação. Esse quase excesso de uma representação do eu na tela, nos remete a uma ideia esquizofrênica da imagem como sugere Debray (1994), já que os usuários cada vez mais vêem as imagens como dispositivos, as imagens por si só em suas telas são sua representação. Vemos hoje em alguns discursos, como em parte do documentário da Netflix, *O dilema das redes* (2020), fatores contraditórios que o digital e as tecnologias trazem, a partir da exposição de alguns efeitos recentes ao reconhecimento de seus benefícios. A contradição em se estudar os meios digitais hoje consiste também no estabelecimento e localização de seus efeitos, de modo a oferecer um suporte crítico às comunicações.

É nesse sentido contraditório que Han (2018a) vai nos apresentar uma nova ideia de concepção organizativa da sociedade. O autor explica que, de certa forma, hoje nos embriagamos na mídia digital, que acaba transformando de forma decisiva o nosso comportamento, a nossa percepção, a nossa sensação, o nosso pensamento e a nossa vida, tudo ao mesmo tempo. Ao mesmo passo, são esses mesmos aparatos da mídia digital que evocam uma série de potencialidades.

É difícil elencar um tema mais preso ao contemporâneo que o digital, já que os meios digitais, as redes sociais, os algoritmos¹¹, as plataformas, os dados e seus mais diversos

¹⁰ Essa ideia de espelho escuro vem do termo em inglês "black mirror", que simboliza o reflexo das telas e da tecnologia, a fim de criar reflexões sobre as temáticas dos avanços tecnológicos. Essa centralidade é tratada em diversos episódios da série inglesa *Black Mirror* (2011 - Presente), da *Channel 4* e *Netflix*, que dialoga sobre esse lado oculto das tecnologias na sociedade.

¹¹ Usamos o termo algoritmo dentro da cultura digital neste trabalho para tratar sobre uma sequência lógica que permite a operação de comandos dentro de processos digitalizados. Conceituamos o termo a partir do descrito por Robert Kowalski (1979): "Um algoritmo pode ser considerado como consistindo de um componente lógico, que especifica o conhecimento a ser utilizado na solução de problemas, e um componente de controle, que determina as estratégias de solução de problemas por meio das quais esse conhecimento é usado." (KOWALSKI, 1979); atrelado às explicações da pesquisadora Dora Kaufman (2019): "Algoritmo é um conjunto de instruções matemáticas, uma sequência de tarefas para alcançar um resultado esperado em um tempo limitado. Os algoritmos antecedem os computadores – o termo remonta ao século IX, ligado ao

afluentes e derivações fazem parte do que hoje consideramos a existência e o ato de existir. Rodeados por telas, configurados em *pixels* e com acesso a uma promessa infinita de possibilidades e soluções, ao menor sinal de desamparo recorreremos aos dispositivos que, neste caso, ironicamente, são chamados de *smart devices*. Nossos dispositivos inteligentes são capazes de nos oferecer o mais alto grau de companhia, melhoria e aceleração. Nossa vida se molda e é moldada (Kozinets, 2012) por essa nova forma de existir na cultura digital.

A maneira como a tecnologia e a cultura interagem é uma dança complexa — um entrelaçamento e um entrançar. Esse elemento de mudança tecnocultural está presente em nossos espaços públicos, em nossos locais de trabalho, em nossos lares, em nossos relacionamentos e em nossos corpos — cada elemento institucional misturado a todos os outros. A tecnologia molda e reformula constantemente nossos corpos, nossos lugares e nossas identidades, e também é moldada para as nossas necessidades. (KOZINETTS, 2010, p. 22, *tradução nossa*).

Essa perspectiva já havia sido traçada por Castells (1999), ao afirmar que as tecnologias e a internet são fenômenos legítimos do nosso tempo, que carregam consigo a totalidade de relevância das atividades humanas na era da informação. Todas nossas atividades estariam em conjunto com as redes, “as quais se concentram o poder, a riqueza, a cultura e a capacidade comunicativa” (CASTELLS, 2018, p. 93). Pensar sobre esse fenômeno é, portanto, intrínseco ao próprio ato de questionar a existência contemporânea, pois:

Se você não se importa com as redes, as redes se importarão com você, de todo modo. Pois, enquanto quiser viver em sociedade, neste tempo e neste lugar, você terá de estar às voltas com a sociedade de rede. Porque vivemos na Galáxia da internet. (CASTELLS, 2003, p. 230).

Na concepção de Luciano Floridi (2014), as sociedades passaram por uma nova transição histórica e se originou a *hiper-história*¹². Nesse momento, todos os exercícios políticos e sociais dos sujeitos são reformulados e refundados e não há mais nenhum tipo de distinção ou de separação entre o que é real e virtual, *on-line* e *off-line*. No espaço da cibercultura não nos cabe mais estabelecer um olhar que enquadre essas definições em pólos opostos, elas são constituintes da nossa experiência contemporânea. A história e sua própria

matemático Al-Khwārismi, cujo livro ensinava técnicas matemáticas a serem equacionadas manualmente. ‘Algorismus’ era originalmente o processo de calcular numerais hindo-arábicos” (KAUFMAN, 2019, p. 34-35).

¹² É interessante notar a relação desse conceito com o de *Pós-história* (FLUSSER, 2002), pois ambos são atravessados pela presença das imagens técnicas e pela programação de seus aparelhos.

concepção vem sendo brutalmente atravessada pela internet e pelas tecnologias das mídias digitais.

No excesso de positividade da sociedade de desempenho, a eliminação das distâncias, sobretudo prometida pelas mídias digitais, causa um cenário de falta de respeito. Han (2018a) nos diz que o respeito pressupõe uma certa distância, a atualidade e a supressão da distância origina uma forma de atuação característico do espetáculo. Sendo o respeito um dos alicerces da esfera pública, a sua extinção acaba também extinguindo a concepção que diferencia público e privado, pois "a medialidade [*Medialität*] do digital é nociva ao respeito" (p. 12-13). As redes sociais se configuram como espaços de exposição da intimidade e do privado e "a mídia digital como tal privatiza a comunicação, ao deslocar a produção de informação do público para o privado" (p. 13).

Uma das características da mídia digital e cultura contemporânea, para Han (2018a), é o *Shitstorm*¹³. Esse fenômeno é genuíno da comunicação digital, pois somente aqui é permitida uma descarga de afetos instantânea, "já que por conta de sua temporalidade ela [a comunicação digital] transporta mais afetos que a comunicação analógica. [...] desse ponto de vista, [ela é] uma *mídia de afetos*" (p. 15).

Hoje, no regime da hiperconexão, não mais existe uma hierarquia que separa de modo claro os remetentes e os destinatários, "todos são simultaneamente remetentes e destinatários, consumidores e produtores" (HAN, 2018a, p. 16). O *Shitstorm* representa o ruído ocasionado pelas múltiplas possibilidades de criação e disseminação nas mídias digitais, que consegue atuar na concepção de poder e eliminar o que considera intrusivo. Esse fenômeno aponta para "o fato de que vivemos em uma sociedade sem respeito recíproco" (p. 18), sendo esse *Shitstorm* uma ameaça que foge a todo tipo de controle. É recorrente pensarmos esse efeito das *Shitstorms* quando refletimos sobre as ondas de cancelamento¹⁴ que passaram a acontecer de forma cada vez mais frequentes nas redes sociais.

As antigas massas e a própria sociedade, hoje, se configuram como enxames (HAN, 2018a). Recorrendo à obra de Gustave Le Bon, *Psicologia das Massas* (1985), Han (2018a)

¹³ De acordo com o presente na obra de Han (2018a), *Shitstorm*, traduzido tipicamente com "tempestade de indignação", mas que mais literalmente significaria "tempestade de merda", é o termo usado para descrever campanhas difamatórias de grandes proporções na internet contra pessoas ou empresas, feitas devido à indignação generalizada com alguma atitude, declaração ou outra forma de ação tomada por parte delas.

¹⁴ Pode ser entendido como ato de excluir alguém de um grupo, local ou formas de linchamento e ataque à reputação de alguém ou algum grupo. O termo "Cultura do Cancelamento" foi eleito termo do ano em 2019, in ALVES, Soraia. "Dicionário Macquarie elege "cultura do cancelamento" como o termo de 2019". B9, 02/12/2019. Disponível em <https://www.b9.com.br/118160/dicionario-macquarie-elege-cultura-do-cancelamento-como-o-termo-de-2019/> Acesso em 10/05/2021.

mostra que não existe mais uma alma capaz de ligar os indivíduos uns aos outros, nem mesmo a distância necessária para isso, como ressaltamos acima. Nessa nova configuração, "o enxame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma alma [*Geist*]. A alma é aglomerante e unificante. O enxame digital consiste em indivíduos singularizados" (HAN, 2018a, p. 27).

Essa imagem do enxame é justamente para pensarmos na referência animal. Ao imaginarmos um enxame, conseguimos, de maneira quase sinestésica, ouvir o som de um zumbido, uma confusão. Esse ruído do enxame é o *Shitstorm*, a abundância de informação produzida por cada pessoa que habita as mídias digitais a cada momento. Diferentemente de uma colmeia, o enxame digital não tem uma unidade que possa lhe atribuir um senso de comunidade, pois não formam nenhum *Nós* (HAN, 2018a, p. 27), e não consegue guiar-se a partir de uma voz.

O *homo eletronicus*, de McLuhan, ao que Han (2018a) nos conta, é um habitante dos meios eletrônicos que se liga a todos os outros seres humanos a partir desse meio; nessa esfera, ele torna-se ninguém, para fazer parte de um todo. O contrário, no entanto, acontece no *homo digitalis*, pois ele "é tudo, menos um 'ninguém'. Ele preserva a sua identidade privada, mesmo quando ele se comporta como parte do enxame" (p. 28). Nesta crítica, Han (2018a) argumenta que o habitante digital não mais se reúne, pois a ele é estranho ambientes coletivos como anfiteatros e estádios. Ele forma com os demais um aglomerado que não chega a se comportar como uma massa. Usando como exemplo o fenômeno social japonês do *Hikikomori*¹⁵, Han nos conta como esses indivíduos estão isolados em si mesmos, interagindo apenas com suas telas.

A organização do enxame digital encontra-se com as características do capitalismo neoliberal, pois os sujeitos já não conseguem mais uma unidade que os coloque para agir em conjunto. Ainda que seja comum certos tipos de agrupamentos nas redes sociais em prol de um objetivo comum, esse objetivo se caracteriza apenas para esse determinado grupo. Assim como também não há mais multidão no enxame, mas sim a solidão, já que "o *socius* ["social"] dá lugar ao *solus* ["sozinho"]" (HAN, 2018a, p. 33.). Essa configuração não deixa também de ser uma forma de privatização do contato, deixando em evidência que essa prática econômica passa a integrar outros cenários da vida cotidiana.

¹⁵ *Hikikomori* é um termo japonês para se referir de modo geral a pessoas entre 15 e 39 anos, que se retiram da sociedade para evitar contato com outras pessoas. GENT, Edd. "Quem são os hikikomori, os jovens japoneses que vivem sem sair de seus quartos". BBC, 06/03/2019.

Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-47441793>>. Acesso em 14/05/2021.

O digital é, para Han, uma "mídia da presença" (2018a, p. 35). Essa afirmação se baseia na ideia de que a comunicação digital possui o presente imediato como temporalidade absoluta, já que ocorre sem a intermediação de agentes filtradores ou mediadores, permitindo a troca instantânea de informações e conteúdos. Essa configuração levaria a um processo chamado de *desmediatização*, em que a “instância intermediária interventora é cada vez mais dissolvida”, e “a mediação e representação são interpretadas como não transparência e ineficiência, como congestionamento de tempo e de informação” (HAN, 2018, p. 35).

Essa argumentação sobre a *desmediatização* se sustenta ao analisarmos o atual cenário de acesso às tecnologias de comunicação e informação, muito mais presentes como nos mostrou a pesquisa da *Hootsuite* (2021), como também a própria dinâmica que os canais mediadores abriram para as chamadas novas mídias. Sobretudo todo o conteúdo gerado nas mídias digitais passam a integrar a constituição do que é circular conteúdo na internet.

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informação. A mídia digital não nos oferece apenas uma janela para assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos (HAN, 2018a, p. 36).

Ao deslocarmos a esses papéis de produção e consumo, chamada por Han de “desmediatização generalizada”, ocorre que se “encerra a época da representação”, pois a predileção por conteúdos autóctones do ecossistema do submundo midiático das mídias sociais evidencia que “todos querem estar eles mesmos diretamente presentes e apresentar a sua opinião sem intermediários”, fazendo com que “a representação recue frente à presença ou à copresença” (HAN, 2018a, p. 37).

Nisso as mídias digitais se distinguem das mídias de massa como o rádio ou a televisão. Mídias como blogs, Twitter ou Facebook desmediatizam [*entmediatisieren*] a comunicação. A sociedade de opinião e de informação de hoje se apoia nessa comunicação desmediatizada. (HAN, 2018a, p. 37)

Essa estrutura de sociedade, assim, é mediadora de um modelo que elimina as distâncias, pois aqui também as distâncias são entendidas como o estranho e o diferente, que na lógica de desempenho precisa ser suprimido e eliminado. Mas, ao não nos permitir vivenciar o espaço que deveria nos separar, chegamos a uma *sociedade do escândalo* (HAN, 2018a, p. 11), que ignora o olhar distanciado e baseia-se em um "observar curioso". Observe-se:

A tomada de distância é constitutiva para o espaço público. Hoje, em contrapartida, domina uma falta total de distância, na qual a intimidade é exposta publicamente e o privado se torna público [...] sem afastamento não é possível também nenhum bom comportamento (HAN, 2018a, p. 12).

Para Han, neste contexto “escandaloso”, a imagem se torna uma espécie de refúgio e recorre ao filme de Hitchcock, *Rear Window* (1954), para explorar essa premissa. Avizinhando os termos *rear* e *real*, o autor evidencia a possibilidade de um distanciamento capaz de gerar tanto o estranhamento do outro, do desconhecido (o fotógrafo Jeff, curioso, que observa por sua janela as atitudes suspeitas do vizinho) como também a irrupção do real (quando o assassino suspeito percebe estar sendo observado e invade o apartamento do fotógrafo). Mas, “diferentemente do *Rear Window*, o perigo da irrupção do real, sim, do outro, não existe nas *Windows* digitais” (HAN, 2018a, p. 56). Isso acontece porque, segundo Han, as mídias digitais, ao promoverem uma produção massiva de imagens e, conseqüentemente, um incremento absurdo de seu consumo, tornam as imagens pobres de poética e semântica. Uma intensa produção que também levaria a uma lógica de *inversão icônica*, em que as imagens seriam “mais bonitas e melhores do que a realidade deficiente percebida”, o que, enfim, poderia ser interpretado como uma reação de proteção e de fuga do confronto com uma realidade “sentida de forma incompleta” (HAN, 2018a, p. 53-58).

Nessa conjuntura, a exacerbação do tempo presente a que Han se refere como aspecto fundamental da comunicação digital recai na determinação de uma crescente individualização dos sujeitos conectados, já que dispostos em enxames não mais integram as antigas massas constitutivas. Protegidos pelo ponto de vista confortável que mira “janelas digitais” que não mais representam, os indivíduos não somente negam a “realidade suja”, mas também o “outro”, já que ele é visto como intruso e paralisador da produção, que junto com a característica *multitasking* deve sempre manter-se funcionando. “A mídia digital não tem idade, destino e morte. Nela, o tempo mesmo é *congelado*” (HAN, 2018a, p. 57).

Além da distância da proximidade, a mídia digital embarca em outras etapas sensoriais. Han nos diz que ela “furta à comunicação a tatilidade e a corporeidade” (HAN, 2018a, p. 44). O constante uso da mídia digital e a sua totalização em todas as esferas sociais fazem com que desapareça cada vez mais o contato, o toque e o encontro. Usando a tríade lacaniana do real, do imaginário e do simbólico, Han exemplifica que o digital subverte a disposição desses agentes, destruindo o real e totalizando o imaginário: “O smartphone funciona como um espelho digital para a versão pós-infantil do estágio do espelho. Ele abre

um espaço narcísico, uma festa do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do smartphone o *outro* não fala" (HAN, 2018a, p. 45).

Toda a positividade que habita o digital reduz a possibilidade de uma experiência, pois o *smartphone* e os demais aparatos da mídia digital contribuem para um enfraquecimento da capacidade de lidar com o negativo. O olhar, assim como o toque, é um dos sentidos que se empobrece com o digital, pois há uma própria dificuldade técnica, por exemplo, ao olhar nos olhos do outro em uma videochamada. Esses apontamentos levam a exaustão do digital a um patamar ainda mais elevado quando relacionamos a nossa dinâmica social hoje diante da pandemia do COVID-19.

A facilidade de transporte e de conexão que os dispositivos digitais causam configuram uma nova forma de coerção, oriunda da sociedade de desempenho. Com seus smartphones os usuários estão sempre aptos a trabalhar, a gerar trabalho, a criar rendimentos. Com o *smartphone*, todo tempo de pausa passa a integrar um tempo de trabalho. Pois:

Hoje somos, de fato, livres das máquinas da época industrial, que nos escravizavam e nos exploravam, mas os aparatos digitais produzem uma nova coerção. Eles nos exploram ainda mais eficientemente na medida em que eles, por causa de sua mobilidade, transformam todo lugar em um local de trabalho e todo tempo e tempo de trabalho. (HAN, 2018a, p. 55)

As redes sociais também intensificam e colaboram para essa coerção, incentivando os sujeitos a cada vez mais produzirem e desempenharem as melhores versões de si mesmos, em uma lógica de produção. De acordo com Han, a própria palavra "digital" carrega o significado que aponta para o dedo (*digitus*), "que, antes de tudo, enumera [*zählt*]. A cultura digital se baseia no dedo contador" (2018a, p. 66).

Nessa dinâmica encontramos mais uma contradição, nesse caso temporal. A história, na perspectiva de Han (2018a), é uma configuração narrativa, e não aditiva, de enumeração. Conteúdos e informações dispostos em abundância nas mídias digitais têm dificuldade para se organizarem como uma narrativa, diferentemente das relações como, por exemplo, a amizade. Ter uma série de amigos no *Facebook*, seguidores no *Twitter* ou *likes* no *Instagram*, são categorias contáveis e não narrativas. A estratégia de tornar tudo em número é parte da sociedade do desempenho, mas traz consigo uma própria ruptura na concepção de tempo e espaço, criando uma nova estética e novos estímulos sensoriais.

2.4. Deslizando sobre imagens

O sentido do tato é um sentido da proximidade, pois ele desmistifica, ao contrário da visão que seria um sentido de caráter quase mágico. Essa consideração presente na obra *Mitologias*, de Roland Barthes (2001), realça o nosso pensamento sobre a crise sensorial de nosso tempo. O tato, em contrapartida da visão, que permitiria um contato distanciado, aproxima, traz para perto e suprime a distância. Uma vez que as distâncias são eliminadas, não existe em si um espaço para o mistério e para as interpretações, tudo pode ser facilmente consumido, nas palavras de Han (2019a, p. 12) "o tato destrói a negatividade do totalmente outro".

Byung-Chul Han (2019a) vai traçar mais uma análise sobre a sociedade contemporânea. Em seu ensaio "A salvação do belo", Han ressalta o conceito do liso e em como, de forma constante e motivada pelas ações do capitalismo, buscamos cada vez mais eliminar tudo que possa ser entendido como uma experiência de sensibilidade áspera, de ruptura com detritos. Para o autor, o liso seria a marca do presente, do nosso tempo. Usando como referência explicativa a obra de Jeff Koons, Han disserta sobre uma experiência de observação artística a partir de uma visão uniforme, positivada e *refletiva*, não reflexiva. Usando as próprias falas de Koons, Han (2019a) nos conta que nas obras do artista, o objeto é tão liso e esteticamente refletivo, que o sujeito que o observa se vê - quase como um espelho. Voltamos aqui ao exemplo das telas em preto dos smartphones, que se tornam espelhos.

Figura 1: Obra Balloon Dog, de Jeff Koons.



Fonte: Site do artista. Disponível em <<http://www.jeffkoons.com/artwork/celebration/balloon-dog-0>>

Acesso em 07/08/2022.

A estratégia estética das obras de Koons, na visão de Han, também buscam uma espécie de apaixonamento do observador, já que ele se vê refletido, ele se insere na própria existência da obra de arte. Ao se ver refletido, o observador consome a obra, se devora e deixa ser devorado, mas em um processo individual e superficial.

Não apenas as obras de Koons trazem esse desejo pelo liso, mas também as telas de smartphones, tablets e computadores. A questão mora mais uma vez no jogo entre proximidades e distanciamentos, já que o liso, o deslizar colocá-nos constantemente em contato com o mesmo, com o refletido e com o igual, pois "como como o smartphone, nas esculturas polidas, de brilho intenso, a gente não se confronta com o outro, mas apenas com si mesmo" (HAN, 2019a, p. 13).

Podemos analisar as elaborações do liso e de sua preferência na sociedade contemporânea a partir da teoria da fotografia de Barthes. O autor nos apresenta o *studium* e o *punctum* como elementos da fotografia, enquanto o primeiro desdobra-se ao redor de um campo mais imaginativo, despreocupado e de inclinação inconsciente (HAN, 2019a), o *studium*, na leitura de Han, seria hoje o curtir ou não curtir, é o elemento que apenas dá conta de simbolizar parte da imagem fotográfica, representando uma meia vontade. Já o *punctum* é o elemento que capta e seduz o observador, diferentemente do *studium*, o *punctum* se sobressai na interpretação. Nas palavras de Han (HAN, 2019a, p. 54-55):

O *punctum* apreende subitamente toda minha atenção. A leitura do *punctum* é "ao mesmo tempo curta e ativa, agacha-se com um predador antes do salto". O *punctum* se anuncia como um olhar, como um olhar de predador que me observa, que põe em questão a soberania de meus olhos. perfura a fotografia como deleite para os olhos.

Nessa leitura, o *punctum*, apesar de ser uma imagem que capta e seduz seu observador, não chega a ser pornográfica, mas sim erótica. As imagens pornográficas não possuem incongruências ou fissuras, o que as tornaram lisas, são todas transparentes. Essa perspectiva nos vale também para a imagem digital, que desliza ao *touch* de nossos dedos, colocando-nos quase como agressores de sua superfície, adquirimos controle sobre sua ação, anulamos o outro sobre elas e refletimos nosso desejo. Nesse jogo, não sobra espaço para o *punctum*, já que não há resistência, pois também a temporalidade não reside de modo orgânico, usando Barthes, Han nos diz:

diante da tela não posso tomar a liberdade de fechar os olhos, pois, do contrário, quando voltar a abri-los, não encontraria novamente a mesma imagem; fico constantemente forçado à voracidade; uma quantidade de outras

características estão em jogo, mas não a reflexão; por isso meu interesse pelo fotograma". O consumo voraz das imagens torna impossível fechar os olhos. O punctum pressupõe um asceticismo da vida. Nele reside algo de musical. Essa música soa apenas quando se fecha os olhos, no "esforço pelo silêncio". (HAN, 2019a, p. 57).

A imagem como produto máximo das mídias digitais se apresenta como contágio, como contato direto entre nossos sentidos e a tela, eliminando a distância e colocando-nos como seus agentes de consumo. A esse contágio, Han vai comparar com o afeto, elaborando que não dá-se mais conta de explicar os elementos da imagem a partir do jogo entre studium/punctum, mas também pelo affectum. "O meio digital é um meio de afeto. Afetos são mais rápidos que sentimentos ou discursos" (HAN, 2019a, p. 59). Por ser um meio de afeto, criar dinamismos sensoriais, as telas das mídias digitais mais que nos prendem atenção, elas, de certa forma, gritam a nossa ação.

A estética do liso, presente nas mídias digitais, é a operação da transparência e da positividade das ações do sujeito, pois tudo que é liso adquire caráter fácil e leve, simples e suportável. Não há espaço para a dor ou para a dor do outro. Ainda que reflita uma dor é a dor do eu, a centralidade do sujeito único em um tela conectada em rede a milhares de outras telas. Culturalmente o liso adquiriu predileção por ditar o que é belo, hoje toda ideia de belo circula sobre um ideal do liso, do fluido e do otimizado. O tempo sempre presente das mídias digitais priva o sujeito de futuro e de história, pois apenas está presente. "Graças à digitalização total do ser, alcançou-se uma humanização total, uma *subjetividade absoluta*, na qual o sujeito humano se depara apenas consigo mesmo" (HAN, 2019a, p. 41).

Ao permitir a facilidade do curtir e do deslizar, o liso favorece o quantificar, matando a narrativa tradicional e estabelecendo um espaço para acúmulo de capital, experiência e para, sobretudo, dados. A comunicação lisa é também defendida como uma grande evolução tecnológica, porque ela atinge sua velocidade máxima, já que o igual reage ao igual, sem interrupções - "a positividade do liso, do polido, acelera a circulação de informações, comunicação e capital" (HAN 2019a, p. 21). A transparência do liso permite que ele seja calculável e controlável. Em uma espécie de caixa-preta, as imagens, os desejos, o olhar e o *touch* sobre as lisas telas de nossos smartphones, vão criando um terreno gigantesco de dados, os sentidos passam a ser medidos, rentáveis e estimulados a partir de ações desejadas, baixas e altas - tal qual uma bolsa de valores. Nosso corpo e nossos sentidos são atravessados pela ideia do *quantified self*, colocando-nos à prova como agentes produtores e consumidores de um produto que mobiliza as mídias digitais: imagens.

O corpo encontra-se hoje em uma crise. Não está despedaçado apenas em partes pornográficas, mas também em registros de dados digitais. A crença na mediação e quantificação da vida domina a era digital como um todo. O movimento do *quantified self* também referencia essa crença. O corpo é equipado com sensores digitais que captam todos os seus dados. O *quantified self* transforma o corpo em uma tela de controle e vigilância. Dados são reunidos para serem colocados e trocados na internet. O dataísmo dissolve o corpo em dados, tornando-o compatível aos dados. Por outro lado, é desmontado em objetos parciais semelhantes a órgãos sexuais. O *corpo transparente* não é mais uma cena narrativa do imaginário. Ao contrário, é uma adição de dados ou objetos parciais. (HAN, 2019a, P. 25-26, grifos do autor).

3. Estruturas da hiperconexão

"Quando nos deparamos com algo sem precedentes, nós o interpretamos de modo automático através da lente das categorias familiares, tornando invisível dessa maneira justamente aquilo para o qual não há precedentes."

- Shoshana Zuboff¹⁶

3.1. Formação de um regime

Oriunda do latim *regimen*, a palavra regime significa, acima de tudo, uma forma de governar, administrar, reger ou dirigir. Essas definições do dicionário Michaelis¹⁷, que ainda nos apresenta demais interpretações como a possibilidade de significar sistemas administrativos, formas de trabalho, conjunto de regras, formas de cultivo, entre outros, nos parece pertinente para considerar a hiperconexão, já que não seriam todas essas interpretações uma forma de conceber e entender o digital hoje em nossas vidas?

É comum associar o significado do termo regime às estruturas de dominação e poder. Não estaria, de todo modo, equivocado este pensamento, uma vez que empregamos essa definição para resumir situações de sujeição - seja no sentido amplo dos regimes totalitários, seja nos regimes econômicos ou, até mesmo, nos regimes alimentares tão difundidos na mídia hegemônica.

Regimes formam estruturas em que um determinado grupo ou ferramenta passa a ser utilizado para exercício de poder e dominação sobre outro grupo ou ferramenta. Neste sentido, nos parece pertinente encarar a hiperconexão enquanto um regime. Se retornarmos ao fato de que 53,6% da população mundial constitui suas vidas em conjunto à internet, como apontado pela Hootsuite (2021), podemos elaborar que as tecnologias e seus domínios abrangentes configuram um regime na sociedade contemporânea.

Se as mais diversas dinâmicas da nossa vida se voltam para dispositivos de comunicação digital - sobretudo telas -, a hiperconexão atravessa a barreira de ser apenas uma escolha. Vivenciamos durante o período da pandemia do COVID-19 uma série de

¹⁶ (ZUBOFF, 2020, p. 23).

¹⁷ De acordo com o dicionário Michaelis: Regime (re-gi-me) sm - 1 Forma de governar, administrar, reger ou dirigir; 2 Sistema administrativo de certos estabelecimentos ou órgãos públicos ou particulares; 3 [POLÍT] Conjunto de ideias políticas que regem uma nação; 4 Forma ininterrupta de trabalho numa instalação de refinaria petrolífera; 5 Dieta alimentar para vários fins, tais como emagrecimento, restabelecimento da saúde ou aumento de peso; 6 Modo de viver ou de proceder; 7 [JUR] Conjunto de regras ou disposições legais aplicadas a certos produtos; 8 [AGR] Forma de cultivo e exploração posta em prática numa determinada formação vegetal; 9 [HIDROL] Processo de escoamento de um curso de água. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/palavra/V4MOz/regime/>> Acesso em 06/08/2022.

digitalizações de esferas sociais: a ascensão das chamadas de vídeo, o crescimento de empresas de entregas e o aumento gradual do consumo de entretenimento em vídeo. Seja para nos garantir as possibilidades de lazer e sobrevivência, quando pensamos até na popularização da telemedicina durante esse período, a hiperconexão é um regime ao qual estamos imersos, mas que carrega características singulares.

O regime da hiperconexão, no entanto, não deve ser encarado como algo direto, simples e unilateral. Antes disso, é um regime com poucos precedentes na história, já que, como bem pontua Han (2017a, 2018a), o digital nos permite explorar novas formas de domínio e sujeição, de produção e de consumo. O regime da hiperconexão é inovador enquanto conceito por flertar com uma ideia de liberdade. Ao invés de coerção, essa estrutura é eficaz porque é um poder exercido de modo a oferecer sensações de liberdade ao usuário, como Han (2019b) pontua: "quem quiser alcançar um poder absoluto deverá fazer uso não da violência, mas da liberdade do outro" (p. 16).

O panóptico do digital ao qual Han (2018a) se refere só se estabelece por conta de um aumento da conexão e da hiperconexão; "os habitantes do panóptico digital não são prisioneiros. Eles vivem na ilusão da liberdade" (p.123). Toda estrutura do panóptico é retroalimentada pelos usuários que fornecem dados e informações voluntariamente, assim a autoexposição é mais eficaz do que a exposição por outrem, porque ela acompanha o sentimento de liberdade.

A vigilância e o controle são uma parte inerente da comunicação digital. O característico ao panóptico digital consiste em que a distinção entre o Big Brother e os prisioneiros dilui-se cada vez mais. Aqui, todos observam e vigiam todos. Não são apenas serviços secretos do governo que nos espionam. Empresas como o Facebook ou o Google trabalham elas mesmas como serviços secretos. **Elas expõem a nossa vida para conseguir capital em troca das informações espionadas.** Firms espionam seus funcionários. Bancos examinam a fundo potenciais clientes de crédito. [...] **Na realidade, ela desfaz inteiramente a confiança e a substitui pelo controle.**" (HAN, 2018a, p. 124; grifo nosso).

O excesso de positividade da sociedade do desempenho, a máxima do *yes, we can!* transforma os regimes de poder contemporâneos em amigos do sujeito, não mais como uma técnica que priva o homem de suas realizações, mas como um meio de realização, de satisfação e de manifestação no mundo. A facilidade trazida pela conexão digital para a aquisição de informação vai anulando o significado da confiança como práxis social. Han aponta que este movimento cria uma estrutura de vigilância na sociedade, causada também pela busca insaciável pela transparência, pois "onde se pode adquirir muito rápido e

facilmente informações, o sistema social muda de confiança para o controle e para a transparência" (HAN, 2018a, p. 122).

O caráter de adição da comunicação digital abre um caminho vasto para a contabilização total da vida on-line, pois tudo é possível de rastreio e arquivamento. De acordo com Han (2018a), não mais o *Big Brother* define as relações e seus jogos sociais, mas sim o *big data*¹⁸. Tomemos aqui emprestado o mesmo exemplo que Han usa, o *Google Glass*¹⁹, um dispositivo vestível aos usuários que registra as imagens vistas, capaz de tirar fotos automaticamente a cada dez segundos. Ao usar esses óculos, cada usuário carrega uma câmera - uma técnica - de vigilância constante sobre si mesmo e sobre os outros, o próprio olho do usuário se transforma em uma câmera de vigilância - "todos são o *Big Brother* e o presidiário simultaneamente. Essa é a consumação digital do panóptico de Bentham" (p. 127).

O *biopoder* ao que Foucault denominou como predominante a partir do século XVII passa a ganhar novos artifícios na hiperconexão. Se no poder soberano, anterior ao *biopoder*, o detentor controlava a vida ditando a morte. No *biopoder*, surgem as palavras de ação como estímulo, controle e vigilância. Os corpos se regulam e se fiscalizam, buscando o controle a partir de elementos externos, como reprodução, sexo e saúde. Na hiperconexão observamos um ponto que se sobressalta à biopolítica, pois "o panóptico digital não é uma sociedade disciplinar biopolítica, mas sim uma sociedade da transparência psicopolítica" (HAN, 2018a, p. 130).

O regime da hiperconexão é tão inédito em causas e efeitos por tratar e envolver justamente no campo mais subjetivo dos sujeitos, em sua psique. A casualidade do cotidiano é continuamente substituída pela assertividade calculada dos algoritmos. Han (2018a) retoma o famoso artigo sobre a morte da teoria, publicado pela *Wired*²⁰. Com o excesso de dados e números, os cálculos falam por si.

A teoria é um constructo, um meio de auxílio, que compensa a falta de dados. Se há dados o suficiente, ela é, então, superficial. A possibilidade de decifrar

¹⁸ Usamos o termo *big data* dentro da cultura digital neste trabalho para tratar sobre o acúmulo de dados fruto das nossas interações com os dispositivos digitais. Conceituamos o termo a partir do descrito por Shoshana Zuboff (2018): "O *big data* é constituído pela captura de *small data*, das ações e discursos, mediados por computador, de indivíduos no desenrolar da vida prática. Nada é trivial ou efêmero em excesso para essa colheita: as 'curtidas' do *Facebook*, as buscas no *Google*, *e-mails*, textos, fotos, músicas e vídeos, localizações, padrões de comunicação, redes, compras, movimentos, todos os cliques, palavras com erros ortográficos, visualizações de páginas e muito mais. Esses dados são adquiridos, tornados abstratos, agregados, analisados, embalados, vendidos, analisados mais e mais e vendidos novamente." (ZUBOFF, 2018, p. 31-32).

¹⁹ Ao fim, essa tecnologia apresentada pelo *Google* não foi para frente em desenvolvimento para usuários, hoje o dispositivo é utilizado apenas para fins específicos. Mais em: <https://canaltech.com.br/inovacao/promessas-tecnologicas-que-nao-viram-a-luz-do-dia/> Acesso em 01/08/2022.

²⁰ Disponível em: <https://www.wired.com/2008/06/pb-theory/> Acesso em 07/08/2022.

modelos de comportamento a partir do Big Data enuncia o começo da *psicopolítica*. (HAN, 2018a, p. 132)

3.2. Hipermodernos e hiperconectados

Lipovetsky (2004, 2005) nos apresenta um presente chamado hipermodernidade, que seria uma evolução da modernidade, porém atravessada pelo consumo desenfreado. Na visão do autor, esse consumo presente e estimulado nas diferentes esferas da vida do sujeito o levariam a um individualismo até então inédito, que então entraria passaria a funcionar como uma busca narcísica de consumo. Nessa conjuntura, as esferas coletivas se tornam cada vez mais fragilizadas em detrimento das realizações e consumos individuais, que não privam os sujeitos do mal-estar que essa própria dinâmica ocasiona: o rompimento das barreiras de segurança social coletiva. No mundo hipermoderno, o sujeito é refém dessa liberdade individual, pois vira um sujeito desamparado.

[...] deixado a si mesmo, desinserido, o indivíduo se vê privado dos esquemas sociais estruturantes que o dotavam de forças interiores que lhe possibilitam fazer frente às desventuras da existência. À desregulação institucional generalizada correspondem às perturbações do estado de ânimo, a crescente desorganização das personalidades, a multiplicação de distúrbios psicológicos [...]. Assim, a época ultramoderna vê desenvolver-se o domínio técnico sobre o espaço-tempo, mas declinarem as forças interiores do indivíduo. Quanto menos as normas coletivas nos regem nos detalhes, mais o indivíduo se mostra tendencialmente fraco e desestabilizado. Quanto mais o indivíduo é cambiante, mais surgem manifestações de esgotamentos e "panes" subjetivas. (LIPOVETSKY, 2004, p. 84)

No nosso entendimento, a psicopolítica não deixa de ser um produto da hipermodernidade, surgida pela elevação máxima da capacidade de transformar diversas esferas sociais em objetos calculáveis e agrupados, como no *big data*. Este efeito da hipermodernidade é a conjuntura que permite e opera no capitalismo neoliberal e os demais efeitos contemporâneos aos quais somos submetidos, como o rompimento da crença do pacto coletivo e o individualismo. Já que, "o desnorteio hipermoderno aumenta paralelamente com a excrecência do universo tecno-midiático-mercantil e com o estilhaçamento dos enquadramentos coletivos, a individualização da existência [...]" (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 32).

O mundo hipermoderno, tal como se apresenta hoje, organiza-se em torno de quatro pólos estruturantes que desenham a fisionomia dos novos tempos. Essas axiomáticas são: o **hipercapitalismo**, força motriz da globalização financeira; a **hipertecnificação**, grau superlativo da universalidade técnica moderna; o **hiperindividualismo**, concretizando a espiral do átomo individual daí em diante desprendido das coerções comunitárias à antiga; o **hiperconsumo**, forma hipertrofiada e exponencial do hedonismo mercantil. Essas lógicas em constantes interações compõem um universo dominado pela tecnicização universalista, a desterritorialização acelerada e uma crescente comercialização planetarizada. É nessas condições que a época vê triunfar uma cultura globalizada ou globalista, uma cultura sem fronteiras cujo objetivo não é outro senão uma sociedade universal de consumidores. (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 32, grifo nosso)

O universo digital - e a hiperconexão - podem ser vistos como a ponte ou fio conector das sociedades ao mundo hipermoderno, e a sua consequente cultura-mundo, onde todos os indivíduos e bens de consumo se vêm de certa forma conectados. Essa conexão ganha um artifício técnico, sobretudo sobre telas, mas também uma exaltação da técnica, do cálculo e da objetividade sobre qualquer outro ponto da experiência humana. Uma priorização do que é da ordem numérica e calculável, "nesse sentido que há um verdadeiro universalismo técnico. Uma técnica que se encontra em toda parte, que requer os mesmos símbolos e o mesmo sistema de valores (a eficácia máxima, a racionalidade operacional, a calculabilidade de toda coisa)" (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 43).

A técnica opera como a ordem da cultura global, ao que nos diz Lipovetsky e Serroy (2011), ela traz consigo, para todos, maneiras de ser, de pensar, de viver. Ela é a cultura global. A técnica, neste sentido, está intimamente ligada ao tecnológico, aos produtos tecnológicos e às derivações das tecnologias. O digital continuou e propagou essa nova forma de abraçar a cultura que a hipermodernidade trouxe, apresentando, por exemplo, os algoritmos e o *big data*.

Os algoritmos se circunscrevem como uma rede de controle, conectando-se com as ideias de Gilles Deleuze (1992) sobre uma *sociedade de controle*. Para ele não somos mais uma sociedade disciplinar, remetendo ao que Foucault (2011) inscreveu, mas sim uma *sociedade de controle*. Essa alteração, para o autor, se daria porque, na contemporaneidade, os sujeitos não estão jogando com dispositivos que confinam seus corpos e restringem o seu ir e vir, mas, hoje, a restrição se dá no campo da circulação de informação, podendo o dominador deste poder restringir ou liberar o acesso do sujeito a ela.

As sociedades disciplinares têm dois pólos: a assinatura que indica o indivíduo, e o número de matrícula que indica sua posição na massa [...] Nas sociedades de controle, ao contrário, o essencial não é mais uma assinatura e

nem um número, mas uma cifra: a cifra é uma senha, ao passo que as sociedades disciplinares são reguladas por palavras de ordem (tanto do ponto de vista da integração quanto da resistência). A linguagem numérica do controle é feita de cifras, que marcam o acesso à informação, ou a rejeição. Não se está mais diante do par massa-indivíduo. Os indivíduos tornaram-se “dividuais”, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou “bancos” (DELEUZE, 1992, p. 226).

Na *sociedade de controle* vivemos em constantes ofertas de mundo e de experiências, e podemos facilmente traçar paralelos com a cultura digital para pensarmos na extensa quantidade de aplicativos que temos disponíveis em nossos dispositivos digitais para escutar música, assistir a vídeos e nos comunicarmos com outras pessoas, por exemplo. Mas esse excesso de possibilidades cria uma esfera de impotência, pois temos a sensação "de que, uma vez que tudo é possível (desde que no âmbito das alternativas pré-estabelecidas), nada é mais possível (a criação de algo novo)" (LAZZARATO, 2006, p. 102). Deleuze vai dizer que essa sensação oriunda da *sociedade de controle* é a modulação, "os confinamentos são moldes, distintas moldagens, mas os controles são uma modulação, como uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente, a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro" (DELEUZE, 1992, p. 221).

A partir dessa ideia de modulação, Lazzarato sugere que ela cria um "diagrama de flexibilização da produção de subjetividade" (LAZZARATO, 2006, p. 73). Nessa nova lógica, nossas subjetividades estão em completa transformação e constituição. E como o autor Cheney-Lippold (2011) nos mostra em seus estudos, algoritmos passam a fazer parte da elaboração de novas identidades nos sujeitos, criando uma “nova identidade algorítmica”²¹, capazes de coletar diversas informações pessoais, econômicas e políticas, para criar um sistema de hierarquia que pode ser empregado nas práticas culturais e sociais.

As grandes empresas que controlam os dispositivos, chamadas de *big techs*, vão também se munir de uma nova forma de controle e de execução de seus dispositivos de poder, é o que o autor Nick Couldry (2019) mostra. Segundo ele, essas empresas, de certa forma, estão colonizando nossas práticas dentro dos dispositivos de uma maneira que somente elas são capazes de interpretar e interferir. Essa atuação ressalta o uso da expressão "*sociedade da caixa preta*", já que em diversos momentos não sabemos ao certo como se dá a operação dentro dessas plataformas. Essa "quantificação social não existe normalmente para tornar a sociedade mais entendível (isto é, entendível para todos na sociedade), mas para dar

²¹ Escreve o autor: “Uma ‘nova identidade algorítmica’ está situada a uma distância da política liberal tradicional, removida do discurso civil pela natureza proprietária de muitos algoritmos, enquanto desfruta simultaneamente de uma onipresença sem precedentes em seu alcance para vigiar e registrar dados sobre os usuários”. (CHENEY-LIPPOLD, 2011, p. 165).

às empresas acesso especial e privado a formas particulares de conhecimento a partir das quais o valor econômico pode ser gerado" (COULDRY, 2019, p. 124, tradução nossa).

Para recorrer ao pensamento de que os algoritmos são produtores de subjetividades, podemos considerar que os dados dos dispositivos digitais “operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes” (GUATTARI, 1992, p. 14) e são armazenados em formato de *big data*. Jonathan Crary (2016), vai argumentar que nossa forma de viver hoje é dominada pelos padrões de consumo e produção da lógica capitalista. Todas as rupturas que as plataformas digitais trouxeram à tona estão *(re)configurando* nossos modos de vida na contemporaneidade, mas esses dispositivos se fortalecem no padrão neoliberal, oferecendo uma ideia de liberdade condicionada dentro da plataforma.

Decerto, por ser uma técnica, a tecnologia garante certo mistério, tal como Heidegger pontua:

o sentido do mundo técnico oculta-se. Porém, se atentarmos agora, particular e constantemente, que em todo o mundo técnico deparamos com um sentido oculto, então encontramos imediatamente na esfera do que se oculta de nós e se oculta precisamente ao vir ao nosso encontro. O que, deste modo se mostra e simultaneamente se retira é o traço fundamental daquilo a que chamamos o mistério (HEIDEGGER apud FOGEL, 1998, p. 25).

Esse mistério, acaba passando uma sensação comum de complexidade ou de não entendimento aos usuários de forma geral. Mas Rüdiger (2011) ressalta que não podemos reduzir as tecnologias ao campo abstrato de entendimento do mistério:

A técnica é, antes de tudo, uma forma de saber que, como tal, existe sempre encarnada e, por isso, não pode ser separada de seu uso concreto, mesmo no momento de sua origem, visto que esta origem, segundo a tradição, é sempre o homem em condições históricas e sociais determinadas. O corpo é originariamente um artefato técnico, falando em termos científico-sociológicos. O primeiro objeto técnico aparecido no mundo é, neste marco, o corpo, senão o próprio modo de ser humano, ainda que não totalmente. A matéria da qual se constitui o humano está, desde o princípio, sujeita a operações técnicas, que se manifestam na forma como nosso corpo se posiciona no ambiente, caminha, senta-se, gira a cabeça, articula a palavra, manipula o que está ao seu alcance etc. (RÜDIGER, 2011, p. 64).

Com esse saber, Deleuze explica que antes de serem técnicas, as máquinas são sociais, pois estão no seio das atividades humanas, podemos interpretá-las.

"Ou melhor, há uma tecnologia humana antes de haver uma tecnologia material. Os efeitos desta atingem, é certo, todo campo social; mas, para que ela mesma seja possível, é preciso que os instrumentos, é preciso que as máquinas materiais tenham sido primeiramente selecionadas por um diagrama, assumidas por agenciamentos" (DELEUZE, 1998, p. 49).

A lógica capitalista neoliberal nos ativa nas esferas do comunicar o tempo todo, do programar e do produzir, mas cabe lembrar que dentro desses dispositivos tecnológicos fazemos parte de um interesse de uma certa lógica para uma conclusão final vinculada à produção de capital, que usa do mistério como artifício de "não atuação".

3.3. Sujeitos em rede

Lipovetsky e Serroy (2011) caracterizam o *Homo ecranis*, uma nova forma de humanidade que seria produto da sociedade pós-televisão. Os autores argumentam que a mídia televisiva possibilitou o surgimento de um *hipermundo*, uma nova forma de interagir e consumir imagens em escala global, que se acentuou com as mídias digitais. Essas novas mídias revelam uma "era cem por cento tela" (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 77), que estabelece novos paradigmas na comunicação presentes no hipercapitalismo, pois em um mundo globalizado, "o hipercapitalismo faz crescer a insegurança tanto social quanto individual", e já "não acarreta apenas uma instabilidade macrofinanceira, mas também desestabiliza as personalidades e identidades, desequilibra a vida mental e moral dos indivíduos tornando inseguros e que já não dispõem do apoio dos antigos quadros de vida coletiva" (LIPOVETSKY; SERROY, 2011, p. 37).

Compreender que as plataformas do universo digital fazem parte do atual estágio do capitalismo e que suas técnicas e ferramentas não são de amplo conhecimento de todos os usuários é fundamental para entendermos os pressupostos de Gillespie (2014, 2018). O autor diz que, baseados no senso comum de neutralidade dos meios, os usuários tendem a estabelecer certo tipo de confiança nos sistemas que utilizam. Esse ponto é um dos marcos do entendimento e funcionamento dos algoritmos, pois quanto menos perceptível maior seria a sua eficácia na caixa-preta dos dispositivos.

Nas redes sociais os sujeitos poderiam se fragmentar, recombinar, orientar suas relações e até fantasiar. É o que Castro (2018) vai explicar como sendo a "governança

algorítmica". Nas ambiências digitais criamos dados ao passo que esses dados são coletados, e eles - de certo modo - irão compor a nossa existência na plataforma. O problema é que esse emaranhado de dados cria uma espécie de desordem na nossa percepção estética, política e psíquica, impactando a nossa produção de subjetividade.

Olhar desse modo os algoritmos, destrinchando suas atuações, rompe com sua ideia de neutralidade com os usuários e dispositivos, e como Deleuze já havia proposto, “toda experiência está presa em relações de poder” (1988, p. 120). Essas relações de poder ganham novas atuações na *Infosfera*, termo elaborado por Floridi (2014) para contar sobre o nosso atual estágio de interação na cultura digital. Floridi explica que a “matéria-prima e energia foram substituídas por dados e informações, o novo ouro digital e a verdadeira fonte de valor agregado” (Floridi, 2014, p. 218).

Não somos mais os proprietários indiscutíveis da infosfera. Nossos artefatos digitais realizam cada vez mais tarefas que exigiriam um esforço nosso se fôssemos os encarregados da sua realização. Mais uma vez fomos forçados a abandonar uma posição que julgávamos ser “única”. (FLORIDI, 2014, p. 93).

Na infosfera, nossas subjetividades são moduladas pelos dados presentes no *big data* e tornam-se produto da lógica neoliberal, que passa a atuar diretamente sobre os nossos corpos e mentes. Essa modulação passa até mesmo a ocupar e a formar novas maneiras da nossa psique atuar, pois “as tecnologias de modulação permitem agir de modo eficaz sobre nossa atenção por serem quase sempre baseadas em nossa subjetividade revelada e em nosso potencial afetivo” (SILVEIRA, 2017, p. 57). Os dados na infosfera passam a integrar os dispositivos da *sociedade de controle* e, como uma arquitetura, “funciona para estruturar fronteiras, assim como regular fluxos, do tráfego da internet” (CHENEY-LIPPOLD, 2011, p. 166). Nesse espaço de fisicalidade instável, os sujeitos transitam nesses fluxos e a *sociedade de controle* consegue “concentrar; distribuir no espaço; ordenar no tempo; compor no espaço-tempo uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares” (DELEUZE, 2013, p. 223).

A psicopolítica é, portanto, um dispositivo de controle de atuação psíquica ao qual estamos todos condicionados enquanto usuários de plataformas de mídia digital. Esse artifício de poder, no entanto, muitas vezes fica longe do controle dos usuários e reforça ainda mais os interesses das grandes corporações por trás das plataformas e seus interessados. Diante de uma realidade socioeconômica global marcada por desigualdade e conflitos que ameaçam as democracias - como veremos mais à frente -, as empresas que operam essas plataformas

aumentam seus lucros e seu poder, muitas vezes sem que nós - enquanto usuários - entendamos tais mecanismos.

Na contemporaneidade, a hiperconexão ganha um aspecto cada vez mais transparente, como vimos com Han (2017b), pois os dados do *big data* podem entrar em um ritmo de aceleração. Mas, tal qual o autor diferencia, em contrapartida ao cálculo que é transparente, o pensamento não pode ser, pois segue um caminho desconhecido. O tempo, de acordo com Han (2015), manifestado por pontos, prejudica a formação da narrativa, pois os pontos não narram, eles somam - se adicionam. Han (2017b) inscreve que o caráter aditivo das mídias digitais é o que permite sua aceleração, "só se pode acelerar um processo que é aditivo, e não um processo que é narrativo. [...] Rituais e cerimônias, ao contrário, são processos e acontecimentos narrativos, que se esquivam da aceleração" (p. 70). Como nos lembra Heidegger (2006), o que nos define enquanto humanos é a capacidade do entre, dessa pausa entre os pontos, do tédio ao que Han vai se referir.

Na aceleração neoliberal em que a psicopolítica se inscreve um esquema de poder que não se reduz à lógica de mercado ou de governos - é exatamente o modelo que as empresas de tecnologia empregam para exercerem o processo de algoritmização de todas as nossas dinâmicas sociais. A sociedade da infosfera permite que os usuários, em ritmo acelerado, se entreguem às de circulação de dados para terem acesso aos dispositivos e plataformas. As características típicas da cultura digital permitem que os sujeitos se inscrevam em uma rede de controle e de vigilância mais sutil do que a biopolítica de Foucault.

Diante da psicopolítica, Han (2018b) nos mostra como o *big data* passa a ser um instrumento do fazer político, capaz de controlar as dinâmicas sociais e intervir diretamente na vida subjetiva dos sujeitos. A psicopolítica é eficaz porque ela carrega o cerne da ideia algorítmica, ela oferece um programa em que os sujeitos não se vêem em submissão ou dominação, já que esse mesmo programa lhes permite o auto-projetar seguindo a lógica da *sociedade do desempenho* (HAN, 2018b). Para Han somos hoje já programados pelos meios digitais, todos os nossos comportamentos, sensações e percepções manifestam-se em coexistência com eles.

Diante dessa lógica em constante atuação, mostra-se pertinente o entendimento desses operativos de poder que nos circulam na contemporaneidade. Cathy O'Neil (2020) apresenta alguns riscos da dinâmica proposta pelos algoritmos, especialmente por concentrarem o poder de manipulação dentro dos domínios de quem os manipula, colocando-os em lugares passíveis de erro. A autora ressalta que, mesmo com a objetividade ilusória, as decisões tomadas pelo *big data* carregam opiniões e formações, que a longo prazo podem

silenciosamente acentuar as desigualdades sociais e demais discriminações, ponto esse que trataremos mais adiante.

E assim como nos relembra Achille Mbembe em sua análise, “o neoliberalismo é a época ao longo da qual o tempo curto se presta a ser convertido em força reprodutiva da forma-dinheiro” (2018, p.15), o que condiz com as proposições acima de que hoje todas as esferas da vida cotidiana podem ser algoritmizadas, - calculadas -, até mesmo a nossa pausa e a nossa distração. É nesse contexto que as *big techs* vão operar na produção do desejo, de modo a criar sujeitos que se inscrevem em uma concepção de vida que não existe longe de seus produtos oferecidos, das plataformas e das redes.

Esse novo homem, sujeito do mercado e da dívida, vê-se a si mesmo como um mero produto do acaso. [...] Distingue-se em vários aspectos do sujeito trágico e alienado da primeira industrialização. De saída, é um indivíduo aprisionado em seu desejo. O seu gozo depende quase inteiramente da capacidade de reconstruir publicamente sua vida íntima e de oferecê-la no mercado como uma mercadoria passível de troca. (MBEMBE, 2018, p.16)

3.4. Aceleração do tempo no digital contemporâneo

É recorrente ouvirmos de alguém, ou nós mesmos nos queixarmos, sobre uma constante falta de tempo ou um certo sentimento de estar cheio de afazeres. Ainda que com as evoluções tecnológicas do regime da hiperconexão, carregado muitas vezes de uma ideia de economia de tempo gasto em algumas ações, não podemos associar diretamente que ter uma série de serviços ao toque de nossos dedos esteja poupando nosso tempo de forma geral. Muitos dos artefatos tecnológicos que utilizamos hoje partem dessa premissa de economizar tempo, porém os sintomas da falta de tempo continuam presentes, pondo em contradição as próprias funcionalidades desses dispositivos de mídia digital. Nesse sentido, consideramos que o digital contemporâneo, a partir de seu caráter de adição, colabora com rupturas da percepção do tempo, que, por sua vez, resultaram também em diferentes reajustes nas demais percepções sensoriais.

Crory se utiliza do sentido da visão e seus jogos de luz e escuridão para ressaltar que a "oferta infinita e perpetuamente disponíveis de solicitações e atrações, o [modo de vida] 24/7 incapacita a visão, por meio de processos de homogeneização, redundância e aceleração" (CRARY, 2016, p. 43). O excesso, marca da sociedade do desempenho, seria então um dos pontos centrais para conceber a nossa relação com o tempo contemporâneo, intrinsecamente

contraditório, já que "apesar de afirmações em contrário, assistimos à diminuição das capacidades mentais e perceptivas em vez de sua expansão e modulação" (CRARY, 2016, p. 43).

A cotidiana falta de tempo está associada, para Han (2021b), à falta de conclusão. Por ser de ordem narrativa, a sua extinção causa também uma falta de sentido. Em sua tese, Han (2021) descreve que rituais, cerimônias e festividades são formas de conclusão, são processos narrativos, que não apenas se somam ou se agrupam, eles não sofrem a aceleração, pois isso os transformariam em adições.

Acelerar sem fim, em contrapartida, é o que o processador faz, pois ele não trabalha narrativamente, mas apenas aditivamente. Narrativas não se deixam acelerar arbitrariamente. A aceleração destrói as suas estruturas próprias de sentido e tempo. O inquietante na experiência atual não é a aceleração como tal, mas sim a conclusão faltante, ou seja, a falta do ritmo e do compasso das coisas. (HAN, 2021b, p.12-13)

Han (2021b) também recorre a Barthes (1980), em *A câmara clara*, para explicar sobre a necessidade de se fechar os olhos e do silêncio da fotografia. Aqui, o silêncio surge como uma necessidade de pausa que permite a subjetividade absoluta (p. 14), sem ele não há conclusão. Quando pensamos no zumbido dos enxames digitais fica mais fácil conceber essa ideia, em que o excesso mais uma vez causa o estranhamento do tempo e da percepção. A quantidade abundante de imagens disponíveis nas diferentes plataformas, por sua falta de silêncio, "não falam ou contam, mas sim fazem barulho" (p. 15). Diante desses estímulos não é mais possível fechar os olhos, pois isso seria negar a realidade contemporânea e suas evoluções, mais uma vez falta a distância que marca a hiperconexão, pois o contato direto entre imagens e olho "não permite nenhuma distância contemplativa" (p. 16), configurando-se como uma hipervigilância.

Cabe buscarmos maiores explicações e análises que deem conta de clarificar essa ideia de aceleração do cotidiano, tão contraditório e tão potente de efeitos. Para tanto, partimos da ideia que Hartmut Rosa (2019) nos apresenta ao traçar um estudo sociológico da temporalidade, a fim de explicar que o tempo presente vem em um processo de constante aceleração social, causada por uma série de rupturas e reorganização de suas estruturas que por tempos foram concebidas como absolutas.

Especialmente o fato de termos alcançado um nível de transmissão de informação em *tempo real* produziu um violento impacto aceleratório em quase todos os campos da vida econômica cotidiana, e deu a impressão, com isso, de que somos testemunhas de uma nova e qualitativa revolução da

velocidade, cujo corolário não pode ser mais simbolizado pelo sôfrego "girar trepidante das engrenagens", mas, antes, pela *World Wide Web* e por palavras-chave como "gratificação instantânea" e "entrega instantânea". A virtualização e digitalização de processos até então materiais (como o desenvolvimento de um modelo) e a integração de meios digitais de informação a meios "analógicos", isto é, cadeias de processos materiais, levam à aceleração da produção, da circulação e do consumo, num só tempo. (ROSA, 2019, p. 430, grifos do autor)

Rosa (2019) argumenta que existem três grandes dimensões que caracterizam a aceleração social do tempo, sendo elas (a) aceleração técnica; (b) aceleração da mudança social; (c) aceleração do ritmo da vida. O autor explica, sobretudo, as correlações paradoxais entre essas dimensões e seus cruzamentos com as demais práticas sociais, desde a evolução tecnológica até a ordem subjetiva do sujeito contemporâneo. Sobretudo, para nós, no estudo da hiperconexão, são fundamentais as percepções correlatas entre a primeira (a) e a terceira (c) dimensões, pois o ritmo de vida acelerado foi proposto justamente em conjunto e a partir da evolução das técnicas, sejam elas de transporte, de comunicação ou de produção.

De início, é importante considerar que a hipermodernidade, e também, neste caso, a contemporaneidade, não são apenas processos de diversas atuações sobre o tempo, mas também, primeiramente e sobretudo, um processo de transformação estrutural e cultural sobre os sujeitos e suas próprias concepções de estruturas temporais. Rosa (2019) justifica que, por esse motivo, a aceleração é um conceito mais abrangente e apropriado para abordar esses desafios de se pensar o presente a partir de uma perspectiva temporal.

A aceleração técnica é, talvez, a característica de aceleração da modernidade mais fácil de ser compreendida, já que basta pensarmos nos encurtamentos de processos que antes, sobretudo da Revolução Industrial, levariam unidades de tempo muito maiores para serem cumpridos. Nas palavras de Rosa (2019), essa aceleração é "intencional de processos direcionados a um objetivo" (p. 147). O mesmo se dá quando pensamos nas velocidades de transporte, em que é possível atravessar o globo em uma velocidade surpreendente, e as propostas de encurtar ainda mais essas distâncias de circulação seguem em ritmo, como por exemplo, os projetos de trens de alta velocidade e até as propostas de carros voadores.

A mesma concepção de aceleração técnica fica evidente quando pensamos sobre a evolução tecnológica, especialmente sobre a internet (seus aparatos e suas plataformas) nos últimos vinte anos. Os computadores deixaram de ser da ordem macro e integram cada vez mais o micro de uma série de objetos dispostos socialmente, dos *smartphones* aos *chips* de

*wearables*²², passando também pela evolução das câmeras de celulares que prometem cada vez mais retratar a realidade de uma forma tecnicamente fidedigna. Do mesmo modo, a partir da *desmediatização*, discutida a partir de Han (2018a) no capítulo anterior, a velocidade de circulação de bens não materiais, como informações, imagens e demais conteúdos digitais, aumenta drasticamente, pois não existe mais apenas um agente produtor, mas sim vários. Todos participam do processo de aceleração técnica, e nem é a ideia frear esse processo, já que por ele mesmo temos uma série de benefícios que hoje podem ser avaliados, como a velocidade da produção de vacinas que, vista neste último ano, bateu um tempo recorde. Mas cabe entender as engrenagens e atuação desse processo sobre as nossas dinâmicas sociais, já que essa forma de aceleração mostra-se incontestável.

A aceleração técnica, no entanto, não se caracteriza apenas na movimentação e deslocamento mais rápido de pessoas, bens e informações. Mas também, pela aceleração dos sistemas de produção e consumo, que sob os agentes de virtualização e digitalização sofrem constantes transformações que parecem mirar o seu máximo: atingir a velocidade da luz. Mas, como nos lembra Rosa (2019, p. 146), "dados podem ser transmitidos, mas não produzidos na velocidade da luz, e, como consequência das possibilidades de digitalização, a pressão aceleratória sobre as interfaces materiais cresceu enormemente". A velocidade de processamento técnico de computadores aumentou em um ritmo quase difícil de explicar ao longo dos últimos vinte anos, mas não vimos grandes evoluções quando pensamos nas capacidades de processamento de um cérebro humano, por exemplo. A organização capitalista do mundo caminha de mãos dadas com a velocidade de produção e as velocidades de distribuição e consumo, assim como a velocidade de propagação.

A aceleração da mudança social considera que "os índices de transformação transformam-se a si mesmos" (ROSA, 2019, p. 147), ou seja, ela é também uma espécie de produto da aceleração técnica, mas não exclusivamente. Por exemplo, a velocidade técnica trazida pelas máquinas e operações a partir da evolução dos processadores de computador não tem diretamente uma relação de causa e efeito com demais impactos sociais, ao menos não à primeira vista. A aceleração de mudança social está intimamente ligada às concepções sobre passado, presente e futuro, pois "somente aí experiências e processos de aprendizagem possuem uma forma de orientação" (ROSA, 2019, p. 150). Assim, o presente é a forma congruente do tempo, já que nele observamos as demais temporalidades em que o "passado

²² O termo *wearables* pode ser traduzido como "dispositivos vestíveis", ou seja, são dispositivos tecnológicos que se apresentam de forma semelhante a peças de roupas, como pulseiras, relógios e óculos de realidade aumentada.

representa, dessa perspectiva, tudo aquilo que não vale mais; futuro, ao contrário, abarca o que ainda não vale" (p. 150-151).

Assim, a aceleração da mudança social pode ser definida como um aumento das taxas de expiração de experiências e expectativas orientadoras da ação, e como encurtamento dos intervalos de tempo que, para cada esfera funcional, de valor e de ação, podem ser determinados como presente. [...] A tese de uma aceleração geral da mudança social afirma que o "presente" se contrai tanto na política quanto na economia, na ciência e na arte, tanto em relações de emprego quanto nos arranjos familiares, em orientações morais e práticas cotidianas [...] (ROSA, 2019, 152)

A última dimensão da aceleração social, que aqui nos interessa muito para avaliar o regime da hiperconexão, é a aceleração do ritmo da vida. Ela surge tanto como uma forma de resposta ao aumento de episódios de ação e/ou experiência, como uma reação; mas também surge, de forma paradoxal, em relação à aceleração técnica. A aceleração do ritmo da vida pode ser avaliada por meio de um componente objetivo e/ou subjetivo, ela é, em suma, a prática de reduzir o intervalo de tempo entre o término de uma atividade e o início de outra (ROSA, 2019, p. 155). Por exemplo, a nossa facilidade de nos comunicarmos por dispositivos conectados à internet é uma aceleração técnica, porém a fragilidade dessa comunicação e a escassez, devido a sua brevidade e simplicidade semântica, é uma aceleração do ritmo de vida. O mesmo ocorre quando pensamos nos meios de transporte. Os carros, cada vez mais modernos e equipados, são frutos de uma aceleração de ordem tecnológica, porém o trânsito e o congestionamento causados nas ruas das grandes cidades são acelerações dos ritmos da vida.

Como Han (2018a) nos apresentou, os sujeitos inquietos nunca valeram tanto, isso porque na sociedade do desempenho, é sempre exaltada a tentativa de rompimento de barreiras que impeçam a produção, sendo o tempo uma delas. Nesse sentido, munidos de aplicativos que nos lembram e nos auxiliam nas mais diversas tarefas diárias²³, de controle do ciclo hormonal, até lembretes para beber água, passamos a desempenhar ininterruptas ações, que vistas sob um plano parecem muito mais dispor de uma unidade do que pequenos pontos cíclicos.

Tal adensamento e o consequente aumento de episódios de ação por unidade de tempo podem, no entanto, ser alcançados, como já visto, não apenas por meio da aceleração imediata dos episódios, mas também através de sua sobreposição, ou seja, pela execução simultânea de várias atividades

²³ MAGALHÃES, André Lourenti. "6 aplicativos de listas de tarefas para tornar seu dia mais produtivo". Canaltech, 02/11/2020. Disponível em <<https://canaltech.com.br/apps/melhores-aplicativos-listas-tarefas/>>. Acesso em 14/05/2021.

(*multitasking*), o que embora possa conduzir a uma redução da velocidade das atividades individuais, possibilita um cumprimento mais rápido de sua totalidade. (ROSA, 2019, p. 156)

A aceleração do ritmo de vida implica, subjetivamente, na sensação de constante falta de tempo, ou mesmo em uma pressão de ordem temporal, dada essa carência, ou ainda, em uma forma de medo de não conseguir acompanhar, ou "ficar para trás". Há um fenômeno característico da hiperconexão que nos ajuda a entender esse postulado, o *FOMO*²⁴. Esse mesmo constante de não pertencer mais à ordem daquele tempo presente ao qual se ocupa, o receio de ser ultrapassado, ou pior, esquecido. A intensidade acelerada das evoluções do digital implica nesse estresse de sempre estar apto a desenvolver e desempenhar uma função nova, assim como os próprios aplicativos e dispositivos da mídia digital.

Para esclarecer ainda mais a estrutura da aceleração do ritmo da vida, Rosa (2019) utiliza um exemplo sobre um corredor de longa distância, que consegue realizar seu trajeto em menos tempo devido a uma nova técnica de corrida e respiração. Isso se valeria de um certo tipo de aceleração técnica e de mudança de vida, no entanto, ao examinarmos como essa metodologia também implicou numa menor duração da corrida, que o corredor gozou de menos tempo em contato com outros e com o evento em si, veremos que representa uma aceleração do ritmo da vida. Esse tempo extra "ganho" pelo corredor surge como mais unidades de tempo para serem ocupadas com diferentes ações. Isso nos ajuda a entender que, na modernidade, a aceleração sentida de modo tão estrutural representa um "fenômeno sociopsicológico extraordinariamente complexo que não pode ser entendido nem explicado adequadamente sem uma consideração sistemática de fatores culturais" (ROSA, 2019, p. 159).

Esses percursos sobre as acelerações sociais do tempo são importantes para concebermos o regime da hiperconexão como um fenômeno de ordem transversal aos demais fenômenos sociais. A aceleração do ritmo da vida, sobretudo a partir da aceleração técnica, como postulado por Rosa (2019), nos remete à falta de conclusão do tempo presente elaborada por Han (2021b). Han nos mostra que o tempo se apresenta como uma avalanche, por não mais apresentar paradas ou forças de restrição, "aqueles pontos do presente entre os quais não existiria nenhuma força gravitacional e nenhuma tensão, pois são necessariamente

²⁴ FOMO é uma expressão elaborada em 2000 pelo especialista de marketing Dan Herman. Posteriormente, os pesquisadores da Universidade de Harvard e Oxford, Patrick McGinnis e Andrew Przybylski, definiram o termo como um desejo do sujeito de estar sempre conectado a tudo que as outras pessoas estão fazendo, com receio de perder algo ou serem ultrapassados. Esse medo de perder algo na hiperconexão poderia acentuar casos de transtorno de ansiedade.

aditivos" (HAN, 2021b, p. 28). Essa ordem conduz o tempo a um "aceleramento sem direção e sentido" nas palavras do autor.

O sujeito do desempenho é incapaz de chegar a uma conclusão. Ele se despedaça sob a coação de sempre ter de produzir mais desempenho. Precisamente essa incapacidade de chegar a uma conclusão e de encerrar conduz ao *burnout*. E, em um mundo no qual a conclusão e o encerramento dão lugar a um avanço sem fim e sem direção, não é possível morrer, pois também o morrer pressupõe a capacidade de encerrar a vida. Quem não consegue morrer no tempo certo tem de acabar [*ver-enden*] em uma hora inoportuna [*Unzeit*]. (HAN, 2021b, p. 30).

O cansaço e *burnout* gerado pela sociedade do desempenho nos enxames digitais, estão reconfigurando as nossas formas de relacionamento e entendimento com o tempo e o espaço, medidas que por muito tempo seguiram certa primazia inquestionável, ao menos de maneira prática. Esses efeitos, pautados em uma aceleração do ritmo da vida, também causam uma pobreza do olhar, já que "a comunicação digital é uma comunicação pobre de olhar" (2018, p. 47), e também pobre em alteridade.

Também os novos meios de comunicação e as técnicas de comunicação estão destruindo cada vez mais a relação com o outro. O mundo digital é pobre em alteridade e em sua resistência. Nos círculos virtuais, o eu pode mover-se praticamente desprovido do "princípio de realidade" (HAN, 2017a, p. 91)

As imagens produzidas pelos usuários na hiperconexão, na visão de Han, carregam consigo um cansaço do desempenho, pois não é mais possível o distanciamento, ele [o usuário] é "totalmente incapaz de sair de si, estar lá fora, de confiar no outro, no mundo, fica se remoendo, o que paradoxalmente acaba levando a autoerosão e ao esvaziamento" (2017a, p. 91). Nas imagens que circulam em nossos dispositivos digitais, o eu só se encontra consigo mesmo, pois "esse mundo humano conectado em rede leva a um auto espelhamento permanente" (2019, p. 42), essas imagens então colaboram para romper a nossa relação com o outro, o que Han completa causar uma "crise de gratificação" (2017a, p. 83) porque esta depende de uma relação em conjunto.

Quando Han nos diz *Favor fechar os olhos* (2021b), ele propõe uma análise justamente sobre a nossa dificuldade em fechar os olhos. Nesse sentido, somos o tempo todo condicionados e convocados a acompanhar imagens como em um desfile em ritmo sem fim. Se pensarmos nessa provocação e relacioná-la à timeline da recente rede social *TikTok*, entenderemos tamanha dificuldade que é esgotar as imagens que nos são mostradas, porque elas não acabam, a sua lógica de oferta é ser inesgotável. Não há fim para as imagens no

contemporâneo da cultura digital, não há pausa e, talvez, também não haja morte para elas. Nesse ritmo, não somos capazes de elaborar momentos de conclusão.

Assim, nessa perspectiva de Han, na hiperconexão, as imagens estão sempre criando e propondo mais imagens, não há um momento de contemplação. Diferente das imagens tradicionais, como uma pintura, por exemplo, que se finaliza em algum momento, as imagens em suportes digitais nunca terminam, nunca se finalizam, e, na cultura digital, elas se apresentam abertas a constantes atualizações e repaginação. Quando Han (2015) fala sobre um "tempo sem aroma" ele também se refere a um tempo sem descanso, sem pausa e sem contemplação. O tempo sem aroma é um tempo marcado pelo ritmo frenético da produção. Na jornada do herói e nas grandes narrativas míticas, ao fim sempre há o momento de celebração, de recompensa e de descanso, mas na frequência 24/7 esses finais não são mais possíveis e são também combatidos pela lógica econômica e cultural, por simbolizarem uma espécie de atraso, de não aptidão.

A *vita contemplativa* (HAN, 2017a) elabora uma nova pedagogia do ver. Nesse sistema, aprender a ver significa "habituar o olho ao descanso, à paciência, ao *deixar-aproximar-se-de-si*, isto é, capacitar o olho a uma atenção profunda e contemplativa, a um olhar demorado e lento" (p. 51). A aceleração do mundo, acentuada pelas telas e pela circulação das imagens, assim como pela sua produção, nos afasta dos momentos de descanso e pausa. Mas é nos momentos de contemplação que podemos abrir o espaço da escuta e da visão do outro, para o tempo do outro. Precisariamos então de uma *revolução temporal* (HAN, 2021b, p. 34), pois assim estabeleceríamos o tempo do outro, um tempo que não é só marcado pelo eu, pelo trabalho e pelo desempenho.

Com isso evidencia-se de forma irrefutável o fato de que *a aceleração técnica, e, sobretudo, tecnológica, atua como uma poderosa mola propulsora da mudança social*. Por meio de seis mecanismos empírico-históricos de atuação, ela conduz a uma constante transformação de formas de prática e orientações de ação, de estruturas associativas e padrões de relações e até mesmo das autorrelações do eu e das disposições psicofísicas. (ROSA, 2019, p. 307, grifos do autor)

Rosa (2016) também explica que um dos dados acerca da nossa percepção do tempo está relacionado aos sentidos que empregamos ao utilizar algum meio. Por exemplo, ao assistir televisão, as pegadas de memória que essa experiência deixa estariam de acordo com os sentidos que refletem nos sujeitos frente à tela. Nessa crítica do autor, as mídias audiovisuais - e aqui também digitais - dominadas por telas acabam ferindo a ordem

fenomenológica da experiência sinestésica. Essas mídias poderiam até mesmo causar uma espécie de "*abstração estética*" (HAUG, 1997), criando espaços em que interagimos apenas com informações - e imagens - sem ter algum sentimento por elas ressaltado. Nesse cenário estrutural ao que se inscreve a hiperconexão hoje, convém então traçar elaborações sobre a comunicação a partir desse lugar, para criarmos novas lentes a fim de encarar esse novo momento sem precedentes com os devidos olhos.

4. Comunicação hiperconectada

*Futures made of virtual insanity, now
Always seem to be governed by this love we have
For these useless, twisting, of our new technology
Oh, now there is no sound, for we all live underground
And I'm thinking what a mess we're in
Hard to know where to begin
If I could slip the sickly ties that earthly man has made
And now every mother can choose the color
Of her child, that's not nature's way
Well, that's what they said yesterday
There's nothing left to do, but pray
I think it's time to find a new religion.²⁵*

(Trecho da Música *Virtual insanity*, de Jamiroquai, 1996)

4.1. Uma vida em que os dados são reis

A aceleração do tempo social, como um resultante do modelo de sociedade contemporânea - que tratamos no final do capítulo anterior - é um dos combustíveis para a aceleração das práticas de controle algorítmicas que observamos hoje com a ampla distribuição de aparatos tecnológicos e digitais. Se, na perspectiva de Byung-Chul Han, a narrativa vem cada vez mais perdendo espaço dentro do digital e do tempo presente, é essa mesma falta de narrativa que começa a marcar o pós-moderno. A substituição do narrar pelo adicionar e somar, ressaltada pelo uso acentuado de mídias digitais, como abordamos nos capítulos anteriores, só consegue ser realizada pois dispomos de uma série de mecanismos de cálculos atuando diretamente e constantemente em cada esfera social atravessada pela digitalização.

Não é raro notar anúncios publicitários de um produto em redes sociais após conversar sobre, ou pesquisar algo sobre o produto em um site de busca. Também não é raro, e por vezes satisfatório aos usuários, receber recomendações do que assistir e escutar em seus serviços de streaming a partir de seus últimos conteúdos consumidos. O uso dos algoritmos como modulação não é algo tão novo para nós nos anos 2020, entretanto, esse uso ainda

²⁵ Em tradução livre para o português: "Futuros feitos de insanidade virtual, agora; Sempre parecem ser governados por esse amor que temos; Para essas torções inúteis de nossa nova tecnologia; Oh, agora não há som, pois todos nós vivemos no subsolo; E eu estou pensando em que bagunça estamos; Difícil saber por onde começar; Se eu pudesse cortar os laços doentios que o homem terreno fez; E agora toda mãe pode escolher a cor; De seu filho, esse não é o jeito da natureza; Bem, isso é o que eles disseram ontem; Não há mais nada a fazer, mas rezar; Acho que é hora de encontrar uma nova religião."

carrega uma série de nuances não totalmente desvendadas por grande parte de todos os usuários que acessam redes e plataformas todos os dias.

O *big data* permite um monitoramento total da vida cotidiana, como nos conta Han (2018c). Se antes a *web 2.0* permitia apenas um registro de uso diante da navegação de seus usuários, a *web 3.0* inseriu um mecanismo de registro em cada dispositivo que acompanha rotineiramente cada usuário. Como diz o autor (p. 86) "somos, por assim dizer, prisioneiros de uma memória de caráter digital", nem mesmo os famosos mecanismos de controle difundidos na história como o de Bentham²⁶ e a alusão ao *Big Brother* conseguiram com tanta maestria o poder de registro de rastros de cada indivíduo. Diferentemente dos dois modelos citados, o *big data* não esquece, ele contabiliza, de forma ininterrupta cada ação de cada usuário, podendo seguir ou não lógicas pré-estabelecidas.

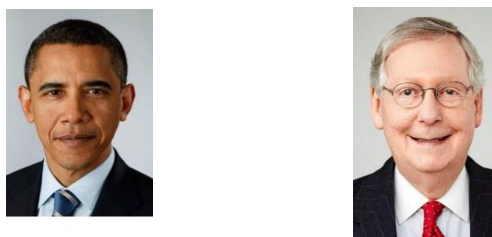
Hoje, cada clique que damos e cada termo que pesquisamos ficam salvos. Cada passo na rede é observado e registrado. Nossa vida é completamente reproduzida na rede digital. Os nossos hábitos digitais proporcionam uma representação muito mais exata de nosso caráter, e de nossa alma, talvez até mais precisa ou mais completa do que a imagem que fazemos de nós mesmos. (HAN, 2018c. p. 85).

Ao que Han (2018c) nos diz sobre esses hábitos digitais serem formadores do que realmente somos, é importante trazermos ao debate alguns casos que se difundiram recentemente sobre opressões ocasionadas na cultura digital e impulsionada pelos algoritmos. Como veremos a seguir, ao que nos parece, os mecanismos algoritmos podem carregar os pré-conceitos já existentes na sociedade.

Em 2020, alguns usuários do *Twitter* relataram que o algoritmo da plataforma poderia indicar um viés racista na pré-visualização de imagens em publicações da rede. Diversos *tweets* contendo duas ou mais pessoas de diferentes classificações raciais resultavam no favorecimento de corpos brancos, como é possível ver nas imagens abaixo. Em uma mesma publicação, o usuário *@bascule* publicou duas fotos contendo o senador americano Mitch Connell e o ex-presidente norteamericano Barack Obama em diferentes lugares no espaço da imagem (figura 2). Nos dois casos, o algoritmo da rede social optou por destacar o homem branco na visualização da plataforma (figura 3).

²⁶ Interessante postular as obras: "O panóptico" (2000) e "Vigiar e Punir" (FOUCAULT, 2011).

Figura 2: Prints das imagens que foram publicadas pelo usuário @bascule em sua conta no *Twitter*.



Fonte: Perfil do *Twitter* do usuário @bascule. Disponível em
<<https://twitter.com/bascule/status/1307440596668182528?s=20>> Acesso em 29/12/2020.

Figura 3: Prints da tela de pré-visualização das imagens publicadas na conta do usuário @bascule no *Twitter*.



Fonte: Perfil do *Twitter* do usuário @bascule. Disponível em
<<https://twitter.com/bascule/status/1307440596668182528?s=20>> Acesso em 29/12/2020.

A ação motivou usuários de diferentes partes do mundo, que se engajaram em testes amadores, isto é, replicando a mesma ideia e metodologia com imagens de outras pessoas – e até mesmo com personagens de desenhos animados, o resultado se perpetuou.

Figura 4: Prints da tela de pré-visualização das imagens publicadas na conta do usuário @_jsimonovski no Twitter.



Fonte: Perfil do *Twitter* do usuário @_jsimonovski. Disponível em

<https://twitter.com/_jsimonovski/status/1307542747197239296?s=20> Acesso em 29/12/2020.

Em todos os casos, a pré-visualização de imagens trazia corpos brancos como destaque, o que levou o *Twitter* a admitir²⁷ que havia problemas nas redes neurais de seu algoritmo. Em seu perfil de comunicação oficial²⁸, a rede social afirmou que havia testado seu modelo de pré-visualização e não havia encontrado nenhum tipo de viés racista ou de gênero, mas reconheceu que era preciso fazer mais análises. Algumas semanas depois, a empresa fez uma publicação em seu blog oficial²⁹ explicando como haviam sido os testes do seu modelo de redes neurais e as mudanças que estavam previstas para torná-lo menos enviesado. Esses

²⁷ AGRAWAL, Parag. This is a very important question. To address it, we did analysis on our model when we shipped it, but needs continuous improvement. Love this public, open, and rigorous test — and eager to learn from this. 19/09/2020. Twitter: @paraga. Disponível em: <https://twitter.com/paraga/status/1307491463639388160?ref_src=twsrc%5Etfw> Acesso em 10/01/2021.

²⁸ TWITTER COMMS. We tested for bias before shipping the model & didn't find evidence of racial or gender bias in our testing. But it's clear that we've got more analysis to do. We'll continue to share what we learn, what actions we take, & will open source it so others can review and replicate. Twitter: @TwitterComms. Disponível em: <<https://twitter.com/TwitterComms/status/1307739940424359936?s=20>> Acesso em 10/01/2021.

²⁹ AGRAWAL, Parag; DAVIS, Dantley. Transparency around image cropping and changes to come. Twitter, 2020. Disponível em: <https://blog.twitter.com/official/en_us/topics/product/2020/transparency-image-cropping.html> Acesso em: 10/01/2021.

casos apontam a profundidade social em que o racismo estrutural atua nas sociedades colonizadas, uma vez que ele se manifesta nas “entranhas políticas e econômicas da sociedade” (ALMEIDA, 2019, p.21).

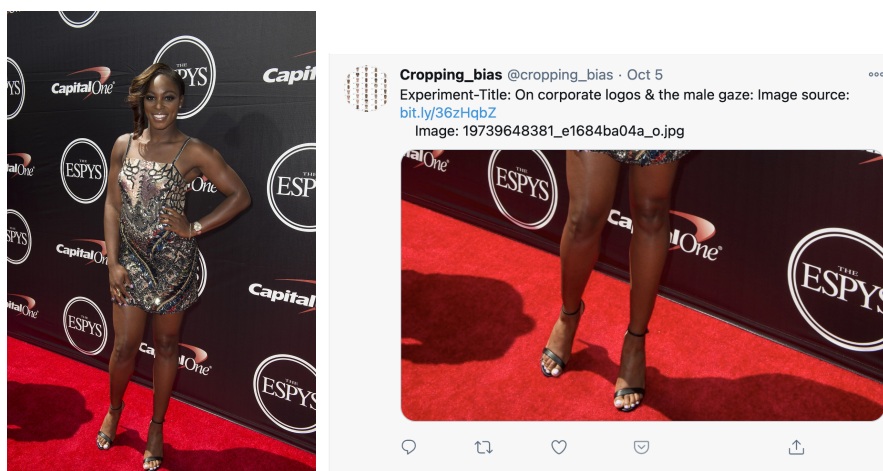
Podemos considerar que nesses casos denunciados por usuários no *Twitter* houve o racismo algorítmico, pautado nos mecanismos de reconhecimento, tais como reconhecimento facial e visão computacional. É importante que, também neste caso, o racismo não representa um comportamento individual, exclusivo de certos sujeitos que se desvinculam de uma ideia de sociedade não racista, mas sim como um componente estrutural dessas sociedades, que perpetua as relações de raça moldadas em seus processos históricos. Não seria diferente, portanto, com as evoluções tecnológicas que carregam consigo os preceitos inscritos na sustentação da sociedade racializada. Assim como Broussard (2018) nos relembra, os algoritmos são produtos e ideias de pessoas que, muitas vezes, acabam incorporando ao código seus vieses inconscientes. Ainda que possa ser de forma não intencional, não devemos ignorar a responsabilidade de quem está por trás dessas produções.

O racismo do algoritmo de redes sociais não é um problema pontual – e não é a única questão opressão existente na plataforma e em seus concorrentes. Ainda no *Twitter*, a pré-visualização de imagens que trazem corpos de mulheres estaria resultando em cortes chamados de “*male gaze*” ou “*olhar masculino*” em tradução livre, segundo alguns usuários. O perfil³⁰ *@cropping_bias*, autor de diversas publicações para evidenciar os problemas na escolha de imagens em pré-visualizações, traz exemplos da objetificação do corpo de mulheres. Na imagem original, vê-se uma mulher negra vestindo um vestido curto de festa e posando para uma foto. Na pré-visualização, é possível ver apenas suas pernas nuas. A violação do corpo feminino faz parte da lógica patriarcal da mulher enquanto objeto (SAFFIOTI, 1987) e sob esse aspecto é pertinente no nosso atual estágio da contemporaneidade notar como as tecnologias acabam aprofundando essas concepções que, por vezes, dão-se como superadas no discurso positivado das novas mídias. Comparamos então o pensamento de hooks (2019) ao falar sobre como a TV poderia operar como construtor cultural e significativo do papel da mulher na sociedade, com as mais recentes técnicas de automatização algorítmica:

A televisão exhibe diariamente histórias de violência masculina, especialmente de violência contra a mulher, glamourizando essa violência. Envolvendo-a em uma atmosfera de entretenimento e erotismo. Que quanto mais violento o personagem mais atenção recebe. (HOOKS, 2019, p. 182).

³⁰ CROPPING BIAS. Página inicial. *Twitter*: *@cropping_bias*. Disponível em: <https://twitter.com/cropping_bias> Acesso em 10/01/2021.

Figura 5: Imagem e print da tela de pré-visualização da imagem publicada na conta @cropping_bias no Twitter.



Fonte: Perfil do *Twitter* da conta @cropping_bias. Disponível em
https://twitter.com/cropping_bias/status/1313244598957871104 Acesso em 29/12/2020.

O *Twitter* não é a única plataforma a carregar preconceitos de gênero e raça embutidos na atuação de seus algoritmos. Essa questão está presente em diversas outras as redes sociais e eventualmente é evidenciada pelos seus próprios usuários que passam a interpretar a caixa-preta de seus mecanismos. Até outubro de 2020, a distribuição de conteúdo do *Instagram* prejudicava pessoas gordas, – a plataforma derrubava publicações de mulheres gordas mostrando parcialmente os seios, sem guardar o mesmo tratamento para corpos tidos como magros. Pelo fato de os corpos serem maiores, o algoritmo entendia a imagem como pornográfica. A mudança aconteceu com a campanha³¹ #iwanttoseenyome (eu quero ver Nyome, em tradução livre do inglês), mobilizando um abaixo-assinado com mais de 22 mil assinaturas organizado pela modelo plus size britânica Nyome Nicholas-Williams. Enquanto todas as mulheres são proibidas de compartilhar mamilos femininos na rede social, apenas as mulheres gordas eram privadas de publicar fotos cobrindo parcialmente os seios.

Verifica-se um cruzamento de opressões, conceito inicialmente teorizado por Kimberlé Creenshaw (2002). Conhecido como interseccionalidade, ele busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação, chamando a atenção para o modo como as desvantagens interagem com vulnerabilidades preexistentes, produzindo agravamento do desempoderamento. Nesse caso, é possível dizer

³¹ INSTAGRAM libera foto de seios femininos em três condições; veja o que muda. Universa - Portal Uol, 2020. Disponível em
<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/10/27/instagram-libera-foto-de-seios-femininos-em-tres-condicoes-veja-politica.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em 19/01/2021.

que houve uma experiência de subordinação interseccional de subinclusão, isto é, quando subgrupos enfrentam uma discriminação que não é percebida como de gênero ou raça porque não faz parte da experiência do grupo dominante.

Apesar de serem plataformas e situações diferentes, todos os casos têm algo em comum: o preconceito algorítmico. O conceito de interseccionalidade criado por Crenshaw (2002) pode ser aplicado também nos exemplos de *male gaze* aqui citados, além de diversos outros casos existentes, seja nas redes sociais ou fora delas. Entretanto, por estarem associados à tecnologia, o senso comum atribui aos algoritmos uma falsa neutralidade, construindo uma ideia de objetividade e até mesmo segurança. Esses casos revelam que os algoritmos são produtos daqueles que os criaram, isto é, modelos matemáticos que irão reproduzir preconceitos, equívocos e vieses humanos, como esclarece O'neil (2020).

Simplificando o funcionamento de algo bastante complexo: algoritmos são treinados para atingir o sucesso; quem define o que é sucesso, entretanto, é o humano em frente à tela. O que acontece, então, é que eles carregam consigo diversos traços anteriores ao seu uso final, e o resultado é a repetição de situações como as aqui citadas – ou até mesmo mais graves, quando os algoritmos são usados para concessões de benefícios sociais, aprovação de empréstimos financeiros ou processos seletivos. Por mais que exista uma imagem de neutralidade, os indivíduos ainda são hierarquizados Couldry (2019), de acordo com sua classe, raça e gênero em relação às infraestruturas globais e às práticas de categorização existentes no mundo digital hoje.

O documentário *Coded Bias* (2020), de Shalini Kantayya, lançado pela *Netflix*, revelou algumas das falhas da inteligência artificial³² (IA) embutida em uma série de dispositivos e softwares. Além das composições enviesadas que essas tecnologias podem apresentar, reforçando elaborações racistas e sexistas, o filme mostra um potencial uso dessas técnicas como ferramentas de vigilância, exemplificando com o uso da I.A. por algumas polícias ao redor do mundo.

³² Usamos o termo inteligência artificial (IA) dentro da cultura digital neste trabalho para tratar sobre a aprendizagem de máquina a partir do acúmulo de dados informacionais. Conceituamos o termo a partir do descrito por Dora Kaufman (2019): A IA é “um campo de conhecimento associado à linguagem e à inteligência, ao raciocínio, à aprendizagem e à resolução de problemas. A IA propicia a simbiose entre humano e a máquina ao acoplar sistemas inteligentes artificiais ao corpo humano (prótese cerebral, braço biônico, células artificiais, joelhos inteligentes e similares) e a interação entre o homem e a máquina como duas ‘espécies’ distintas conectadas (homem-aplicativos, homem-algoritmos de IA). Os estágios de desenvolvimento, bem como as expectativas, variam entre os campos e suas aplicações, que incluem os veículos autônomos, reconhecimento de voz, games, robótica, tradução de linguagem natural, diagnósticos médicos, assim por diante.” (KAUFMAN, 2019, p. 19-20).

O documentário parte da experiência da pesquisadora do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), Joy Buolamwini, que comprovou que alguns sistemas de IA não eram capazes de identificar pessoas negras por reconhecimento facial. A evidência veio da própria pesquisadora, uma vez que seu rosto não era lido pelos softwares utilizados, destacando o caráter político e estrutural que os criadores dessas tecnologias empregaram em suas concepções.

A partir das evidências apresentadas no documentário e outras discussões levantadas, fica claro a preocupação sobre o poder que empresas e governos podem adquirir ao controlarem tamanho volume de dados, que são amplamente difundidos a cada toque em telas de dispositivos digitais. Lendo a partir de uma perspectiva das comunicações, essa esfera de poder algorítmica é também um exercício do poder midiático, ao que Han (2019b) nos conta:

Embora as mídias não se organizem em si como um espaço do poder, múltiplas interações entre mídias e processos de poder são possíveis. As mídias podem ser cobradas pela ação no interior de uma estratégia do poder. Mas podem também operar de maneira desestabilizante para a ordem dominante. Por esse motivo, o poder totalitário procura ocupar os espaços midiáticos. E a formação de uma opinião pública não pode ser pensada separada do desenvolvimento midiático. (HAN, 2019b, p. 142).

Nesse cenário, nos cabe retomar ao conceito de *psicopolítica*, brevemente apresentado anteriormente, revelando um cenário novo de atuação e circulação de poder na sociedade. Se antes o poder poderia afligir esferas externas ao indivíduo, como lugares, economia e econômica, no neoliberalismo - atrelado à capacidade de dataficação - ele (o poder) passa a atuar de maneira mais íntima, na própria psique dos indivíduos.

4.2. Valor e capital da *psicopolítica*

Byung-Chul Han vai desenvolver o conceito de *psicopolítica* ao longo de suas obras para explicar como atuaria uma forma de poder contemporânea, a partir do uso de *big data* e algoritmos. O autor parte dos princípios estabelecidos por Foucault (1999) e Deleuze (1992), argumentando que hoje a biopolítica não cumpre em responder às dinâmicas de poder e controle presentes no corpo social.

O *biopoder*³³ é capaz de controlar os caminhos da vida e criar os estímulos

³³ Na definição de Foucault, o biopoder é "o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder. Em outras palavras, como a sociedade, as sociedades ocidentais

necessários que levam determinada vida ao local desejado de produção. O *biopoder* molda suas forças de produção a fim de organizá-las e cobri-las em determinado momento, é um poder que atua como uma administração da existência dos sujeitos. Ainda que mais refinado que outros poderes anteriores, o *biopoder* se adequa apenas aos fatores externos de controle, como reprodução, saúde e mortalidade, não chegando a invadir a psique dos indivíduos.

Para Han, a transparência e a positividade das esferas de coerção que dominam os campos midiáticos hoje apresentam a *psicopolítica*, que substitui o *biopoder* pelo *psicopoder*. A *psicopolítica* permite de maneira inédita o controle psíquico dos indivíduos por munir-se de uma quantidade vasta de dados capazes de modelar, prever e estimular comportamentos e emoções.

A análise do Big Data dá a conhecer modelos de comportamento que também tornam prognósticos possíveis. No lugar de modelos teóricos hipotéticos, entra uma comparação direta de dados. **A correlação substitui a causalidade**, a questão do por que é assim [Wieso] se torna supérflua em vista do é assim que [Es-ist-so]." (HAN, 2018a, p. 132, grifo nosso)

Com a *psicopolítica* não mais é necessário narrar e elaborar, pois o cálculo apresenta resultados concretos, a "possibilidade de decifrar modelos de comportamento a partir do Big Data enuncia o começo da psicopolítica" (HAN, 2018a, p. 133). Em oposição ao *biopoder*, o *psicopoder* é eficiente por conseguir controlar e influenciar seus indivíduos a partir de dentro, de seus próprios desejos e anseios. Todo debate da coerção vista como liberdade na sociedade do desempenho é o constructo base para que a *psicopolítica* abrace o contemporâneo como um formato eficaz e desconhecido (nebuloso) de dominação e exercício de poder.

Se como o próprio Han (2018a) pontua, "toda nova mídia revela um inconsciente" (p. 132), a *psicopolítica* com os algoritmos e o *big data* mostram talvez o verdadeiro inconsciente presente nas comunicações hoje, isso também porque ainda que sob seus efeitos, não sabemos decifrar integralmente suas nuances e atuações. Podemos ainda traçar uma leitura de um novo mal-estar na civilização a partir da *psicopolítica* e suas técnicas.

Freud (2010) em "O mal-estar na civilização" nos apresenta a hipótese de que as repressões e coerções com as quais os indivíduos são coagidos vão acabar produzindo-os enquanto sujeitos. Esse processo seria perpassado por diversos campos, mas também muito atrelado à cultura e às formas de vida as quais os sujeitos estão dispostos. No entanto, a partir da obra de Han, vemos que a contemporaneidade trabalha muito mais com os reforçamentos positivos do que com as coerções negativas - em suas mais diversas esferas. Nesse cenário,

modernas, a partir do século XVIII, voltaram a levar em conta o fato biológico fundamental de que o ser humano constitui uma espécie humana. É em linhas gerais o que chamo, o que chamei, para lhe dar um nome, de biopoder" (FOUCAULT, 2008, p. 3).

como encarar esses dilemas geradores de mal-estar hoje se eles acabam não caminhando para o campo que os colocariam como sinais de alerta, como barreiras negativas?

A sociedade do desempenho coloca seus sujeitos no lugar da ação de consumir, produzir e comunicar, sem barreiras de tempo e/ou espaço, como já tratamos anteriormente. Nos tornamos cada vez mais agentes produtores de objetos, neste caso, quase já somos dados produtores de mais dados. Essa análise não foge muito ao elaborado por Marx (2004) para descrever o trabalhador no ciclo produção, com uma diferença de que no capitalismo industrial o trabalhador tinha a percepção da exploração, do uso de sua força de trabalho. Além disso, no capitalismo industrial, o trabalhador se via como parte de uma coletividade de trabalhadores - o seu mal-estar não necessariamente está ligado a aspectos individuais de seu desempenho, mas sim a uma perspectiva de outrem.

O sujeito de desempenho, da sociedade de desempenho, como já vimos a partir de Han (2017a), ao se colocar como empreendedor de si mesmo, acaba se culpando por cada falha e fracasso, como consequência individual e não mais coletiva. Esse é um dos artifícios eficazes do controle psicopolítico do capitalismo neoliberal. Além disso, ao serem apresentadas como ferramentas de transparência, diversão e facilitação das atividades sociais, as tecnologias - mais precisamente com os algoritmos e *big data* - manifestam-se de modo que seus usuários não os vejam como barreiras repressivas e coercitivas, mas sim como ferramentas de exercício da liberdade.

O neoliberalismo, como mutação do capitalismo, torna o trabalhador em empreendedor. Não é a revolução comunista, e sim o neoliberalismo que elimina a exploração alheia da classe trabalhadora. Hoje, cada um é um trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa. Cada um é senhor e servo em uma única pessoa. A luta de classes também se transforma em uma luta interior consigo mesmo. [...] O sistema neoliberal não é mais um sistema de classes em sentido estrito. Ele não se constitui por estratos antagônicos da sociedade. É aí que reside a estabilidade do sistema. (HAN, 2018c, p. 14-15)

A lógica capitalista neoliberal nos ativa nas esferas do comunicar o tempo todo, do programar e do produzir, e compreender que as plataformas do universo digital fazem parte dessa lógica é fundamental para entendermos os pressupostos de Gillespie (2018). O autor diz que, baseados no senso comum de neutralidade dos meios, os usuários tendem a estabelecer certo tipo de confiança nos sistemas que utilizam. Esse ponto é um dos marcos do entendimento e funcionamento dos algoritmos, pois quanto menos perceptível maior seria a sua eficácia na *caixa-preta* dos dispositivos. Gillespie ainda nos diz que:

no sentido mais amplo, eles são procedimentos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada, com base em cálculos especificados. Os procedimentos nomeiam um problema e as etapas pelas quais ele deve ser resolvido. Instruções para a navegação podem ser consideradas um algoritmo, ou as fórmulas matemáticas necessárias para prever o movimento de um corpo celeste no céu. [...] Podemos pensar em computadores, então, fundamentalmente, como máquinas de algoritmos – projetadas para armazenar e ler dados, aplicar procedimentos matemáticos a eles de maneira controlada e oferecer novas informações como saída (GILLESPIE, 2014, p. 167).

Em sua recente publicação, *A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar e trabalho e se apropriou de tudo que é visível* (2021), Eugênio Bucci nos apresenta uma ideia de que o artefato novo do capitalismo é justamente a industrialização do imaginário. No pensamento do autor, o capital hoje atua diretamente na constituição subjetiva dos sujeitos, pautados pelo valor do olhar e sobretudo pela vista quantidade de imagens ofertadas.

Nessa mutação em que as relações de produção se transfiguraram a ponto de assumir feições irreconhecíveis, o capital, além de explorar a força de trabalho, aprendeu a explorar o olhar - o capital explora o olhar como trabalho, compra o olhar em função daquilo que o olhar pode ver. [...] O capitalismo se deu conta de que o olhar não é simplesmente um polo receptor das mensagens ou imagens prontas, mas uma força constitutiva de sentido social. É o olhar que fixa os sentidos que as imagens e as logomarcas têm. A ação de olhar, mais do que ver isso ou aquilo, é tecer um sentido para isso e aquilo. (BUCCI, 2021, p. 22).

Para centralizar sua tese de que hoje, sobretudo com as *Big Techs*, existe uma superindústria do imaginário, o autor recorre a algumas ideias da Teoria Psicanalítica, fazendo sempre, é claro, o recorte voltado para contribuições às Ciências da Comunicação. Neste sentido, nos é interessante, assim como o autor realizou, elaborar alguns conceitos que podem nos ajudar a compreender e analisar a manifestação da *psicopolítica* tratada por Han, sobretudo em seu âmbito econômico.

Pela Teoria Psicanalítica³⁴, podemos compreender que o sujeito é dividido, ainda que, de maneira prática, nos seja um tanto estranho entender-nos como seres divididos; o que se

³⁴ Vale aqui ressaltar o uso desses conceitos do mesmo modo que Bucci (2021, p. 294) nos apresenta em seu livro: "Os estudos de comunicação podem e precisam aprender com certas categorias da Teoria Psicanalítica, mas os debates internos dessa teoria não lhe dizem respeito, assim como não lhe é autorizada nenhuma aventura amadorística de 'interpretação' do inconsciente alheio. Adotada essa precaução, o diálogo com a literatura psicanalítica pode ajudar os comunicólogos a entender o funcionamento da comunicação na qual se encontra o sujeito dividido, cujo inconsciente fica exposto. Na verdade, esse diálogo se apresenta como imperioso, pois a Superindústria do Imaginário esbanja expertise sobre a divisão do sujeito e aprendeu a tirar vantagem dela. Logo, se quer saber sobre a Superindústria, o estudioso da comunicação não tem como se eximir de conhecer o essencial do que a psicanálise tem a ensinar".

trata aqui pode ser entendido como a parte em que nós atribuímos a nós mesmos para nos afirmarmos como algo ou alguém, isto é, o campo do imaginário. No pensamento de Jacques Lacan, temos que o Imaginário não se apresenta como isolado, ele vem sempre acompanhado de outros dois componentes: O Real³⁵ e o Simbólico. Esses três componentes formam a tríade lacaniana (SRI), que nunca se separa, e nesse entendimento essas ordens estão presentes em todas as coisas, seres e signos, tudo que existe, só existe nesta tríade.

Para compreendermos melhor esses apontamentos, recorreremos à linguagem. Ferdinand de Saussure (2006) nos elucida a questão do signo dentro da ordem linguística. Para o autor, o signo é o que está presente em todas as línguas, o que acentua a sua arbitrariedade e cria assim a semiologia, que surgiria para explicar os signos no seio social (p. 24). Ele nos conta que “o signo escapa sempre, em certa medida, à vontade individual ou social, estando nisso o seu caráter essencial; é, porém, o que menos aparece à primeira vista” (Saussure, 2006. p. 25). O caráter essencial do signo é a sua própria aleatoriedade, o valor do signo, para Saussure, é uma atribuição coletiva, e seu uso seria dado a partir de um consenso geral, pois “o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um [valor] que seja” (2006, p. 132). Saussure (2006) nos conta ainda que os componentes do signo (significado e significante) não possuem relação. Nessa lógica, o significante é arbitrário em relação ao significado, pois com ele “não tem nenhum laço natural na realidade” (2006, p. 83). Os significantes têm o poder de representar ou significar diferentes coisas que não são elas mesmas. Em sua proposta, Bucci (2021, p. 298) nos apresenta que:

Uma palavra, uma frase, uma letra ou uma sílaba funcionam como significantes. [...] será um significante, na exata e óbvia medida em que pode representar uma ideia. Uma cor pode ser um significante, um elemento gráfico pode ser um significante, um sinal de trânsito é um significante, o contorno de um rosto também. A essa face da linguagem, onde se assentam os significantes, podemos dar o nome de **Simbólico**. (grifo nosso).

Por outro lado, os significados seriam o acordo que fazemos de alguns objetos para atribuir definições. Os significados são “as ideias que fazemos desses objetos, que passam a ser identificáveis e nomeáveis graças à linguagem” (BUCCI, 2021, p. 298) . Nesse sentido e nessa face da linguagem, podemos chamar de *Ordem do Imaginário*, isto é, “onde se assentam os significados” (BUCCI, 2021, p. 298). Nesse jogo, das faces do significante e do

³⁵ Por uma estratégia metodológica, já que na exemplificação nos interessa mais os conceitos de Simbólico e Imaginário, não trataremos sobre o conceito de Real. Mas, para simples observação, nesta tríade, o Real se ocupa pelo que se descola da linguagem, uma ordem que não é tocada pela linguagem.

significado existe um deslizamento, criando uma relação que não é fixa e está aberta a alterações e interpretações.

Para Lacan (1985), há uma distinção entre o que se ouve e o que significa, e essa distinção está na ordem do discurso, sendo assim, o sujeito lacaniano só existe nos deslizamentos dos significantes. O sujeito se constitui nos efeitos de sentido gerados na cadeia significante e no próprio espaço entre um significante e outro. No espaço entre um significante e outro, o sujeito vai buscando sentido para se constituir, e isso faz com que a cadeia significante se movimente: “um significante é o que representa um sujeito para um outro significante” (LACAN, 1988, p. 197).

Somente no deslizamento da cadeia significante os significantes ganham sentido. Isolados, os significantes não possuem sentido, mas no seu desenrolar os sujeitos se instauram. Lacan (1998) também inscreve o significante sobre o significado (S/s), usando a barra para representar o que fica recalcado e ocultado. O significado, que é atribuído, vem então para preencher esse vazio e esse espaço faltoso entre os significantes, criando a produção do sujeito. Lacan (1998, p. 505) ainda vai abordar que a significação não pode ser encerrada, mas que é delineada dentro da cadeia significante, pois ela "fornece uma aproximação: anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis". Com isso, temos a ideia de uma impossibilidade em atingir um significado, pois, pela arbitrariedade, os significantes estão sempre em atuação.

Neste sentido, o Simbólico se tece por meio de uma força ordenadora abstrata - e, logicamente, invisível. Essa força se mostra nas relações entre os significantes, mas seus efeitos vão além dos significantes e até mesmo além da linguagem: ao ordenar as falas das pessoas, ordena as representações de que elas se valem para se expressar, para se comunicar e para se relacionar. Com isso, podemos dizer que os ordenamentos do próprio Simbólico ordenam as relações entre as pessoas, além da linguagem. Indo adiante, podemos dizer que, **no Simbólico, é ordenada a existência social dos indivíduos**, a começar pelo nome que a língua dá a cada um e a cada uma. (BUCCI, 2021, p. 299, grifo nosso).

A partir de Lacan, o sujeito só existirá nos deslizamentos dos significantes - a ordem do discurso e os significados nunca se saciam. O sujeito é significante, da ordem do Simbólico, pois assim encontra seu lugar na linguagem. O deslizamento da cadeia significante é o fruto da própria falta, da carência de significados. O desejo (inconsciente), portanto, é uma eterna busca por esse significante para dar lugar e movimentar a cadeia em

busca de significados, visando suprimir essa falta essencial, que a psicanálise chama de gozo primordial, um resíduo de gozo perdido.

Significante à deriva, o sujeito anda atrás de uma significação, de algo de onde retire o significado que lhe falta. Em sua comunicação (linguagem), é o que busca todo o tempo. Os significados virão pelo caminho, uns grudarão mais, outros menos, e logo o deslizamento recomeça. (BUCCI, 2021, p. 303)

No Imaginário, os sujeitos encontram o significado, mas é um significado imaginário, "que se processa a *mediação* entre o sujeito como significante e o seu significado" (BUCCI, 2021, p. 306). É também no Imaginário que o objeto encontrado pelo sujeito vai se conferir sentido, ainda que imaginário, "a partir de uma *relação simbólica*" (BUCCI, 2021, p. 306).

Esse brevíssimo percurso nas searas da psicanálise, foi empregado para ancorar a ideia de Bucci (2021) ao dizer que a "Superindústria do Imaginário fabrica industrialmente os significados e as mediações que o sujeito consome para colar algum sentido a si e ao que diz" (p. 308).

O capitalismo aprendeu a fabricar, em vez de bens de consumo corpóreos, imagens (signos visuais) e objetos (sígnicos) para o sujeito dividido forjar sua unidade e sua completude imaginárias. Nunca se viu algo assim. Antes, a cultura (por meio das religiões, das associações laborais, do Estado, de uma infinidade de instituições) fornecia esses sentidos sortidos (em discursos, em signos, em marcas), *que não eram mercadoria*. Agora, tudo isso é fabricado industrialmente, só pode ser fabricado industrialmente, e tudo, absolutamente tudo isso, é mercadoria. (BUCCI, 2021, p. 308, grifo do autor).

Nisso podemos dizer também sobre a atuação de ordem econômica da *psicopolítica* de Han, nesse rearranjo que coloca a Superindústria do Imaginário de Bucci como um novo motor de fabricar valor no regime da hiperconexão. Ainda na psicanálise, chamamos de "objeto a^{36} " o objeto faltante, e a grande revolução causada por esse modelo econômico é que ele "se distingue por ter desenvolvido linhas de montagem para *fabricar* e, em seguida, linhas de distribuição para *comercializar* dispositivos que serão reconhecidos no olhar do sujeito como 'objeto a '. Com isto, portanto, em síntese, a Superindústria do Imaginário é "o nome que damos ao monopólio do capital sobre o Imaginário" (BUCCI, 2021, p.310).

Todas essas elucidações trazidas por Bucci (2021), e em outras obras do autor (BUCCI, 2002, 2005), nos dão conta de abrir explicações para entender uma sociedade de consumo que não se restringe apenas à circulação de mercadorias físicas. O capitalismo contemporâneo trabalha para entregar aos sujeitos um objeto dotado de significado, que seja

³⁶ O "a" vem de "*autre*", que em francês seria um "outro", a conceituação dessa terminologia foi desenvolvida ao longo do Seminário 14 de Jacques Lacan.

capaz de domar os seus desejos. Sendo a comunicação digital o meio, o instrumento e o espaço/ambiente - pensemos aqui o ciberespaço, é por ela que o sujeito buscará obter seus signos para satisfazer a busca incessante pelo seu "objeto *a*", seus desejos. Pensemos assim a comunicação digital como a trilha para essa busca que será sempre insaciável, por remeter a uma falta que busca preencher o vazio e criar desejo na Ordem do Imaginário.

Na proposta de Bucci (2021), o capital ganha um novo espaço de compra: o olhar. No espetáculo da indústria cultural, o olhar desempenha uma função economicamente ativa, especialmente devido à abundância de imagens e atribuições de sentidos. Bucci e Venancio (2014, p.272) nos dizem que o olhar é medido em tempo como trabalho, "isso porque o processo de significação não pertence nem ao emissor nem ao receptor, mas ao encontro de um com o outro - fora de ambos, portanto".

À medida que o trabalho do olhar vai atuando, apresenta-se o valor do gozo que vai se constituir da soma do olhar com o trabalho, empregando o olhar social. As imagens que tanto nos rodeiam e são multiplicadas em telas ganham artifícios capazes de nos empregar valor conforme as olhamos, ao passo que também nós empregamos valor a elas conforme as olhamos. Bucci e Venancio (2014, p.144) nos contam que "o valor de gozo não atende a uma necessidade -, diferentemente do valor de uso em Marx, que corresponde a uma necessidade humana - mas a um desejo".

[...] o olhar de uma sociedade - que podemos chamar sem hesitação de olhar social - vai tecendo o mundo visível, mais ou menos como os falantes de uma língua vão criando, à medida que falam, a língua que falam. O modo como vemos os fenômenos, os sentidos que atribuímos a eles, se tristes ou alvissareiros, o modo com que adornamos, escondemos ou descortinamos os corpos, a forma de decorar os túmulos, a carga moral que devoramos a uma cor ou a uma figura geométrica, tudo se consolida, se ordena e se arranja por ação do olhar social. **O olhar não apenas recebe uma paisagem pronta e acabada, mas, conforme olha para ela, conforme a compreende, conforme a compartilha, ajuda a desenhá-la.** Há um trabalho aí. (BUCCI, 2021, p. 383, grifo nosso).

Freud (1905) atribui a função de prazer ao olho. A partir da 'pulsão de ver', o olho não apenas é fonte de visão, mas fonte de prazer. Essa ideia, nos conta Ferreira-Lemos (2014) é de que o olhar é fonte de gozo. Atrelado a essa ideia, e ancorado na base lacaniana, Bucci (2021) nos apresenta que os sujeitos buscam o *valor de gozo* das mercadorias, a partir do trabalho do olhar. Nesse sentido, fica um trabalho a ser pensado pelas comunicações, pois caberiam a elas descrever as fabricações desse valor de gozo nas esferas midiáticas e entender as dinâmicas que as mercadorias, a partir do olhar, ganham como "estepe de 'objeto *a*' o, ou

mesmo como 'objeto *a*' verdadeiro" (BUCCI, 2021, p. 387). Esse valor de gozo é a configuração econômica produzida pela Superindústria do Imaginário.

Em síntese, o valor de gozo é fabricado por duas vertentes que confluem para o mesmo produto. Na primeira, o capital explora o trabalho convencional, cujo valor é alienado aos funcionários diretos da Superindústria, como as equipes de publicidade, da comunicação corporativa, do marketing, do branding, da infraestrutura das mídias digitais, do entretenimento [...]. Na segunda vertente, o capital explora o olhar das massas, que age ativa e objetivamente para cimentar o acoplamento entre o significante visual e o seu significado na grande tela multifacetada do Imaginário [...]. (BUCCI, 2021, 391)

As mídias digitais munem os sujeitos de aparatos tecnológicos de comunicação para efetuarem suas trocas afetivas e simbólicas, e, dentro desses mesmos aparatos, os sujeitos alimentam essa eterna busca de satisfação de tampar o vazio causado pela falta. No regime de hiperconexão, a partir da *psicopolítica*, o capitalismo apenas mudou de código para exercer sua opressão. O momento presente é marcado pela exploração e vigilância do olhar, uma verdadeira exploração dos desejos e do que há de mais íntimo e subjetivo do humano. Os dados alimentados a cada ação no ciberespaço são mercadorias e seus usuários são os usuários. As redes sociais concentram bilhões de trabalhadores que não recebem pelo trabalho investido pelo seu olhar - pelo seu uso - o próprio termo "usuário" parece mais, nessa lógica, significar trabalhador. Seríamos basicamente trabalhadores das mídias digitais, já que:

Numa rede social ou num grande site de busca, o "usuário", que imagina usufruir de um serviço que lhe é ofertado em generosa cortesia, é a mão de obra (gratuita), a matéria-prima (também gratuita) e, por fim, a mercadoria (que será vendida, no todo ou em partes, em esquitejamentos virtuais, e nem desconfia da gravidade disso). **Nunca o capitalismo desenhou um modelo de negócio tão perverso.** (BUCCI, 2021, p. 412, grifo nosso)

Para entender que a acumulação de dados passa a ser uma acumulação de capital gerada pelo olhar, vale trazer à tona o conceito de capitalismo de vigilância. Em sua extensa obra *A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder* (2020), Shoshana Zuboff define o capitalismo de vigilância por meio de oito itens, caracterizando-o como:

1. Uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas; 2. Uma lógica econômica parasítica na qual a produção de

bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamento; 3. Uma funesta mutação do capitalismo marcada por concentrações de riqueza, conhecimento e poder sem precedentes na história da humanidade; 4. A estrutura que serve de base para a economia de vigilância; 5. Uma ameaça tão significativa para a natureza humana no século XXI quanto foi o capitalismo industrial para o mundo natural nos séculos XIX e XX; 6. A origem de um novo poder instrumentário que reivindica domínio sobre a sociedade e apresenta desafios surpreendentes para a democracia de mercado; 7. Um movimento que visa impor uma nova ordem coletiva baseada em certeza total; 8. Uma expropriação de direitos humanos críticos que pode ser mais bem compreendida como um golpe vindo de cima: uma destituição da soberania dos indivíduos. (ZUBOFF, 2020, p. 7).

De maneira geral e sintática, a definição de Zuboff (2020), a partir de uma minuciosa investigação sobre a atuação de empresas do Vale do Silício, apresenta que o que está no capitalismo de vigilância são as possibilidades de exercício de poder sobre comportamentos humanos a partir do vasto acúmulo de dados por empresas e governos. Como a autora nos conta, o "capitalismo de vigilância reivindica de maneira unilateral a experiência humana como matéria-prima gratuita para a tradução em dados comportamentais" (ZUBOFF, 2020, p. 18). Ainda que algumas plataformas e serviços digitais se valham de alguns dados dos usuários para aprimoramento de sua própria experiência, o residual desses dados constitui uma forma de *superávit comportamental* do proprietário, como argumenta a autora. Esse superávit é utilizado para desenvolver conhecimentos nas máquinas, IA e passam a criar predição sobre ações que os usuários poderão tomar em qualquer âmbito de suas vidas.

Os capitalistas de vigilância descobriram que os dados comportamentais mais preditivos provêm da intervenção no jogo de modo a incentivar, persuadir, sintonizar e arrebanhar comportamento em busca de resultados lucrativos. Pressões de natureza competitiva provocaram a mudança, na qual processos de máquina automatizados não só *conhecem* nosso comportamento, como também *moldam* nosso comportamento em escala. Com tal reorientação transformando conhecimento em poder, não basta mais automatizar o fluxo de informação *sobre nós*; a meta agora é nos *automatizar*. Nessa fase da evolução do capitalismo de vigilância, os meios de produção estão subordinados a "meios de modificação comportamental" cada vez mais complexos e abrangentes. Dessa maneira, o capitalismo de vigilância gera uma nova espécie de poder que chamo de *instrumentarismo*. O poder instrumentário conhece e molda o comportamento humano em prol das finalidades de terceiros. Em vez de armamentos e exércitos, ele faz valer sua vontade através do meio automatizado de uma arquitetura computacional cada vez mais ubíqua composta de dispositivos, coisas e espaços "inteligentes" conectados em rede. (ZUBOFF, 2020, p. 19, grifos da autora).

Zuboff (2020) faz um importante esclarecimento sobre a tecnologia e a esfera atual do capitalismo que comumente confundimos. Ela nos conta que o capitalismo de vigilância não

é tecnologia, mas sim "é uma lógica que permeia a tecnologia e a direciona numa ação" (p. 26). Apesar de ser uma prática que não seria possível de ser imaginada sem a tecnologia e o digital, essa a prática desse sistema não se limita às plataformas e usuários das mídias. Essa idéia também tem correlação com o que Bucci (2021) nos apresenta quando o autor nos diz que o mais alto grau de atuação do capitalismo conseguiu sua mutação e ampla disseminação por conta das telas e teias digitais que permitiram o desenvolvimento de fórmulas replicáveis de sedução do sujeito, pois só assim "a captura do olhar só se tornou historicamente possível como atividade econômica" (BUCCI, 2021, p. 25).

Os objetos do capitalismo contemporâneo, ao ganharem o lugar de "objeto *a*" na constituição do sujeito, passam a operar de um modo em que os próprios sujeitos seguirão em uma contínua busca por sua satisfação já que ali existe uma falta e mora, aí, a sua fonte de prazer. Mas seria uma eterna busca, pois sempre existirá esse espaço a ser preenchido por algo faltante. Talvez então, a maior *sacada* do capitalismo neoliberal tenha sido essa: a de operar na ordem constitutiva dos sujeitos, capaz de atuar na subjetividades humana por meio de dados altamente moldáveis e capazes de revelar tudo sobre todos e prever tudo sobre nós na maior exatidão possível: aí reside a *psicopolítica*, atuando de maneira social, política e econômica no regime de hiperconexão. Tudo isso ocorre ao mesmo tempo em que o sujeito opera em uma lógica de desempenho dentro das próprias plataformas, em uma sensação de liberdade sem mediações, como nos esclarece Souza (2003):

São "objetos" que passam a ser fabricados em "mutirão", como produção industrial cada vez maior e com a expectativa de serem também "melhores" que os anteriores, para satisfazerem um determinado ciclo que passa a obedecer às leis do mercado. Mesmo que se prescreva sua produção, essa condição discursiva revela a impotência destes "produtos" de estancarem a hemorragia causada pelo ciclo destas aspirações sempre multiplicadas. (SOUZA, 2003, p. 140).

4.3. Fantasia conectadas

Por atuar na psique dos sujeitos e garantir esse caráter ainda não claro de funcionamento, a *psicopolítica* é uma forma de poder propensa à criação de realidades fantasiosas. Esse aspecto sobretudo ganha força na própria arquitetura das redes de comunicação digital, em que todos dispõem-se em papéis de produtores e consumidores, estimulados constantemente pela própria lógica operacional das plataformas.

Freud em *Escritores criativos e devaneios* (1908) compara o ato de brincar infantil com o fantasiar. Ele justifica que no caso do brincar infantil, a ação é um ato criativo, uma vez que é necessário criar um mundo imaginativo próprio, no qual seja possível ajustar e corrigir elementos. Para Freud, a criança distingue o ato de brincar da realidade, diferenciando o brincar do fantasiar pois “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (1908, p. 81). Na vida adulta, os sujeitos substituem o brincar pelo fantasiar, preenchendo a tela de fantasias, com seus desejos insatisfeitos ou ainda não expressos e, por que não, com seus dispositivos de mídia digital. Wine (1992) chama a fantasia de uma tela sobre o real, pois ela “evidencia também que há algo por trás dela, um vazio, a falta real. Enquanto tela, permite ao sujeito ‘criar’ um objeto no lugar do objeto faltoso” (1992, p. 54), mostrando que todas nossas relações com outros sujeitos e meios são “telas” em que também projetamos nossas fantasias.

Se a fantasia é, assim interpretada, como o espaço de criação de um objeto faltoso, esse objeto faltoso na contemporaneidade é oferecido, sobretudo, pelas grandes corporações e por aplicativos de comunicação digital, e nós, as alimentamos com nossas fantasias. Essa reflexão encontra subsistência quando pensamos no consumo de internet pela sociedade. Além desse ponto de busca por espaços da fantasia, a partir do *big data*, alguns recentes casos nos mostram como esse controle da vida online dos usuários pode moldar diferentes aspectos de suas vidas.

Um bom exemplo contemporâneo e mais debatido foram as eleições presidenciais norte-americanas de 2016. O então candidato à presidência Donald Trump não parecia estar próximo da vitória em nenhuma das pesquisas e expectativas das chamadas mídias tradicionais. No entanto, um verdadeiro exército de seguidores o apoiaram nas redes sociais, criando e elaborando cada vez mais desdobramentos sobre sua forma de governar e fantasiando riscos caso o candidato perdesse.

O caso da *Cambridge Analytica* ganhou destaque mundial após investigações de grandes jornais como o *The Guardian* de 2015³⁷ a 2017, sendo também tema de um filme lançado pela *Netflix* em 2019, o *Privacidade Hackeada*, dirigido por Karim Amer e Jehane Noujaim. Nesse ocorrido, após anúncios de falência do grupo de consultoria especializado em coleta de dados, alguns funcionários vieram a público denunciar que a empresa estaria

³⁷ Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/us-news/2015/dec/11/senator-ted-cruz-president-campaign-facebook-user-data>>
Acesso em 01/08/2022.

aplicando uma técnica de ataques focais aos usuários da rede social *Facebook*. A prática chamada de *microtargeting*³⁸ estava permitindo que uma série de anúncios e notícias falsas fossem encaminhadas diretamente para usuários pré-selecionados com bases em seus históricos de consumo e interação na rede, a fim de mudar sua opinião e convencer a votar em um determinado partido nas eleições presidenciais.

A grande revelação do caso e sua preocupação veio após a publicação do artigo "*How Trump Consultants Exploited the Facebook Data of Millions*"³⁹, publicado em conjunto pelos jornais *The New York Times*, *The Observer* e *The Guardian*. Nele, a jornalista responsável revelou como a empresa atuou na mineração de dados de usuários do *Facebook* para mudar os rumos das eleições norte-americanas de 2016. Outros estudos também mostraram a atuação da *Cambridge Analytica* na votação do *Brexit*⁴⁰ no Reino Unido. Esses casos apresentados aqui apenas como exemplos foram chaves para entender como um domínio de vigilância *psicopolítica* a partir de algoritmos e *big data* poderia mudar o rumo da democracia em todo um território, criando um espaço fantasioso e vertiginoso da realidade na cultura digital.

Keen (2012) desenvolve uma tese sobre as redes sociais, elucidando pensamentos de que elas estariam causando uma forma de vertigem nos usuários. A vertigem, por definição, seria um "estado mórbido em que a pessoa tem a impressão de que tudo lhe gira em torno, ou de que ele próprio está girando; tontura, tonteira" (FERREIRA, 1993, p. 565), sendo um propenso espaço para fantasias. Essa vertigem em um regime de hiperconexão acentua-se pela sensação de desorientação causada pela enxurrada ininterrupta de notificações e estímulos provocados pelas tecnologias digitais. Keen (2012) também alerta para processo autodestrutivo, em âmbito coletivo, que essa prática social *online* pode trazer, uma vez que quando os usuários estão conectados na internet, sentem que estão libertos de amarras, podendo se passar por perfis diferentes daqueles que lhes são empregados na "vida real", sentem que estão exercendo sua mais profunda liberdade.

³⁸ Utilizamos a prática de *microtargeting* exemplificada por Jonathan Heawood (2018, p. 430-431) como uma técnica que foi possível porque os próprios usuários de mídias e redes sociais fornecem, de modo voluntário, uma vasta quantidade de informações pessoais. Com isso, as plataformas de mídia digital vendem esse banco de dados a empresas de publicidade, prometendo atingir o *target* específico por meio de campanhas de marketing segmentado. O autor revela que as plataformas rastreiam seus usuários não só por meio de compras *online*, mas também pelas suas preferências políticas e sexuais, isso permite a construção de perfis altamente elaborados a partir de milhares de correlações de dados cruzados.

³⁹ Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2018/03/17/us/politics/cambridge-analytica-trump-campaign.html>> > Acesso em 01/08/2022.

⁴⁰ Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/technology/2017/may/07/the-great-british-brexit-robbery-hijacked-democracy>> > Acesso em 01/08/2022.

Nas eleições presidenciais brasileiras de 2018 os eleitores também experienciaram práticas antes pouco abrangentes no cenário político. Com as esferas da comunicação digital mais expandidas, de forma quase natural expandiu-se também as capacidades de contaminação potencial presentes nelas, o *shitstorm* de Han (2019a). A estratégia de excesso de informações e bombardeio de notícias nas redes sociais criou uma nuvem cinza sobre os debates online a fim de deixar os usuários desamparados e em dúvida.

Difusão de mentiras camufladas como notícias, vídeos que tentam desmentir publicações negativas da imprensa, desconfiança das pesquisas e falsos apoios de celebridades à candidatura Jair Bolsonaro. Assim funcionam no aplicativo de mensagens WhatsApp uma amostra de grupos públicos de eleitores do presidencial do PSL. Nas últimas três semanas, a reportagem do EL PAÍS se inscreveu em três desses grupos – juntos, eles publicam mais de 1.000 mensagens ao dia. Em dois deles a presença de fake news é mais evidente e forte do que em outro, mas em todos o discurso é o de que é preciso usar a plataforma, de uso massivo em todas as faixas de renda no país e de difícil monitoramento, para combater a "grande mídia tendenciosa" e ajudar na disseminação das mensagens⁴¹. (EL PAÍS, 2018).

No mesmo ano, 2018, o cientista político Miguel Lago escreveu à *Revista Piauí* que o presidente eleito nas eleições brasileiras [Jair Bolsonaro] será o primeiro, no mundo da hiper-história. Lago ressalta o caráter de desinformação permitido pela hiperconexão, intimamente ligada à quantidade de estímulos da internet. Para ele, essas qualidades conferiram a possibilidade da eleição de um candidato de extrema direita:

A arquitetura das redes sociais está desenhada de modo a privilegiar ora postagens que atraiam um grande número de interações imediatas, no caso do Facebook, ora peças de (des)informação que possam ser consumidas rapidamente e que estimulem a necessidade imediata de encaminhamento para um grande número de pessoas, como ocorre com o WhatsApp. Logo, as redes estimulam estruturalmente o sensacionalismo, os boatos, as notícias falsas, as frases de efeito, as teorias da conspiração⁴². (REVISTA PIAUÍ, 2018).

Esses casos nos revelam o poder midiático que as plataformas apresentam, em que sua eficiência se garante exatamente por estar no campo subjetivo, inconsciente e, por vezes, oculto aos usuários. A coerção, vista como liberdade, atrelada aos perfeitos moldes de uma vasta quantidade de dados, permite que a *psicopolítica* crie uma comunicação digital quase exclusiva, em que seus usuários se sentem únicos e autênticos, mas é esse mesmo artifício

⁴¹ Trecho retirado de: El País. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html> Acesso em 19/11/2018.

⁴² Trecho retirado de Revista Piauí. Disponível em <<https://piaui.folha.uol.com.br/bolsonaro-traz-o-futuro-prometido>> Acesso em 19/11/2018.

que faz a comunicação digital expulsar o outro, aniquilar o destoante e replicar apenas o que é igual e calculável. Isso nos revela os motivos de os casos das eleições nos EUA e no Brasil terem dado certo no que se diz respeito à modulação de usuários, já que cada vez mais as informações eram repassadas e reproduzidas a fim de tornar o *feed* um espaço único com uma só voz.

4.4. Eliminando distâncias

As queixas sobre o cansaço nas interações e nas trocas podem ser lidas tanto como um efeito da aceleração social do tempo quanto como uma resultante do próprio modelo comunicativo disponível no regime de hiperconexão. Han em algumas de suas obras, mas sobretudo em *A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje* (2022), argumenta que o cansaço que paira as esferas do comunicar contemporâneo é resultado de um *terror do igual*, já que a eliminação do diferente e do estrangeiro criaria um espaço em que se perpetua apenas o familiar e o conhecido, apenas o igual e o semelhante.

O modelo econômico da *psicopolítica* prioriza o igual, evita qualquer tipo de desconforto e incômodo, pois é um modo de geração de lucro e fabricação de valor. O incômodo também é gerado pela ausência de dor, que é evitada e eliminada. A dor passa a ser combatida por ser um artifício capaz de pausar o fluxo - elaborar uma reflexão ou tempo de descanso. "O inferno do igual é uma zona de bem-estar paliativa. A dor é expulsa dela, pois perturba a circulação de comunicação que deve ser acelerada" (HAN, 2021c, p. 73), eliminamos a dor por ela ser um risco ao tempo de produção e passamos a conviver com a angústia, pois ela pode ser bem empregada na própria circulação de valor da comunicação digital.

Hoje, muitos são afligidos por angústias difusas, angústia de falhar, angústia de fracassar, angústia de se tornar dependente, angústia de cometer um erro ou de tomar uma decisão errada, angústia de não satisfazer as próprias expectativas. Essa angústia se fortalece por meio de uma constante comparação com o outro. Ela é uma angústia lateral, em oposição àquela angústia vertical, que desperta diante do inteiramente outro, do infamiliar, do nada. Vivemos, hoje, em um sistema neoliberal que desmonta estruturas temporais estáveis. fragmenta o tempo de vida e faz com que o vinculante [Bindende], o vinculativo [Verbindlich] se desfça, a fim de aumentar a produtividade. Essa política neoliberal do tempo produz angústia e insegurança. E o neoliberalismo separa seres humanos em empreendedores de si mesmo isolados. *A angústia aumenta a produtividade*. (HAN, 2022, p.

59-60, grifo do autor).

A dor é eliminada porque ela pode revelar uma falha, o que não mais se apresenta como uma possibilidade, já que nossas ações são contabilizadas e elaboradas por máquinas mais rápidas que qualquer mente humana, priorizadas justamente por evitar a falha, que é tida como um aspecto humano. A *psicopolítica* munida de algoritmos e *big data* não permite o campo interpretativo da dor, ela é objetiva - carregando um véu de neutralidade e exatidão por se pautar em cálculo. O cálculo, no entanto, só permite a elaboração do igual e do conhecido - o desconhecido é tido como dor, como pausa de produção. Ainda que a dor seja uma ponte capaz de nos ligar ao novo e ao outro, a eliminamos pelas próprias características dos espaços sociais digitais que ocupamos. "A comunicação atinge a sua maior velocidade lá, onde o igual encontra o igual. O *like* a acelera. A dor, em contrapartida, atua contra ele. A dor tem uma *inclinação a calar*, que, porém, permite que algo inteiramente outro aconteça" (HAN, 2021c, p. 73).

A eliminação da distância, característica da comunicação digital e acentuada pelos fluxos de capital atuais, é uma ferramenta eficaz para evitar a dor e eliminar o outro. A distância é o espaço que permite a percepção do outro, o conhecimento do outro e do diferente. O digital nos apresenta quase como um *não lugar* (AUGÉ, 2012), ele é ubíquo. O regime da hiperconexão se desenvolve a fim de extirpar as distâncias de tempo e espaço. No digital tudo pode ser todo lugar e todo tempo pode ser o agora. Essas habilidades são hoje capazes de serem interpretadas como um modelo de organização e não apenas como uma verdade universal. O modelo econômico neoliberal caminha para a ubiquidade das redes e da comunicação, pois assim é possível eliminar todas as barreiras da fabricação e circulação de valor. É um método eficaz de vigilância, controle e dominação a partir de tecnologias que estão acompanhando os indivíduos em todos os lugares.

A comunicação digital como nova forma de comunicação desfaz rigorosamente toda distância, a fim de se acelerar. Toda distância protetora é, assim, perdida. Na hipercomunicação, tudo se mistura com tudo. Também se tornam cada vez mais permeáveis as fronteiras entre interior e exterior. Somos, hoje, inteiramente exteriorizadas em uma "pura superfície", que está exposta aos "raios incidentes de todas as redes". (HAN, 2022, p. 62-63).

É interessante pensar no que Han (2022) nos postula, retratando a própria ideia da formação da angústia característica do regime de hiperconexão. A partir da eliminação do outro, permanece apenas o igual - o eu -, e as redes favorecem uma grande auto exibição, garantida pelo artifício da liberdade e potencializada pelo ideal de desempenho. Mas ao

retirar o outro, sobra apenas a superfície exposta do eu, que não encontra com nada além de si mesmo.

As mídias eletrônicas antes do digital, como a televisão, se apresentavam como passagens e janelas de um mundo, em que os espectadores poderiam observar e interagir, mas ainda numa esfera exterior. Bucci (2021) nos conta que o não lugar do digital tornou-se mais ubíquo e instantâneo, as imagens do digital se apresentam como reais e abundantes, de modo que esses não lugares ressaltam a propagação de si mesmo, sempre em um mesmo tempo e em todos os lugares, talvez esteja nesse sentido a ubiquidade do eu no regime de hiperconexão.

Ocupar dois ou mais lugares ao mesmo tempo, como propõe a ideia de ubiquidade, nos é possível pois consideramos o regime de hiperconexão como tendo uma categoria espacial diferente das demais. Como nos conta Santaella (2021), o ciberespaço é o ambiente de comunicação interativo que vem sendo até hoje modelado pelas nossas interações com dispositivos digitais. A ideia de separação de mundo que o termo ciberespaço carregou tem indícios nas próprias práticas existentes para a conexão há pouco mais de duas décadas atrás.

Conectar-se à internet era um ritual, um processo ao qual, diga-se de passagem, em seus primeiros anos, poucas pessoas e instituições tinham acesso. O ato de sentar-se, equilibrar-se frente a um computador, conectado a cabos que assim levariam o fluxo a uma tela era uma forma quase de "sair da realidade" e entrar em uma "virtualidade". Eu cresci escutando o termo "navegar na internet" ou "surfar na internet", essa própria separação espacial nos dava a sensação de habitar um outro mundo, diferente do que temos ao redor, nesse contexto, era de certa forma imaginável um ciberespaço delimitado.

Essa configuração começa a se alterar com a disseminação e acentuação de dispositivos móveis de mídia digital conectados à internet, sobretudo na sua massificação na última década. Se apenas a um toque temos acesso direto a qualquer objeto, pessoa ou informação pelos nossos *smartphones*, *smartwatches*, *IoT*, não estaríamos o tempo todo vivendo e vivenciando o ciberespaço? Essa realidade presente hoje nos ajuda a pensar não mais um virtual distante do real, mas sim um virtual que exista dentro da realidade e vice-versa.

A emergência das mídias móveis dotadas de conexão aboliu os rituais, instaurou a hipermobilidade e dissipou a dicotomia entre real e virtual, uma dicotomia cartesianamente ainda renitente, mesmo diante da evidência de que, em qualquer lugar e em qualquer momento, no movimento dos afazeres cotidianos, a entrada e a saída do ciberespaço tornou-se ato corriqueiro e imperceptível. (SANTAELLA, 2021, p.127).

O ciberespaço como o lugar da hiperconexão é um espaço onde o eu parece não precisar de amarras da "realidade", ressaltado pela liberdade coercitiva, todos falam o tempo todo e em todo o lugar. Em qualquer momento em que atualizamos um *feed* de alguma de nossas redes sociais haverá alguém falando, se manifestando, buscando falar. O regime da hiperconexão abre espaço a uma hipercomunicação, que rompe o limiar de escuta do outro. Em um universo de barulho, fica difícil ouvir.

Hoje nos entregamos inteiramente a uma comunicação sem limites. Somos praticamente atordoados pela hipercomunicação digital. Barulheira da comunicação não nos faz, porém, menos solitários. Ela, talvez, nos torna ainda mais solitários do que *barreiras linguísticas*. Além da barreira linguística, há sempre um tu. Ela preserva ainda a *proximidade da distância*. A hipercomunicação, em contrapartida, destrói tanto o tu como também a proximidade. *Relações* são substituídas por *conexões*. A ausência de distância suprime a proximidade. *Dois silêncios de boca cheia* poderiam conter mais proximidade, mais linguagem do que a hipercomunicação. O silêncio é linguagem; a barulheira da comunicação, em contrapartida, não é. (HAN, 2022, p. 66, grifo do autor).

Nos parece, então, que esse barulho de mistura com o curto espaço entre os usuários sentem estar dos outros usuários no digital. A proximidade faz com que o volume fique mais alto, porém um volume muito alto faz com que não percebamos mais os sons ao redor e dos outros. É como um fone de ouvido ligado a uma música alta, tampando todo o ruído externo.

4.5. Menos toque, mais *touch*: uma crise atual

De novo, crise é uma palavra que de certa forma marca nossa experiência na contemporaneidade. Diante de inúmeras associações e diferenciações que o termo pode recorrer, ele também se mostra interessante para elucidar algumas questões que por vezes se apresentam como urgentes. Uma era de crises políticas, estéticas, econômicas, ambientais e sanitárias, que - agora sim fruto desse momento histórico - são todas atravessadas de maneira até então inédita pelas mídias digitais. As crises do Século XXI são digitalizadas, digitais e, também, *digitalizantes*.

Neste sentido, podemos observar que surge também uma crise da ordem dos sentidos, uma crise sensorial, já que diante da infinitude de possibilidades ofertadas por dispositivos digitais, vemos nossos sentidos sendo configurados e reconfigurados, marcando as

adaptações características da experiência humana. Dentre os sentidos mais impactados, buscamos tratar neste trabalho as implicações da visão e do tato, que em certas experiências em mídia digital parecem entrar em uma perfeita sinestesia de prazer mediatizado. As telas marcam a ponte que separa o sujeito de seu objeto de prazer, não como um instrumento de distanciamento, mas como um artefato de proximidade. O toque é continuamente substituído pelo *touch*, alimentado pelo olhar cada vez mais excitado por um *feed* interminável.

Como Han (2022) nos esclarece: "eu me toco, eu me percebo, porém, apenas por meio do toque do outro. O outro é constitutivo para a formação de um si estável" (p. 44). A eliminação do outro e do estrangeiro acentuada pelo regime da hiperconexão cria novas dificuldades para a própria constituição do sujeito contemporâneo. O espelhamento constante nas mídias digitais leva à erosão, rompendo o prazer e o caráter erótico, usando a mesma analogia que Byung-Chul Han (2022) usa em sua obra. Neste espelhamento constante do eu, sobra apenas o pornográfico. Resta o que pode ser reproduzido, quantificado, difundido em um ritmo de produção, seguindo a lógica de valor de mercado.

A comunicação contemporânea no regime da hiperconexão é uma comunicação do eu e das telas, capaz de gerar o mais alto grau de potencialidade e performance aos seus agentes. Essas funções nos passam a ideia de facilidade da comunicação, que neste caso pode ser encarada como a positividade a que Han nos apresenta como a totalidade dos tempos atuais. Mostra-se tão fácil a ideia de comunicar no ciberespaço, já que estamos o tempo todo conectados, que isso é feito o tempo todo e estimulado o tempo todo.

A novidade da abundância da comunicação hiperconectada é a capacidade de transformar seus agentes produtores de comunicação em operários das plataformas de comunicação digital. A extinção e a eliminação de tudo que rompe o comunicar é nociva ao capital e às práticas sociais vigentes, a frase "quem não é visto não é lembrado" é máxima no regime da hiperconexão. Na falta do toque, melhor seria "quem não desliza os dedos sobre a tela não existe".

Se a comunicação atual é cada vez mais descorporificada, é fruto também do caminho evolutivo que a sociedade impôs em suas técnicas. O capitalismo neoliberal e suas dinâmicas operam de modo a dificultar cada vez mais os encontros físicos tradicionais. Muito antes de uma pandemia que nos obrigasse ao isolamento, já convivemos com as facilidades apresentadas pelo *touch*, por esse modo de vida em que podemos estar, sem estar presente fisicamente; podemos ser, sem, de fato, corporificar algo.

A ordem digital efetua uma crescente descorporificação do mundo. Hoje, há cada vez menos comunicação de corpos. Ela também desfaz contracorpos ao tomar das coisas seu peso material, sua massa, seu peso próprio, sua vida própria, seu tempo próprio e torná-os disponíveis e a qualquer momento. [...] Tudo pede hoje por *like*. (HAN, 2022, p. 75).

A disponibilidade infinita que o regime da hiperconexão causa aos seus usuários é um combustível para a sua própria operação. Estamos todos dentro de uma lógica de vigilância, fabricando dados o tempo todo, que a cada *click* vai se modelando para satisfazer nossos usos e nos manter mais imersos nas plataformas. Os dados vão se tornando cada vez mais a nossa forma de registrar a vida contemporânea, um registro não feito por nós, mas pelas companhias que regem as plataformas às quais estamos conectados.

A crise pela falta do toque, que pode ser vista como uma falta do outro, chega a ser paradoxal, já que temos a ilusão de estarmos muito próximos de todos nas mídias digitais. Parigi e Henson (2014) se baseiam no termo “*alone together*” para exemplificar como a tecnologia impede a profundidade dos relacionamentos entre os sujeitos. Suas pesquisas mostraram que as pessoas encontram companhia facilmente, mas estão exaustas pelas pressões do desempenho (PARIGI; HENSEN, 2014, p. 161), ressaltando a ideia do cansaço contemporâneo por conta do ideal de desempenho já analisado por Han (2017a, 2017b). Os meios digitais facilitam também a sensação de saber tudo que se passa na vida do outro, o que está relacionado ao medo de perder algo, ou em termos mais contemporâneos em FOMO. Ganesini e Birghi (2015, p. 32) argumentam que hoje podemos estar cientes do que acontece na vida de outras pessoas sem nem precisar interagir com elas, o que cria uma relação unilateral de interação capaz de criar sentimentos de exclusão e inferioridade, em que podemos mais uma vez, neste caso, fantasiar não somente sobre o eu, mas também sobre o outro.

Johann Hari (2018) em seu livro *Lost Connections: Uncovering the real causes of depression*, argumenta que os casos de depressão e ansiedade são mais comuns em pessoas que mantêm menos vínculos sociais. É como se esses sentimentos patológicos estivessem mais presentes em pessoas com menos conexões com outras pessoas - o que nos faz questionar sobre o paradoxo das conexões virtuais. Hari (2018, p. 73) comenta que a solidão paira sobre nossa cultura hoje como uma poluição e argumenta se esse sentimento pode estar relacionado com o crescente número de casos de depressão e ansiedade. Para responder à questão, ele contata pesquisadores que há décadas estão se debruçando sobre a temática. Um deles é o pesquisador John Cacioppo, que após uma pesquisa feita com 135 pessoas, identificadas como muito solitárias, destacou que elas também eram ansiosas, tinham baixa

autoestima e apresentavam inseguranças para convivência em grupo. O estudo foi chave para entender que a solidão não era simplesmente o resultado da depressão, mas que poderia levar a indícios depressivos: “A solidão, concluiu ele, está causando uma quantidade significativa de depressão e ansiedade em nossa sociedade” (HARI, 2018, p. 77). Associada à solidão, surge o cansaço diante da superexposição com os meios digitais, o que Han (2017a) observa ser um impedor de estabelecimentos de relações mais intensas.

Ao passo que também não nos cabe demonizar os avanços tecnológicos que as mídias digitais nos proporcionam, como bem ressalta Santaella (2021). A predominância do *touch*, em lugar ao toque, representa talvez a nossa nova configuração social, mostrando uma nova *cara* da comunicação. Nos é evidente as facilidades e possibilidades de contato que a disseminação da comunicação digital nos trouxeram, especialmente nesses últimos dois anos marcados pela pandemia do COVID-19. *Lives*, *calls* e circulação de informações por aplicativos mensageiros tornam-se comuns na nossa vida cotidiana, configurando novas formas de ser e estar no mundo.

Em um jogo sensorial, tomamos a falta de toque também como um sintoma da falta de escuta. Apesar de se tratar de sentidos diferentes, neste âmbito da crítica proposta, caminham para um mesmo efeito nas comunicações. Han (2022) defende que no futuro haverá uma profissão de *escutador*, em que os sujeitos pagarão para serem escutados. Para ele, perdemos cada vez mais nossa capacidade de escuta por conta do foco crescente no ego e da *narcisificação* da sociedade.

A habilidade da escuta implica em um espaço para tal ação, implica em reconhecer o outro em sua alteridade e abrir espaço em sua própria esfera para ser adentrado pelo outro. Han (2022) diz que o escutar é um presentear o outro, no sentido de ofertar algo, dedicar-se sobre, além disso o escutar vem antes do falar, pois precede o reconhecimento do outro.

Em certo sentido, o escutar antecede a fala. Só o escutar traz o outro à fala. Eu já escuto antes que o outro fale. O escutar convida o outro a falar, liberta-o em sua alteridade. O escutador é um espaço de ressonância no qual o outro *fala livremente*. Assim, o escutar pode ser curativo. (HAN, 2022, p.124, grifo do autor).

O *shitstorm* das mídias digitais, o qual já tratamos anteriormente, não possui uma voz capaz de ser escutada. Compartilhamos mensagens em redes sociais, mas muitas vezes elas não chegam a ser direcionadas a um outro escutador. Elas são por vezes manifestações

narcísicas que fecham o circuito da discussão, gerando apenas espaço para uma dissolução de afetos. Esse *shitstorm* não constitui nenhuma esfera pública, como relembra Han (2022):

A comunicação digital me conecta, mas me isola ao mesmo tempo. Ela aniquila, de fato, a distância, mas a ausência de distância não produz ainda uma proximidade pessoal. [...] Sem a presença do outro, a comunicação se degrada em uma troca acelerada de informações. Ela não produz uma *relação*, mas sim apenas *conexão*. Ela é uma comunicação sem *vizinho*, sem nenhuma *proximidade* avizinhada. Escutar significa algo completamente diferente de troca de informações. (HAN, 2022, p. 129-130, grifos do autor).

A comunicação sem a escuta não é capaz de constituir uma comunidade, pois isso é impossível "sem vizinhança, sem escuta" (HAN, 2022, p. 130). A falta de comunidade caminha para a solidão e para o artifício neoliberal de culpabilização individual. Sem comunidade, o sofrimento é privatizado e individualizado. Também é fruto do neoliberalismo sem comunidade o impedimento da politização, que seria capaz de ocorrer em um espaço comunitário. "A politização significa a tradução do privado no público. Hoje, se dissolve, antes, o público no privado. A esfera pública se decompõe em espaços privados" (HAN, 2022, p. 131).

Não só uma crise da aceleração do tempo assola a sociedade no regime da hiperconexão, mas também uma totalização do tempo do si, como postula Han (2022). Impossibilitado de desempenhar no tempo do outro, o sujeito ligado aos seus dispositivos cria cada vez mais um tempo do si, com a falsa sensação de controle, capaz de permitir o dosar de cada usuário. Bloquear alguém, silenciar alguém, dar *unfollow*, o neoliberalismo extingue o tempo do outro, sacando-lhe o toque e o ouvir.

Alter (2018) chega a falar em uma crise de empatia que os sistemas tecnológicos digitais de comunicação estariam nos levando - "uma análise de 72 estudos revelou que, de 1979 a 2009, a empatia vem diminuindo entre alunos de faculdade. Eles exibem uma probabilidade menor de assumir a perspectiva alheia e mostram menos preocupação com os outros. O problema é grave entre os meninos, mas é pior entre as meninas. Segundo um estudo, uma em cada três adolescentes diz que pessoas da sua idade são quase sempre cruéis com as outras nas redes sociais. O mesmo se dá para um em cada onze meninos entre doze e treze e um em seis com idade entre quatorze e dezessete anos" (ALTER, 2018, p. 39)

Como Bridle (2019) justifica sobre a importância da alfabetização sobre a tecnologia, é cada vez mais necessário pensar as novas tecnologias de outros modos e criticá-las, pois "se não entendemos como as tecnologias complexas funcionam, como os sistemas tecnológicos se interconectam e como os sistemas de sistemas interagem, ficamos impotentes dentro

desses sistemas, e o potencial que eles têm é aprisionado de maneira ainda mais fácil pelas elites" (BRIDLE, 2019, p. 11). Bridle propõe uma reformulação no que aprendemos com e sobre a tecnologia, mostrando que é importante entendê-las, conhecer suas origens, seus limites e manipulá-las.

[...] se a filosofia é aquela fração do pensamento humano que lida com o que a ciência não pode explicar, então a alfabetização em sistemas é o pensamento que lida com um mundo que não é computável, embora reconheça que ele é irrevogavelmente moldado e animado pela computação (BRIDLE, 2019, p. 11-12).

Assim como Lipovetsky e Serroy bem pontuam:

[...] as telas não são responsáveis pelo grau de cultura ou de incultura que veiculam. É a utilização que se faz delas que está em pauta. Ignorá-las equivale a desligar-se do mundo tal qual como ele é, quando elas podem ser, por uma política que as otimize, um meio privilegiado de enriquecer os indivíduos e civilizar a *cultura mundo*. (2011, p. 184).

O caminho hoje das comunicações é encarar a dimensão do cansaço e do desempenho característico das próprias engrenagens das plataformas e dispositivos de comunicação digital. Não se apresenta como efetivo relutar aos avanços tecnológicos, mas sim encarar as dimensões do humano nos processos tecnológicos. Inserir os dilemas da humanidade dentro dos dilemas do digital, a partir e com o *touch*, para encarar o regime de hiperconexão como um atravessamento do sujeito contemporâneo, todos somos hoje sujeitos hiperconectados de alguma maneira.

5. Considerações finais

*"Pane no sistema
Alguém me desconfigurou
Aonde estão meus olhos de robô?
Eu não sabia, eu não tinha percebido
Eu sempre achei que era vivo*

*Parafuso e fluído em lugar de articulação
Até achava que aqui batia um coração
Nada é orgânico, é tudo programado
E eu achando que tinha me libertado."*

(Trecho da canção *Admirável chip novo*, de Pitty, 2003)⁴³

A partir de tudo que foi discutido e abordado neste trabalho, nos parece familiar a constatação da música acima "pane no sistema, alguém me desconfigurou". A desconfiguração, na verdade, é apresentada como uma nova configuração das nossas formas de ser e estar na contemporaneidade, construindo o que hoje entendemos como a nossa vida contemporânea e nossas interações com os meios de comunicação digital.

Traçamos um caminho teórico sobre o objeto dessa pesquisa, a hiperconexão, buscando articular diferentes conceitos e teóricos pertinentes, para elucidar como esse próprio objeto se dissemina e abrange a comunicação como um regime, criando suas próprias metodologias, formatos e dinâmicas. Dinâmicas essas que, como vimos, são relativamente novas e passíveis de serem estudadas e abordadas por diferentes aspectos.

A hiperconexão, vista como uma forma de encarar as interações com o que chamamos de digital hoje, nos foi feita a partir da obra de diferentes autores, muitos deles contemporâneos, e, sobretudo, pela obra de Byung-Chul Han. Essa decisão foi estratégica, tanto no que se diz respeito à diversidade possivelmente integrada que essa visão poderia trazer, quanto pelo fato de entendermos que as discussões dessa temática são pontos emergentes nos estudos das comunicações, para permitir o contato com autores que seguem neste momento produzindo, pensando e repensando o presente.

Apesar de ser radicado na Europa e pautar-se basicamente em autores europeus, a contribuição de Byung-Chul Han, devido também à sua origem sul-coreana e suas práticas filosóficas que se integram com os pensamentos não ocidentais, traz um olhar que nos ajuda a pensar e a criar perguntas para a compreensão do nosso momento histórico. A construção do

⁴³ Descobrimos que a referência a essa canção dentro da temática das esferas do digital não é inédita, e já que nos pareceu interessante por também dialogar com a bibliografia de Byung-Chul Han, apontamos que o pesquisador Alexandre Patricio de Almeida (2022) também a utilizou como epígrafe e eixo de discussão em seu artigo intitulado "O superego arcaico, as redes sociais e sua relação com o *burnout* na era do cansaço: revisitando Melanie Klein", publicado no *Jornal de Psicanálise*, 55 (102), 105-123.

indivíduo à mercê da sociedade do desempenho que o autor apresenta nos ajuda a entender o nosso modelo de vida hoje, assim como suas referências e interpretações.

Partimos de algumas perguntas-chave que buscaram contextualizar de modo teórico e contemporâneo a dimensão da hiperconexão nas comunicações e, conseqüentemente, na vida dos sujeitos. Encontramos ainda caminhos mais amplos que merecem mais estudos posteriores, além de termos entendido a dinamicidade da temática, sobretudo nos últimos dois anos frente à pandemia do COVID-19.

A começar pelo objetivo geral de traçar um exame sobre o presente do digital e das comunicações a partir da leitura crítica da obra de Byung-Chul Han publicada no Brasil de 2017 a 2022. Situando Han como um ponto teórico principal, ao longo do trabalho buscamos estabelecer uma série de correlações, assim como encarar de modo crítico o contemporâneo. Localizamos a crise que ronda o sujeito contemporâneo e o coloca como senhor e algoz de si mesmo, pautado em uma lógica neoliberal de performance. Vimos que a própria organização da sociedade contemporânea leva o sujeito a esse cenário, privando-o de tudo que é negativo ou estrangeiro.

A leitura crítica de Byung-Chul Han nos localiza enquanto os agentes do nosso tempo. Entendemos a partir de suas obras como a violência hoje atua no campo neuronal, assim como a organização social, econômica e política atua na esfera psíquica dos sujeitos com a *psicopolítica*. Han também nos oferece um vasto caminho para atuação com as mídias de comunicação digital, ao nos apresentar uma sociedade *desmediatizada*, em que as distâncias são eliminadas e em que todos podem consumir e produzir desenfreadamente, assim como nos revela o poder de sedução pornográfica que essa configuração social leva seus sujeitos. A organização do mundo como enxames é capaz de nos mostrar a confusão de se entender e encarar o presente, ao mesmo tempo que nos mostra a complexidade e as potências dessa época.

Vimos que a imagem pode ser inscrita como o suporte primordial ao que chamamos de hiperconexão, sobretudo as imagens técnicas, já que elas são o que temos contato nas telas que nos cercam hoje, assim como vimos a predominância das telas nas mais diversas esferas da vida. Revelamos que a disseminação das telas a partir das tecnologias de comunicação digital torna nossa vida cada vez mais refletida, mas não necessariamente com mais reflexão. Elaboramos que essa própria presença das telas, que marca o regime da hiperconexão, cria novas dinâmicas sensoriais, pois afasta em certo grau seus usuários. Neste sentido nasce a transição do toque para o *touch*. O toque, o tocar, a presença física e o que poderíamos contrapor antes ao virtual, passam a se transformar em *touch*. O *touch* apresenta-se como a

forma de contato e de comunicação na contemporaneidade, pois ele se dissemina por meio dos dispositivos da mídia digital. Vimos que não é mais pelo toque que podemos nos comunicar, mas pelo *touch*. O deslizar dos nossos dedos sobre telas passa a configurar a comunicação.

Vimos que a hiperconexão se coloca na contemporaneidade como um regime, pois ela passa atuar em todas as esferas da vida dos sujeitos. Um regime, pois molda uma forma de organização social, política e econômica. Um regime que, também notamos, exclui participantes que não detêm dispositivos digitais. O regime da hiperconexão é um regime em que prevalece tudo que é positivado, tudo que pode entrar na esfera de cálculo e de adição. Pelo trabalho aqui apresentado, compreendemos que esse regime segue lógicas econômicas de apropriação e acúmulo de capital já conhecidos pelas sociedades, porém acrescidos dessa vez de técnicas não antes amplamente difundidas ou entendidas no senso comum, como os algoritmos e o *big data*.

Apresentamos também que a hiperconexão tem sua estrutura na vida e na organização social e cultural de seus sujeitos, sendo um fruto do mundo hipermoderno em que o individualismo opera de modo central em detrimento de ações coletivas, sendo este uma de suas estratégias, pois uma vez que é estimulada culturalmente a busca por realização pessoal e consumo, o sujeito se coloca apto a abdicar do escutar o outro e o estrangeiro, colocando-se em uma espiral em que tudo que valoriza é a perpetuação do igual e do familiar. Ainda nesse sentido sociocultural, vimos que as dinâmicas de tempo e percepção de tempo contemporâneo contribuem para a solidificação da hiperconexão como um eixo central das nossas vidas hoje. Diante de dias e cotidianos cada vez mais acelerados, entendemos e conceituamos que o tempo também é uma categoria que pode ser alterado socialmente para cumprir satisfações dos detentores de poder, sendo, neste sentido, o sono, a pausa e o descanso, as últimas categorias a serem dominadas pelas estruturas do capitalismo neoliberal.

Entendemos a comunicação sob a ótica da hiperconexão, pois assim compreendemos que os dados são os novos reis de todas as esferas de poder da contemporaneidade hiperconectada. A presença dos mecanismos de *big data* passam a integrar as esferas sociais e garantem otimização a todas as práticas no universo ubíquo do digital. Vimos que, apesar do senso comum de neutralidade, existem riscos na comunicação dominada por algoritmos e *big data*, pois eles são reféns também de viéses de seus próprios autores. Este ponto acende um alerta importante para as reflexões e estudos futuros, pois é um eixo de grande importância democrática para as comunicações. Apesar da fantasia do digital carregar a objetividade e perfeição, esses exemplos nos mostraram que as técnicas e tecnologias podem

ser falhas e perpetuar opressões seculares, porém, de forma ainda perspicaz, munidas de um alto grau de cálculo.

Vimos também o que está em jogo na fabricação de valor que o regime de hiperconexão coloca sobre a comunicação contemporânea, já que a evolução tecnológica atrelada à evolução do capitalismo criou um mecanismo de fabricação de valor a partir do olhar, e é a partir da nossa interação com imagens nas telas que o valor é criado. Por este motivo, as maiores e mais ricas empresas hoje não possuem bens físicos, mas sim dados e bens simbólicos. O capitalismo de vigilância mapeia todas as nossas ações e rastros digitais nas plataformas e quantifica isso de modo a gerar capital, em um jogo sedutor em que cada vez consumimos mais em *feeds* intermináveis.

Esse mecanismo até então inédito, mas visto aqui como uma marca central e diferencial das comunicações no regime de hiperconexão, só é possível pois hoje as plataformas e empresas, sobretudo as *big techs*, conseguiram atingir a psique dos usuários. Vimos que não mais usuários somos, mas sim produtores, quase que trabalhadores dessas plataformas que usamos todos os dias para nos entreter, informar, comunicar e construir nossa existência no mundo. Essas técnicas só puderam ser observadas, pois atrelamos às ciências da comunicação outras áreas do saber a fim de encontrarmos caminhos interpretativos, e isso também nos revelou a necessidade do constante questionamento sobre essas dinâmicas que nos são inseridas hoje. Podemos sempre pensar no jargão "se é de graça esse serviço, quem o está pagando?", aqui, muitas vezes, dentro das plataformas digitais, vimos que nós estamos pagando. Estamos trabalhando para essas plataformas, oferecendo lucro a partir do nosso uso, do nosso olhar, do nosso *touch*.

Vimos também que a comunicação, dentro do regime da hiperconexão, pode atuar como um eliminador de distâncias no sentido de afastar o outro, eliminando-o em sua alteridade, de modo até mesmo contraditório, pois nos passa a sensação de proximidade. Para ser escutado, o diferente precisa ser reconhecido e localizado como diferente. Do mesmo modo, este regime consegue inverter os ideais de liberdade, fazendo com que os usuários sintam-se livres, ao passo que estão coagidos dentro de dinâmicas elaboradas de modo matemático. Esses efeitos podem ser catastróficos quando utilizados a fim de reordenar as configurações políticas, como nos casos de eleições apresentadas e em distribuição de renda e financiamentos, por exemplo.

Por fim, vimos que a evolução do toque para o *touch* é uma característica que rompe com nossas lógicas familiares de atuação, estudo e concepção. Já que assim existe uma descorporificação do que estamos acostumados, inserindo-nos em dinâmicas que estamos

atuando sem saber todos os seus efeitos. Apresentamos problemas já apontados pela sensação de *together alone* nas plataformas digitais, assim como possíveis efeitos negativos à saúde mental dos usuários. Diante, especialmente da pandemia do COVID-19, que nos obrigou a buscar todos os contatos possíveis por meio do digital, podemos afirmar que somos hiperconectados. Não mais experimentamos diferentes modos de vida, uma que seja conectada e outra que não seja. Concluímos que habitamos o mesmo plano, em que os elementos da hiperconexão passam a integrar a nossa própria constituição de estar vivo e atuar enquanto sujeito, enquanto comunicantes.

Finalizamos este trabalho ressaltando a ideia de que o digital não é apenas um afluente dos outros campos da comunicação, mas um verdadeiro rio, ao qual todas outras práticas sociais, culturais e econômicas afluem e convergem, criando assim a hiperconexão. Além disso, examinar a hiperconexão a partir também de sua materialidade nos possibilita encarar o fenômeno do nosso tempo, pois consideramos que é esse próprio regime que produz esses efeitos, desdobramentos e técnicas que até então não estavam postos. As novas telas, o *touch* e as imagens que hoje se destacam em cada uma de nossas ações *online* mudam e moldam as fronteiras do visível, da linguagem e do comunicável. Nesse entendimento, a hiperconexão como um objeto teórico nos permite examinar como as próprias mídias digitais são, ao mesmo tempo, no contemporâneo, potencialmente definidoras de epistemologias para a comunicação e ferramentas heurísticas para a análise de suas práticas e processos.

Para além dos aspectos aqui estudados, ressaltamos a necessidade da ampliação dos estudos e pesquisas que centralizam o digital e suas mais diferentes formas de atuação na sociedade contemporânea, sobretudo nos campos de reflexão crítica, teórica e filosófica, a fim de colocar o digital na esfera dos questionamentos e não apenas no campo de protocolos e práticas. Com tudo isso, deixamos alguns questionamentos que podem vir a ser desenvolvidos como: quais são as possibilidades de elaborar e incorporar novas concepções para as teorias da comunicação que incluam a crítica dos meios digitais em sua constituição? Como encarar e entender a própria comunicação em uma cultura dominada pelo digital? Como as ordens sociais, culturais e sensoriais se reconfiguram com a hiperconexão?

Esperamos que este trabalho e a busca por respostas a essas perguntas, assim como a inserção de outras, enriqueçam os arcaibouços teóricos das ciências da comunicação, para que se possa pautar na construção de uma comunicação cada vez mais comprometida com os ideais democráticos, inclusivos, contemporâneos e que possam se valer da crítica como forma de construção de uma sociedade mais plural e preparada para as futuras gerações e tecnologias.

6. Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Notas sobre o gesto. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. **Artefilosofia**, Ouro Preto, n.o 4, pp. 09-14, jan. 2008.

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Pólen, 2019.

ALTER, Adam. **Irresistível**: por que você é viciado em tecnologia e como lidar com ela. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

ALVES, Soraia. "Dicionário Macquarie elege "cultura do cancelamento" como o termo de 2019". **B9**, 02/12/2019. Disponível em <https://www.b9.com.br/118160/dicionario-macquarie-elege-cultura-do-cancelamento-como-o-termo-de-2019/>> Acesso em 10/05/2021.

ANDERSON, Chris. The End of Theory: The Data Deluge Makes the Scientific Method Obsolete. [S. l.]: **Wired**, 2008. Disponível em: <https://www.wired.com/2008/06/pb-theory/>. Acesso em: 8 ago. 2022.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas, SP: Papirus, 2012.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Existências penduradas**: selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2019.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

BENITES, Afonso. A máquina de 'fake news' nos grupos a favor de Bolsonaro no WhatsApp. [S. l.]: **El País**, 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/26/politica/1537997311_859341.html. Acesso em: 8 ago. 2022

BENTHAM, Jeremy. O panóptico. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O panóptico/Jeremy Bentham**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. São Paulo: Editora Ubu, 2019.

BORGES JUNIOR, Eli. Apontamentos sobre a fruição da imagem midiática contemporânea. In: SOUZA E SILVA, Wagner (Org.). **Tecnoimagética**: vida esparramada em superfícies. São Paulo: ECA-USP, 2021b.

BORGES JUNIOR, Eli. Novas formas de operar o real? Algumas implicações estéticas e éticas do toque sobre imagens. Monograma. **Revista Iberoamericana de Cultura y Pensamiento**, n.o 8, pp. 161-180. doi: 10.36008/monograma.2021.08.2054. <http://revistamonograma.com>. ISSN: 2603-5839, 2021a.

BORGES JÚNIOR, Eli. Teoria da forma Algorítmica. **Entre uma estética e uma ética dos algoritmos**: relações entre imagem, fruição e ação. 2020. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. doi:10.11606/T.27.2020.tde-25022021-101012. Acesso em: 2022-08-10.

BRIDLE, James. **A nova idade das trevas**: A tecnologia e o fim do futuro. São Paulo: Todavia, 2019.

BROUSSARD, M. **Artificial unintelligence**: How computers misunderstand the world. Cambridge: MIT Press, 2018.

BUCCI, E.; VENANCIO, R. O Valor de Gozo: um conceito para a crítica da indústria do imaginário. **MATRIZES**, v. 8, n. 1, p. 141-158, jan/jun. 2014

BUCCI, E. O espetáculo e a mercadoria como signo. In: NOVAES, A. (org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac, p. 219-232, 2005.

BUCCI, E. Televisão Objeto: **A crítica e suas questões de método**. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação. São Paulo: ECA-USP, 2002.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

BUTLER, Judith. **Os sentidos do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CACIOPPO, John T.; PATRICK, William. **Loneliness**: Human Nature and the Need for Social Connection. Nova York: W.W. Norton & Company, 2008.

CACIOPPO, John T. et al. "Loneliness as a specific risk factor for depressive symptoms: Cross-sectional and longitudinal analyses". **Psychology and Aging**, v. 21, n. 1, p. 140-51. 2006.

CACIOPPO, Stephanie; CAPITANIO, John P.; CACIOPPO, John T. "Toward a neurology of loneliness". **Psychological Bulletin**, v. 140, n. 6, p. 1464-504, nov. 2014.

CADWALLADR, Carole; ROSENBERG, Matthew; CONFESSORE, Nicholas. How Trump Consultants Exploited the Facebook Data of Millions. **The New York Times**, 17/03/2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/03/17/us/politics/cambridge-analytica-trump-campaign.html> > Acesso em 01/08/2022.

CADWALLADR, Carole. The great British Brexit robbery: how our democracy was hijacked. **The Guardian**, 07/05/2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/07/the-great-british-brex-it-robbery-hijacked-democracy> > Acesso em 01/08/2022.

CARNIEL, Guadalupe (ed.). 5 promessas tecnológicas que não viram a luz do dia. [S. l.]: **Canaltech**, 2022. Disponível em: <<https://canaltech.com.br/inovacao/promessas-tecnologicas-que-nao-viram-a-luz-do-dia/>> Acesso em: 08/08/2022.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura**: A crise da democracia liberal. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CASTRO, J. C. L. Redes sociais como modelo de governança algorítmica. *MATRIZES*, v. 12, n. 2, p. 165-191, maio/ago. 2018.

CHENEY-LIPPOLD, J. A New Algorithmic Identity: Soft Biopolitics and the Modulation of Control. *Theory, Culture & Society*, v. 28, n. 6, p. 164-181, 2011.

CODED BIAS. Direção: Shalini Kantayya. Produção: Shalini Kantayya. [S.l.]: Netflix, 2020. 1 vid. (90 min.), son. color.

COULDRY, Nick. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford, California : Stanford University Press, 2019.

CRARY, Jonathan. **24/7**: capitalismo tardio e os fins do sono. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, 171-188, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2021.

DARDOT, P.; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DAVIES, Harry. Ted Cruz using firm that harvested data on millions of unwitting Facebook users. **The Guardian**, 11/12/2015. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2015/dec/11/senator-ted-cruz-president-campaign-facebook-user-data>> Acesso em 01/08/2022.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRAY, Régis. **Vida e morte da imagem**: uma história do olhar no Ocidente. Petrópolis: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, G. **Conversações**. 3. ed. São Paulo. Ed. 34, 2013.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

FERREIRA-LEMOES, P.P. **O sujeito e o gozo escópico na sociedade contemporânea conectada**. Tese de Doutorado em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014.

FLORIDI, Luciano. **The Fourth Revolution**: how the infosphere is reshaping human reality. Oxford: Oxford University Press, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Relume Dumará, 2002.

FLUSSER, Vilém. **Gestos**. Apresentação de Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2014.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia a do design e da comunicação. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

FOGEL, G. L. **Do "Coração-Máquina"** - Ensaio de aproximação à questão da tecnologia. Da Solidão Perfeita - Escritos de Filosofia. Petrópolis: Vozes, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Trad. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2011.

FREITAS, J. M. M. de. **Comunicação e psicanálise**. São Paulo: Escuta, 1992.

FREUD, Sigmund. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos. (1920-1923)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: _____. **Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)**.

Rio de Janeiro: Imago, 1980. p. 119-231. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

GELI, Charles. Byung-Chul Han: “Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização”. **El País**, Barcelona 07/02/2018. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/07/cultura/1517989873_086219.html>. Acesso em 01/05/2021

GIANESINI, Giovanna; BRIGHI, Antonella Brighi. 2015. “Cyber- bullying in the Era of Digital Relationships: The Unique Role of Resilience and Emotion Regulation on Adolescents’ Adjustment”. **Sociological Studies of Children and Youth**, v. 19, p. 1-46, set. 2015.

GILLESPIE, T. Platforms are not intermediaries. **2 GEO. L. TECH. REV.**, v. 198, 2018.

GILLESPIE, T. The relevance of algorithms. In: GILLESPIE, T.; BOCZKOWSKI, P. J.; FOOT, K. A. (Ed.). **Media Technologies**: Essays on Communication, Materiality, and Society. Cambridge: The MIT Press, 2014.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2022

HAN, Byung-Chul. **Agonia do eros**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017c.

HAN, Byung-Chul. **A salvação do belo**. Petrópolis: Editoras Vozes, 2019a.

HAN, Byung-Chul. **Bom entretenimento**. Petrópolis: Editora Vozes, 2019c.

HAN, Byung-Chul. **Capitalismo e impulso de morte**: Ensaios e entrevistas. Petrópolis: Editora Vozes, 2021d.

HAN, Byung-Chul. **El aroma del tiempo**: un ensayo filosófico sobre el arte de demorarse. Barcelona: Herder, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Favor fechar os olhos**: em busca de um outro tempo. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

HAN, Byung-Chul. **Hiperculturalidade**: Cultura e globalização. Petrópolis: Editora Vozes, 2019d.

HAN, Byung-Chul. **Louvor à Terra**: uma viagem ao jardim. Petrópolis: Editora Vozes, 2021e

HAN, Byung-Chul. **Morte e alteridade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2020a.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: Perspectivas do digital. Petrópolis: Editora Vozes, 2018a.

HAN, Byung-Chul. **O desaparecimento dos rituais**: uma topologia do presente. Petrópolis: Editora Vozes, 2021a.

HAN, Byung-Chul. **O que é poder?** Petrópolis: Editora Vozes, 2019b.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica**. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018c.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017b.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Editora Vozes, 2017a.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa**: a dor hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2021c.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis: Editora Vozes, 2018b.

HANDKE, Peter. **Ensaio sobre o cansaço**. São Paulo: Estação liberdade, 2020.

HARI, Johann. **Lost Connections**: Uncovering the real causes of depression — and the unexpected solutions. Londres: Bloomsbury, 2018.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

HEAWOOD, Jonathan. **Pseudo-public political speech**: Democratic implications of the Cambridge Analytica scandal. Londres: Impress, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaaios e conferências**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2006.

HOOKS, bell. **Teoria feminista**. São Paulo: Perspectiva, 2019.

HOOTSUITE WE ARE SOCIAL. Digital 2021 Global Overview Report. Disponível em <<https://wearesocial.com/blog/2021/01/digital-2021-the-latest-insights-into-the-state-of-digital>>. Acesso em 01/05/2021.

HUI, Yuk. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

KAUFMAN, Dora. **A inteligência artificial irá suplantará a inteligência humana?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

KERCKHOVE, Derrick. **A pele da cultura**: investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: Annablume, 2009.

KITTLER, Friedrich. **A verdade do mundo técnico**: ensaios sobre a genealogia da atualidade. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

KITTLER, Friedrich. **Gramofone, Filme, Typewriter**. Trad. Daniel Martineschen, Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte e Rio de Janeiro: Editora UFMG e Ed. Uerj, 2019.

KOWALSKI, Robert. Algorithm = logic + control. **Communications of the ACM**, v. 22, n. 7, p. 424-436, 1979. Disponível em: <https://www.doc.ic.ac.uk/~rak/papers/algorithm%20=%20logic%20+%20control.pdf> Acesso em 09/08/2022.

KOZINETS, Robert. **Netnography: Doing Ethnographic Research On-line**. Londres: SAGE Publications, 2010.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise (1969-1970)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: mais, ainda**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

LALAYANTS, Marina; PRINCE, Jonathan D. "Loneliness and Depression or Depression-related Factors Among Child Welfare-involved Adolescent Females". **Child and Adolescent Social Work Journal**, v. 32, n. 2, p. 167-76, 2014.

LAZZARATO, Maurizio.; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. São Paulo: Editora Record, 2006.

LAZZARATO, Maurizio. **Signos, Máquinas, Subjetividades**. São Paulo: SESC; n-1 edições, 2014.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A cultura-mundo: respostas a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. **A Estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri: Manole, 2005.

LIPOVETSKY, Gilles. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAGALHÃES, André Lourenti. "6 aplicativos de listas de tarefas para tornar seu dia mais produtivo". **Canaltech**, 02/11/2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/apps/melhores-aplicativos-listas-tarefas/>. Acesso em 14/05/2021.

MARÍN-DÒMINE, Marta. **Traduzir o desejo**: psicanálise e linguagem. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2015.

MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

MBEMBE, Achille. **A crítica da razão negra**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCLUHAN, Marshall; FIORE, Quentin. **O meio é a mensagem**. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

NIETZSCHE, Friederich. **Humano, demasiado humano**. Brasil: Lebooks Editora, 2019.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. Santo André: Editora Rua do Sabão, 2020.

O DILEMA DAS REDES. Direção: Jeff Orlowski. Produção: Larissa Rhodes. [S.l.]: Netflix, 2020. 1 vid. (94 min.), son. color.

PARIGI, Paolo; HENSON, Warner. "Social Isolation in America". **Annual Review of Sociology**, v. 40, p. 153-171, jan. 2014.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012

PRIVACIDADE HACKEADA. Direção: Karim Amer e Jehane Noujaim. Produção: Karim Amer, Geralyn White Dreyfous, Judy Korin e Pedro Kos. [S.l.]: Netflix, 2019. 1 vid. (113 min.), son. color.

QUINET, Antônio. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

ROSA, Hartmut. **Aceleração**: A transformação das estruturas temporais na Modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ROSA, Hartmut. **Alienación y aceleración**: hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. Madrid: Katz, 2016.

RUDIGER, Francisco. **As teorias da Comunicação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos hiper-híbridos**: linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo, Cultrix, 2006.

SILVEIRA, S. A. **Tudo sobre tod@s**: redes digitais, privacidade e venda de dados pessoais. São Paulo: Edições SESC, 2017.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOUZA, Aurélio. **Os discursos na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

TOLENTINO, Jia. **Falso espelho**: reflexões sobre a autoilusão. São Paulo: Todavia, 2020.

TURKLE, Sherry. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

TURKLE, Sherry. Fronteiras do real e do virtual. **Revista Famecos**. Porto Alegre, dezembro de 1999. n.11. p. 117 – 123.

TURKLE, Sherry. Technology and Human Vulnerability: A Conversation with MIT's Sherry Turkle. **Harvard Business Review**, Sep. 2003. p. 43-51.

WELLMAN, Barry. "Physical place and cyberspace: the rise of personalized networking". **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 25, n. 2, p. 227-252, 2001.

WINE, Noga. **Pulsão e inconsciente**: a sublimação e o advento do sujeito. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

ZUBOFF, Shoshana. Big Other: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação. In: BRUNO, Fernanda; CARDOSO, Bruno; KANASHIRO, Marta; GUILHON, Luciana; MELGAÇO, Lucas. **Tecnopolíticas da vigilância**: perspectivas da margem. São Paulo: Boitempo, 2018.

